

ANNE MICHELLE DE ARAÚJO DANTAS



Os memes na construção identitária do professor de língua inglesa: um ressoar de vozes no facebook



Natal/RN
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUISTICA APLICADA

Anne Michelle de Araújo Dantas

OS MEMES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA: um ressoar de vozes no *Facebook*

Natal/RN

2018

Anne Michelle de Araújo Dantas

**OS MEMES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA: um ressoar de vozes no *Facebook***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística Aplicada. Eixo temático: Estudos de Práticas Discursivas.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Varella Bezerra de Faria.

Natal/RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Dantas, Anne Michelle de Araújo.

Os memes na construção identitária do professor de língua inglesa: um ressoar de vozes no Facebook / Anne Michelle de Araújo Dantas. - 2018.

126f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marília Varella Bezerra de Faria.

1. Linguagem. 2. Identidade docente. 3. Facebook (Rede social on-line). 4. Memes. 5. Professor de Língua Inglesa. I. Faria, Marília Varella Bezerra de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'33

Anne Michelle de Araújo Dantas

**OS MEMES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA: um ressoar de vozes no *Facebook***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Marília Varella Bezerra de Faria (Orientadora/Presidente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (Examinadora Externa)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Maria Bernadete Fernandes De Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Natal/RN
31/07/2018**

Ao meu pai, Francisco Marcelo (*in memoriam*) e aos meus avós Teonila Amélia e Luiz Neto (*in memoriam*). Ao primeiro, por ver refletido na mulher que sou os seus gostos, suas capacidades e princípios. Somos partes indissolúveis um do outro. Aos segundos, por me amarem de forma tão afetuosa e sem limites. Somos o amor em plenitude. A todos eles, meu amor e reconhecimento. Pois, por ora, prefiro não falar de saudade, mas do amor que juntos dividimos e que norteará minha vida até o fim.

AGRADECIMENTOS

*Toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas.
É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar...*

Gonzaguinha

Começo agradecendo a Deus e a Nossa Senhora Sant'Ana, por sempre me concederem sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar. Obrigada pela fé de recomeçar.

À minha tia Telma Lúcia, essa mulher que não me gerou, mas me amou, cuidou, direcionou e incentivou desde o primeiro instante de vida. Meu porto seguro, meu equilíbrio. Foi seu amor que me fez chegar até aqui.

A meu tio Dedé, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos. Espero um dia poder retribuir tanto carinho e dedicação.

À minha orientadora, professora Marília Varella, para quem não há agradecimentos que cheguem. Acreditou no meu trabalho desde o primeiro momento, me acolheu, me guiou e desvelou-me um mundo o qual não pretendo mais abandonar. Resumi-la à minha orientadora acadêmica é pouco, pois a caminhada nos direcionou a sermos mais do que isso, suas lições foram de vida. Aquele *sim* dado na fase de seleção do mestrado mudou a minha trajetória. Obrigada por se constituir meu exemplo maior de educadora. Quando “crescer”, eu quero ser como você.

À Penha Casado Alves e Bernadete Oliveira, professoras que poderiam ter passado por minha vida de forma singela, como quando cruzamos com tantos outros na vida acadêmica, mas não foi assim. A cada troca, a cada aula e interação, descobri, através de vocês, a essência deste “outro” que tanto discutimos nas pesquisas bakhtinianas. Obrigada por me acolherem, me enriquecem e, sobretudo, por me tornarem um ser humano melhor.

À Profa. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, que tão gentilmente aceitou participar e colaborar com esta dissertação.

À minhas amigas, Flávia, Diana e Magda. Dizem que o mundo acadêmico é repleto de coisas negativas, pessoas tentando puxar o tapete umas das outras. Assim, fui para o mestrado preparada para o pior, mas acreditem, lá encontrei o melhor. Encontrei as melhores amigas, companheiras e incentivadoras que alguém pode desejar: Diana, sempre disposta a ajudar, sabia das minhas dificuldades: cursando mestrado em Natal, lecionando em Santana do Matos e filhos morando em Angicos, ufa! Não era fácil e ela não media esforços para tornar minha luta mais amena. Passávamos horas ao telefone trocando ideias, repassando o que foi dito nas aulas e fazendo planos para um futuro incerto, porém repleto de sonhos em comuns.

Magda é a pessoa com o coração mais bondoso que já encontrei. Ela compreendia bem o furacão de sentimentos, medos e incertezas que eu estava a vivenciar e que, de certa forma, precisava superar para seguir em frente. Foi justamente nesse momento que ela se tornou inevitável em minha vida, me mostrou que assim como ela, eu também iria conseguir. Sua força de vontade, inteligência e dedicação me inspiraram.

Flávia, minha parceira de pesquisa, começou como minha concorrente e acabou como melhor amiga. Ao conhecê-la percebi que tudo, apesar dos obstáculos, iria terminar bem, pois fazíamos parte de um plano maior: *os desígnios divinos*. Não estávamos ali juntas em vão, nada tinha sido mera obra do acaso, mas era a obra de um Pai amoroso que nos rege e guarda. Ela foi exatamente isso em minha vida, um presente divino dado para lembrar-me que Deus nunca nos abandona. E, no final, tudo se deu exatamente como ela sempre falava: entramos juntas, sairemos juntas! Obrigada, minhas três amigas, sem vocês a estrada teria sido fria, solitária e sem alegria.

À minha irmã, irmão e primas Kelly, Marcelo, Karol e Juliana, os laços de sangue nos uniram, mas o amor sempre falou mais alto em nossas vidas. Obrigada pela companhia constante.

A meu Tio Marcos e à minha mãe Tânia Leide, por me ensinarem a viver na simplicidade, pelo apoio e cuidado que dedicaram a mim e a meus filhos. Sem vocês eu não teria conseguido.

A todos os demais colegas de mestrado e pesquisa que vivenciaram momentos de estudo, de escritas de artigos, de tensão no decorrer desta jornada e, especialmente, de alegrias. Cito: Cintia, Erinaldo, Artur, Amália, Paulo e Morgana.

Por fim, agradeço aqueles que me dão sentido à vida: meus filhos, Kaio Luís e Theo Lucas. Pela compreensão e amor incalculável. Foi esse amor que nos fortificou e amparou nos momentos de ausência e solidão: na festa das mães que deixei de comparecer, nas noites em que estavam doentes e que me fiz ausente, pelas manhãs em que, simplesmente, não estava lá para abraçá-los. Enfim, pelos inúmeros momentos em que, como mãe, não pude estar presente. Porém, em meus pensamentos e orações, sempre os mantive por perto. Todos os dias, rogava a Deus para que sua proteção os alcançassem todas às vezes em que meu amor de mãe não estivesse por perto para lhes amparar. São vocês as razões maiores de todo esse esforço. É por vocês que busco ser melhor. Obrigada por serem as luzes que me guiam.

Na chegada do futuro que se torna presente, a cada transformação, a cada troca, novos alunos vão e vêm. Nós, professores, também não somos os mesmos... Porém, mudar, transformar-se, não é fácil. Nesse processo, como estamos? Diria que nós, professores, estamos a garimpar...

Moço, eu estou nesse negócio de catar pedras faz bem uns cinquenta anos. Muita gente me dizia para largar disso – cadê coragem? Cada um tem que viver procurando alguma coisa. Tem quem procure paz, tem quem procure briga. Eu procuro pedras. Mas foi numa dessas noites de minha velhice que entendi porque eu nunca larguei disso: só gente que garimpa pode tirar estrelas do chão.

Fernando de Azevedo

RESUMO

As redes sociais online passaram a representar um espaço de construção e expressão de identidades e valores na contemporaneidade. Como parte dessa cultura da *web*, os memes facilmente são associados como partículas de transmissão cultural, indicando comportamentos que são replicados através da imitação e interferindo, sobretudo, na maneira como nos vemos e nos posicionamos no mundo. O presente estudo intenciona discutir as identidades culturais de professores de língua inglesa que são construídas a partir de seus posicionamentos em memes compartilhados no *Facebook*. A pesquisa, de natureza qualitativa e interpretativista, insere-se na área da Linguística Aplicada, o que nos permite transitar, no campo teórico, por entre a tríade *Facebook*/identidade/linguagem, ancorando-se no modelo sócio-histórico de linguagem do Círculo de Bakhtin e nos Estudos Culturais (HALL, BAUMAN, WOODWARD). O corpus é constituído por 5 memes compartilhados por 4 professores de língua inglesa em 4 *fanpages* do *Facebook*: Profissão Professor, Professor Sofredor, Professora Sincera e Professora Indelicada. A análise discursiva dos memes revela que o “outro” é imprescindível na constituição da identidade do docente de língua inglesa, pois essa se funda e se forma nesse incessante processo dialógico de vozes sociais interconectadas *online* e *offline*. Os enunciados mostram que neste processo de negociação de identidades culturais no *Facebook*, o professor de língua inglesa compartilha com a representação da sua imagem como tendo sido “destronada” e “profanada” pela sociedade atual, com a de um sujeito que ganha pouco em relação a outras profissões, que não tem prestígio, que é oprimido pela classe dominante e, por isso é mal compreendido pelos alunos e pela própria sociedade. Porém tais assertivas descortinam um perigo: aquilo que é socialmente compartilhado passa a exercer grande força e a ganhar status de verdade. Daí, a necessidade de evitarmos reforçar esses discursos de desatualização e de desprestígio social, ancorados nos já-ditos e frutos de um longo processo histórico e cultural. Quem sabe assim, paulatinamente, consigamos alterá-los.

Palavras-chave: Linguagem. Identidade docente. Facebook. Meme. Professor de língua inglesa

ABSTRACT

Online social networks have become an environment of construction and expression of identities and values in contemporary times. As part of this web culture, memes are easily associated as particles of cultural transmission, indicating behaviors that are replicated through imitation and interfering – above all – on the way we see and express ourselves in the world. The present study intends to discuss cultural identities of English language teachers that are constructed from the way they express themselves on Facebook memes. The research has a qualitative and interpretative nature and is situated within the area of Applied Linguistics with its theoretical framework designed by the triad Facebook / identity / language. Thus, this study is based on a social and historical model of language of the Circle of Bakhtin and presents an interface with the Cultural Studies (Hall, Bauman, Woodward). Research data was gathered from 5 memes shared by 4 English language teachers on 4 Facebook fan pages: Profissão Professor, Professor Sofredor, Professora Sincera and Professora Indelicada. The discursive analysis of the memes reveal that the “other” is essential on the construction of the English language teacher identity, taking into account that the identity is built upon an incessant dialogical process of online and offline interconnected social voices. The utterances show that in this process of Facebook cultural identities negotiation, the English language teacher has been sharing his/her own image as "dethroned" and "profaned" by contemporary society as an underpaid professional when compared to other professions, who has no prestige, who is oppressed by the ruling class and is therefore misunderstood by students and society in general. However, such assertions reveal a danger: what is socially shared becomes powerful and earns truth status. Therefore, it is crucial to avoid these discourses of outdateness and of social discredit, which are anchored in a long sociohistorical and cultural process. Maybe, we can gradually change them.

Key-words: Language. Teaching Identity. Facebook. Meme. English Teacher.

NORMATIZAÇÃO ADOTADA

Dissertação normatizada conforme padrão da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) vigente – 14724:2011, explicitado nos manuais de apresentação de trabalhos acadêmicos de Silva e Silveira (2011) e Furasté (2011)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página Pessoal x <i>Fanpage</i>	37
Figura 2 - Meme 1 (As regalias do professor).....	86
Figura 3 - Meme 2 (Professor: Indivíduo Perigoso).....	90
Figura 4 - Meme 3 (O professor de Língua Inglesa)	95
Figura 5 - Meme 4 (Professora de quê?)	101
Figura 6 - Meme 5 (Professor bom é o nativo).....	105
Figura 7 - Retomada dos memes 1 e 2	110
Figura 8 - Retomada dos memes 3 e 4	111
Figura 9 - Retomada do meme 5	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Acrônimos	99
----------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Principais dificuldades vivenciadas	103
Gráfico 2 - Principais Recursos Utilizados	104

GUIA DE ACESSO

1 A PARTIR DE UM PRIMEIRO CLIQUE	16
2 ACESSANDO A REDE	25
2.1 INTERNET, CIBECULTURA E PÓS-MODERNIDADE: PRIMEIROS NÓS DE UMA NOVA REDE.....	25
2.2 REDES SOCIAIS	29
2.3 O FACEBOOK	34
2.3.1 <i>O meme digital: artefato de convergência cultural</i>	39
2.3.2 <i>Cronotopia no Facebook: arremates sobre o meme como um gênero da virtualidade</i>	44
2.3.3 <i>A Carnavalização e o Riso no Facebook: o meme como elemento cultural de subversão</i>	55
3 CADASTRANDO E EDITANDO O PERFIL.....	58
3.1 IDENTIDADES: PUXANDO AS “MEADAS” DESSES FIOS.....	58
3.2 LINGUAGEM E ALTERIDADE: FIOS ENREDADOS NUMA TESSITURA DIALÓGICA	63
3.3 A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: TECENDO “FIOS” COM OS ESTUDOS CULTURAIS	67
3.4 ENCONTRANDO AMIGOS, CRIANDO GRUPOS: O ESTADO DA ARTE	70
4 INTERAGINDO : CURTINDO, COMPARTILHANDO E COMENTANDO	76
4.1 METODOLOGIA	76
4.2 CONECTANDO OS SUJEITOS À PESQUISA.....	83
4.2.1 <i>englishteacher1</i>	84
4.2.2 <i>englishteacher2</i>	84
4.2.3 <i>englishteacher3</i>	84
4.2.4 <i>englishteacher4</i>	85
4.3 ANALISANDO POSICIONAMENTOS IDENTITÁRIOS MATERIALIZADOS SOB A FORMA DE MEMES NO FACEBOOK.....	85
4.3.1 <i>1º Print - Identidade x Condições sociais e materiais</i>	86
4.3.2 <i>2º Print - Identidade x Alteridade</i>	95
4.3.3 <i>3º Print - Identidade x Símbolos</i>	101
4.3.4 <i>4º Print - Identidade x Cultura</i>	105
4.4 DIALOGANDO COM OS MEMES.....	109
5 ACESSO ILIMITADO	116
REFERÊNCIAS	119

1 A PARTIR DE UM PRIMEIRO CLIQUE

*Nada do que foi será
De novo do jeito
Que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará.*

*A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito.*

*Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo.*

Lulu Santos

A cada minuto, passamos por constantes e velozes transformações, “[...] tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo. Tudo muda o tempo todo no mundo”. E, boa parte dessas transformações decorrem das vertiginosas evoluções socioculturais e tecnológicas do mundo atual e de como elas têm gerado incessantes mudanças nas organizações e no pensamento humano, transformando a forma de se comunicar, pensar, agir e, por que não dizer, de “existir” na atualidade. A tecnologia já faz parte da vida de muitas pessoas e, com ela, novas formas de linguagens se apresentam através das mídias digitais. A escrita solitária deu lugar ao compartilhamento em rede. A troca, antes restrita a poucos meios, hoje acontece também pela internet, permitindo a circulação de múltiplas visões de mundo, levando-nos a assumir diferentes posicionamentos identitários.

Nesse cenário de incessante avanço tecnológico, as redes sociais conectadas vêm se constituindo espaços cotidianos de interação social, revelando muito sobre o modo como as pessoas compreendem o mundo e nele se posicionam.

As pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações que desenvolvem durante toda sua vida, primeiro no âmbito familiar, em seguida na escola, na comunidade em que vivem e no trabalho; enfim, as relações que os sujeitos desenvolvem e mantêm é que fortalecem a esfera social.

Nesse ínterim, destacamos que a ideia de rede, apesar de ser relativamente antiga nas ciências humanas, apenas ganhou força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela *internet* (MARTINO, 2015). Como afirma Recuero (2009), as mais recentes descobertas tecnológicas, que propiciaram o surgimento do ciberespaço, permitiram a sua emergência como uma forma dominante de organização social.

A este respeito, assinalando o pensamento de Castells (1999, p. 565), as redes sociais constituem:

[...] uma nova morfologia social das nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, de poder e cultura. Embora a forma de organização em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

Com o advento da *internet*, a ideia de rede se ampliou, os laços que outrora eram fundados sob um vínculo social, como família e religião, nas redes da *internet*, por sua vez, tendem a ser menos rígidos. Em geral, esses laços, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica.

A relevância do advento dessas redes sociais provenientes da *internet* é tamanha que alguns estudiosos têm considerado esse fenômeno um dos maiores acontecimentos dos últimos anos e que, dentre tantas inovações, revolucionou, sobretudo, a maneira de se conceber a sociedade (CASTELLS, 1999; LEMOS; LÉVY, 2010) criando uma nova forma de organização social, deslocando as comunidades para a rede, interligando os envolvidos através de vínculos fluidos, rápidos e estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchando-se no instante seguinte (CASTELLS, 1999), ao contrário de outros agrupamentos humanos, nos quais existem vínculos duradouros.

Em linhas gerais, como bem coloca Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93):

[...] nas redes sociais, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes.

O contexto em que estamos inseridos, de redes sociais conectadas, desencadeia uma série de mudanças na rotina dos indivíduos. Castells (1999), um dos nomes mais eminentes na

área dos estudos sobre a era da informação, faz uma relação direta com o estudo das redes com a sociedade. Melhor dizendo, as redes sociais, para esse pesquisador, são “um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 1999, p. 498), que designam uma estrutura de rede onde os sujeitos se ligam através de laços sociais que se articulam em redes interconectadas por computadores.

Tal posicionamento vai ao encontro do pensamento da cibercultura elencado por Nayar (2010), que dialoga com estudos culturais britânicos formulados por vários autores desde os anos de 1950, entre eles, destacamos os estudos de Hall (2015), que procuram entender a cultura como um espaço de disputas entre discursos e representações sociais. Em outras palavras, as práticas cotidianas fazem parte da cultura dos indivíduos, grupos e classes sociais, e são elementos fundamentais para construção de identidades. Assim, identidades não existem naturalmente, mas são construídas nas relações sociais. No caso desta pesquisa, migrá-las para o ciberespaço¹ implica pensá-las como sendo (re)construídas em um ambiente dinâmico de tensões e conflitos de representação (MARTINO, 2015).

A opção por colocar em foco uma questão relacionada às redes sociais nasceu da premissa de que esses espaços discursivos vêm, a cada dia, ganhando maior importância, agregando um número considerável de usuários regulares. Nesse meio, destacamos o *Facebook* que, em passo acelerado, conquistou usuários do mundo inteiro e tornou-se a maior rede social de todos os tempos (KIRKPATRICK, 2011). Em outras palavras, tornou-se uma das maiores ferramentas de comunicação da *internet* em número de usuários (RECUERO, 2014).

Nessa linha de raciocínio, uma especificidade importante para investigações relacionadas ao *Facebook* é que, nele, a interação entre os indivíduos se realiza de maneira diferenciada. Dessa forma, é compreensível que as características das interações, mediadas por esta rede social, venham se tornando tema de debate acadêmico, notadamente, no que diz respeito às implicações na sociedade, na subjetividade dos participantes e das representações culturais imbricadas nesse ambiente virtual.

Sem dúvidas, muitas representações culturais/sociais encontram lugar no *Facebook* e as pessoas, sem se dar conta, comentam, curtem e compartilham suas representações, muitas das quais se constroem a partir de discursos lesivos à convivência humana. Com base nesses aspectos, o presente trabalho enfoca um dos objetos de representação que tem sido amplamente

¹ Como afirma Lévy (1999, p. 17), o ciberespaço é "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores". A partir disso, seria possível identificar a *internet* como sendo esse novo meio, levando à conclusão de que são a mesma coisa.

divulgado, discutido, comentado, curtido e compartilhado por milhares de usuários na rede social do *Facebook*, que é o professor de língua inglesa (LI).

Posto isso, este trabalho, debruça-se sobre a análise de um gênero que materializa uma nova forma de linguagem que se tornou popular dentro do *Facebook*: os chamados memes. De igual maneira, podemos dizer que o meme, visto como um gênero midiático contemporâneo, em um dado contexto sócio-histórico, revela, notadamente, a presença de personagens do mundo real proferindo discursos no ambiente virtual, é o ressoar de “vozes” no ciberespaço. As opiniões expressas, os traços ideológicos, as crenças estão cada vez mais engendradas nas falas dos indivíduos que interagem cotidianamente no *Facebook*, através de postagens próprias, ou de replicação de conteúdos recebidos. É o jogo da adesão, ou mesmo adoção de ideias, na qual a dinâmica do “curtir” e do “compartilhar” memes ganha cada vez mais espaço, proporcionando um descortinar espetacular de cultura e identidade, de sociabilidade e ubiquidade, de enredamento e comunicação.

É sabido que o termo “meme” apareceu pela primeira vez em 1976, com Richards Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta). Embora se tenha definido o meme como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330), alguns estudiosos em memética (termo que se refere ao estudo formal dos memes) têm variado quanto às definições desse vocábulo. Seguindo a linha de Dawkins (2007), para Blackmore (2000, p. 65), “os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação”. Ainda segundo essa autora, os memes têm sido (e são) uma força poderosa que molda nossa evolução cultural (BLACKMORE, 1999).

Interessante observar, contudo, que na cibercultura os usuários começaram a utilizar a palavra meme para se referir a tudo que se propaga, ou mesmo, se espalha aleatoriamente na grande rede, no geral são fragmentos com algum conteúdo humorístico. Pontua-se, porém, que “os memes são bem mais complicados e importantes do que apenas imagens engraçadas na internet (embora estas também sejam memes)” (GUNDERS; BROWN, 2010, p. 2, tradução nossa). Além disso, sabe-se que nem todos os “memes” se espalham como um vírus, contaminando uma quantidade significativa de pessoas, ou mesmo conseguem se propagar, o que requer uma análise mais aprofundada do caráter de longevidade de componentes mêmicos.

Partindo do conceito de “meme” (DAWKINS, 2007; BLACKMORE, 1999, 2000), este trabalho objetiva discutir que identidades culturais de professores de língua inglesa são construídas a partir do compartilhamento de memes em *fanpages* do *Facebook*, à luz da

concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin², o qual a compreende enquanto prática social. O palco empírico desta pesquisa se dá na investigação da cibercultura e das interações sociais e, logo, das formações culturais que se arrolam a esse cenário tecnocultural, nele, a caracterização pós-moderna, um roteiro a contemplar cultura, identidade, interações sociais e comunicação face à contemporaneidade, face à condição humana de existir.

Nos estudos de Hall (2015), a representação social é determinante para a constituição das identidades que são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Corroborando com essa discussão, nos estudos do Círculo de Bakhtin, Volóchinov ([1929]2017) afirma que o sujeito é social, já que emerge a partir das interações verbais com o “outro”, ou seja, a partir do diálogo com outros sujeitos sociais, nos permitindo afirmar que o sujeito bakhtiniano é dialógico por natureza, pois se constitui na interação com outros sujeitos. Conforme denota Faraco (2009, p. 81), “é no interior do complexo caldo da heteroglossia e de sua dialogização que nasce e se constitui o sujeito”.

Portanto, entende-se, nesta pesquisa, uma concepção de sujeito pós-moderno, especialmente amparada por Hall (2015), que nos remete a pensarmos as identidades do sujeito como um construto mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; o sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam as representações sociais da profissão (PIMENTA, 1996).

Sobre esta questão, Hall (2015, p.12) salienta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. Direcionando-nos para uma visão de identidade constituída dos “papéis” que o indivíduo incorpora socialmente. Ela será diferente de acordo com as situações; o sujeito é múltiplo. Dito isso, devemos entendê-la como um construto social manipulável e negociável pela linguagem, em seus mais diversos usos, em uma prática situada e sócio-historicamente posicionada.

A motivação para esta pesquisa encontra espaço em dois núcleos essenciais: o ambiente virtual do *Facebook*, espaço de replicação dos memes por parte dos professores de língua inglesa, e as discussões trabalhadas junto à linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação

² “O Círculo de Bakhtin trata-se de um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta da década de 1890), que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo. Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais, incluindo, dentre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e Mikhail Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel Medvedev” (FARACO, 2009, p. 13).

em Estudos da Linguagem³ (PPgEL/UFRN), sob a qual se ampara este trabalho: Linguagem e Práticas Sociais. No primeiro núcleo, pudemos perceber, na convivência diária com colegas de trabalho, também professores de língua inglesa, que ao se tornarem partícipes de algumas *fanpages* que versavam acerca da profissão docente, diariamente, compartilhavam, curtiam e comentavam os memes ali expostos. Fato esse que motivou originalmente a questão norteadora da pesquisa: ao compartilhar os memes dessas *fanpages*, que posicionamentos identitários os docentes de língua inglesa da rede pública de ensino estavam assumindo? Quanto ao segundo núcleo, trata-se da mola propulsora na busca de uma ampliação da pesquisa, elucidando-a e tornando-a mais consistente.

Metodologicamente, o trabalho está amparado pelo paradigma qualitativo-interpretativista no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Ademais, insere-se na Linguística Aplicada (LA), o que contribui para que sua autenticidade dependa dos significados e entendimentos existentes dentro de uma determinada cultura, (MOITA LOPES, 1996, 2006; OLIVEIRA, 2016; RAJAGOPALAN, 1998) compartilhando o pensamento de que, no mundo contemporâneo, a concepção de sujeito social tem sido constantemente questionada e reescrita “trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso” (MOITA LOPES, 2006, p. 22).

Assim, o presente estudo visa discutir as construções identitárias dos professores de língua inglesa, a partir de seus posicionamentos em memes compartilhados em *fanpages* do *Facebook*, sob a perspectiva da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, o qual compreende que é pela linguagem que o indivíduo define e estabelece sua identidade. Com vistas a isso, buscamos responder aos seguintes questionamentos:

- a) Que identidades culturais de professores de LI são construídas a partir do compartilhamento de memes no *Facebook*?
- b) Que relações dialógicas são estabelecidas por essas identidades culturais?

No intuito de responder a esses questionamentos, elencamos como objetivos da pesquisa:

³ Arelado à presente discussão, unimos esta investigação aos estudos voltados para as questões identitárias, precisamente no projeto de pesquisa *A construção identitária da cidade múltipla*, coordenado pela Profa. Dra. Marília Varella Bezerra de Faria, na área de estudos em Linguística Aplicada, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e vinculado ao grupo de pesquisa do CNPq intitulado Práticas Discursivas na Contemporaneidade. Além do presente grupo, a pesquisadora é partícipe, desde 2016, do projeto de extensão denominado Ciclo de Estudos: diálogos com o círculo de Bakhtin, coordenado pela Profa. Dra. Maria da Penha Alves Casado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

- a) Investigar as identidades culturais de professores de LI construídas a partir de discursos que circulam nos memes compartilhados por esses sujeitos no *Facebook*;
- b) Pesquisar as relações dialógicas estabelecidas por essas identidades culturais.

Para alcançarmos tais objetivos, traçamos o seguinte caminho: inicialmente, elucidamos que, por se tratar de uma pesquisa que envolve uma rede social, achamos interessante, dividir os capítulos seguindo uma sequência onde simulamos o passo a passo de criação de um *Facebook*, uma espécie de guia de acesso para os navegantes recém-chegados na rede social.

Nesta seção, *A partir de um primeiro clique*, justificamos a escolha do tema, definimos nosso objeto de estudo, apresentamos nossas questões de pesquisa e objetivos, além de apontarmos o embasamento teórico pelo qual nos orientamos. Posteriormente, nomeamos as outras partes que compõem esta dissertação da seguinte forma: 2) Acessando a rede, 3) Cadastrando e editando o perfil, 4) Encontrando amigos, criando grupos: o estado da arte; e 5) Interagindo: curtindo, compartilhando e comentando. Feito isso, fizemos a triangularização com a base conceitual, enfocando *Facebook*/identidade docente/linguagem. Enfatizamos que optamos por não eleger um capítulo exclusivo para a linguagem, visto que, na presente pesquisa, a mesma encontra-se como base conceitual norteadora e, por assim ser, a vislumbramos claramente, entrecruzada em todos os capítulos que seguem.

Na segunda seção, intitulada *Acessando a Rede*, como o próprio denota, o que está em evidência é a rede social *Facebook*, vista enquanto elemento cibercultural de uma sociedade interconectada (LÉVY, 1999; CASTELLS, 1999; RECUEIRO, 2009; 2014). Na sequência, abordamos um termo que vem sendo bastante viralizado no *Facebook*: o meme (DAWKINS, 2007; BLACKMORE, 2000). Ao enfatizá-lo, laçamos um novo olhar, posicionando-o como um artefato da cultura da convergência (JENKINS, 2009), encarando-o como um gênero da virtualidade (CASADO ALVES, 2012; TANZI NETO; MELO, no prelo). Fechamos a segunda seção discorrendo sobre a carnavalização e o riso no *Facebook*, quando refletiremos sobre os postulados bakhtinianos, remontando ao humor no renascimento, descrevendo que o riso “tem um profundo valor de concepção do mundo” (BAKHTIN, 2013, p. 57).

Após essa caracterização da rede social *Facebook*, na terceira seção denominada *Cadastrando e editando o perfil*, somos conduzidos a refletir o trinômio identidade-linguagem-cultura, pois compreendê-lo é a chave para que, posteriormente, possamos refletir sobre as identidades culturais do professor de língua inglesa na contemporaneidade. O aprofundamento dessa temática iniciar-se-á por uma revisão teórica sobre o conceito de identidade cultural a partir de alguns autores com proximidades epistemológicas quanto a objetos de estudo como o

fenômeno da globalização (HALL, 2015; BAUMAN, 2005; WOODWARD, 2014), sendo a identidade compreendida como culturalmente formada e, por sua vez, ligada à discussão das identidades coletivas. Posteriormente, entrelaçaremos os fios entre identidade/linguagem/alteridade (BAKHTIN, 2015^a, 2015b, 2016b; OLIVEIRA, 2013; FARIA, 2007).

Vale ressaltar que a partir do entendimento desse construto é que poderemos de fato compreender o emaranhado de fios que constituem a trama das identidades culturais do professor de língua inglesa. No último subitem, teceremos fios com os estudos culturais, intencionando discutir como o professor de língua inglesa se vê na contemporaneidade, face este contexto histórico/cultural e, principalmente, como esse vem desenhando a sua identidade cultural, procurando entender o conceito de identidade ancorado na perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais (PIMENTA, 1996; NÓVOA, 1995).

Dando continuidade, ainda nesta seção, elegemos o tópico *Encontrando amigos/criando grupos*, como sendo o constitutivo de nosso estado da arte. Nele, propomos, como o próprio nome sinaliza, encontrar “amigos” que pudessem elucidar sobre a temática escolhida para a presente pesquisa. Assim, realizamos uma revisão literária em trabalhos produzidos que se aproximavam da temática aqui proposta. A leitura nos forneceu um maior embasamento, além de acentuar a importância do presente estudo, visto que não encontramos, entre os escritos pesquisados, nenhum trabalho que discorresse sobre a problemática aqui levantada.

Na quarta seção, *Interagindo: curtindo, compartilhando e comentando*, descrevemos ações que nos remetem à interação no ambiente virtual através do compartilhamento, das curtidas e dos comentários que realizamos no *Facebook*. Por esse motivo, decidimos tratar nesta, da metodologia e da análise dos dados. O corpus da pesquisa é constituído de 5 memes de 4 *fanpages* que versavam sobre a ideia de “ser” professor e que foram compartilhados por 4 professores de língua inglesa da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Norte. Esses memes não tiveram menos de 1000 (mil) curtidas, 3.000 (três mil) compartilhamentos e 500 (quinhentos) comentários, cada um, e foram selecionados com base em quatro critérios: o recorte temático, o recorte temporal, o recorte quantitativo e o maior número de compartilhamentos, curtidas e comentários. Posteriormente, arrolaram-se a fase de observação e, concomitante com a fase de aprofundamento teórico, deu-se a fase das primeiras análises, onde emergiram dos dados 4 categorias inter-relacionáveis: a) 1º Print: Identidade x Condições sociais e materiais; b) 2º Print: Identidade x Linguagem; d) 3º Print: Identidade x Símbolos; e) 4º Print: Identidade x Cultura. Após essa fase, passamos à inferência sobre a representação que os sujeitos compartilhavam em relação à profissão de professor de língua inglesa.

Por fim, nas considerações finais, denominada propositalmente de *Acesso ilimitado*, devido ao infindável número de vezes que o usuário poderá se conectar e interagir, retomamos os pontos considerados como mais relevantes dentre aqueles discutidos durante a apresentação dos dados, destacando algumas implicações da pesquisa. Não vislumbramos, com essas (in)conclusões, colocar um fim na discussão, ou até mesmo aferir identidades aos docentes, mas esperamos promover uma reflexão sobre que identidades culturais estão sendo formadas e replicadas diariamente em forma de memes no *Facebook*.

Assim, conectar-se, neste trabalho, é aguçar os sentidos para a criticidade, para outros modos de ver como textos sociais, aqui na forma de memes, carregam vozes diversas que moldam as formas reais do ser docente.

2 ACESSANDO A REDE

2.1 *INTERNET*, CIBECULTURA E PÓS-MODERNIDADE: PRIMEIROS NÓS DE UMA NOVA REDE

A íntima vinculação entre internet, cibercultura e pós-modernidade dá origem a uma espécie de rede que envolve toda a vida social contemporânea. É inegável que a correlação estabelecida entre esses três fenômenos arquiteta um processo responsável não somente por alterar o que se entende por política, arte, economia, linguagem e cultura, mas, sobretudo, a maneira como o ser humano entende a si mesmo, seus relacionamentos, problemas e limitações (MARTINO, 2015).

É quase um exercício de imaginação pensar o cotidiano sem a presença da *internet*. Sua história já pode ser considerada bem conhecida no tempo contemporâneo. Em um curto período de cinco anos, entre 1990 e 1995, a *internet* deixou a exclusividade dos espaços estatais e/ou especializados, abrindo-se ao público em geral, popularizando-se e democratizando-se (ROSA; SANTOS, 2013).

Muito desse movimento deu-se graças aos computadores pessoais se tornarem menores (até mesmo portáteis) e mais baratos, bem como aos “navegadores e sistemas operacionais fundados na simulação e na cultura da interface, que facilitavam o uso dos microcomputadores pelo público leigo” (TURKLE, 1995, p. 29). Tudo estava ao alcance do leigo: em termos estruturais, um microcomputador com acesso à *internet* (via provedores desde então privatizados) era uma aquisição possível e acomodável ao ambiente doméstico. Em termos técnicos, não era mais necessário que o leigo soubesse um punhado de códigos ou comandos para realizar sua “navegação” ou simplesmente para excluir um arquivo, bastava que ele clicasse nos ícones que simulavam a interface de itens do dia-a-dia, como a lixeira, as pastas, as folhas de papel e o botão *play*.

Não obstante os grandes desafios e inquietações que contemporaneamente orbitam a internet, os quais advêm da sua natureza e de seu funcionamento, seria despropositado para os intentos deste trabalho realizar um aprofundamento técnico sobre “o que é” e “como funciona” a *internet*. Por ora, basta dizer que ela é “*a loose arrangement of connected but autonomous networks of devices*”⁴ (RYAN, 2010, p. 31) ou, em termos pragmáticos, uma complexa rede

⁴ “Um arranjo frouxo de redes de dispositivos conectados, mas autônomos” (tradução da autora).

mundial formada por redes de computadores que permitem aos dispositivos conectados diversas formas de comunicação, acesso/troca de informação e experimentação.

A partir dessa democratização e descentralização dos conhecimentos informáticos para a livre participação e colaboração dos praticantes culturais, a abertura de códigos de programação tem propiciado a construção colaborativa horizontal e o aperfeiçoamento constante de programas/aplicativos/serviços conforme seus interesses e necessidades. Com isso, os serviços e conteúdos deixaram de ser restritos (armazenados em dígitos rígidos locais de artefatos tecnológicos) e limitados (manipulados somente com conhecimento em programação), tornando-se públicos (armazenados em bancos de dados remotos) dinâmicos e intuitivos, oferecidos e executados diretamente na *web*⁵. Assim, a evolução das diferentes gerações da *web* (1.0, 2.0, 3.0) possibilitou o surgimento de um fluxo ininterrupto de informação, cujas reflexões são comprometidas. A *web* representa uma reorganização das relações entre produtores comerciais e o social, à medida que *softwares* sociais (*YouTube*, *Facebook*, *Twitter*) são disponibilizados na *internet*, encorajando a participação e a co-criação para a construção e a customização de serviços de forma colaborativa (RYAN, 2010).

Convém lembrar que os efeitos da democratização da rede mundial de computadores são inúmeros, assentam-se, principalmente, na tecnologia, na socialidade e na sociedade, dentre outros tantos nichos. O que importa, neste momento, é a percepção de que seu crescimento não se constitui um fato isolado, mas parte do crescimento de um tipo de relacionamento humano denominado cibercultura (LÉVY, 1999) que, em essência, “guarda a sinergia entre as novas tecnologias e a pós-modernidade” (LEMOS, 2013, p. 270).

Em linhas gerais, o termo cibercultura, designa “a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço” (MARTINO, 2015, p. 27). Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas e representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador, ou algum dispositivo semelhante, a outros computadores.

A cibercultura mantém relações com o que acontece nos ambientes *off-line*, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma série de especificidades. Certamente as relações sociais, as ideias e as práticas que circulam nas redes de computadores existem também no mundo desconectado, mas a ligação via máquina imprime características específicas a essas práticas (MARTINO, 2015, p. 27).

⁵ De acordo com Santaella (2013), é o termo utilizado para a computação voltada para serviços onde computadores menos potentes conectados na rede e utiliza a interface *online*.

De tal modo, a cibercultura não é um marco zero na cultura humana, mas traz uma série de particularidades por acontecerem em um espaço conectado por computadores. Em outros termos, é a cultura, entendida em seu sentido mais amplo como a produção humana, seja material, simbólica, intelectual, que acontece no ciberespaço.

Isso não significa dizer que, na cibercultura, a tecnologia determina as ações humanas. Para Lévy (1999), elas criam as condições de algumas práticas. O que separa “cultura” de “cibercultura” é a estrutura técnico-operacional desta última: a cibercultura, a princípio, refere-se ao conjunto de práticas levadas a cabo por pessoas conectadas a uma rede de computadores.

O resultado é uma série considerável de ações e práticas que não aconteceriam, por conta da ausência de um aparato tecnológico adequado, em outros momentos ou lugares. Diante do exposto, torna-se fácil inferir que a cibercultura é a transposição para um espaço conectado das culturas humanas em sua complexidade e diversidade (LÉVY, 1999).

É neste sentido que Lévy, ao etiquetar a cibercultura como sendo “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17), torna a afirmação pertinente, notadamente por enquadrar esse movimento como um fenômeno, revelando toda sua extensão e complexidade fruto de uma revolução cultural digital universal.

Efetivamente, a revolução cultural (e) digital contemporânea não foi mera casualidade da inovação tecnológica, por trás dela havia uma espécie de ideologia (recheada de princípios e valores). Movidos por essas aspirações e ideologia, na década de 1970, muitos programadores dedicaram-se à microinformática pessoal e já na década de 1980 ganharam vida as primeiras comunidades virtuais (como a lendária *The Well*⁶) em rede que, em seus debates, edificaram os símbolos “do novo mundo” enredado (ROSA; SANTOS, 2013). Dentre esses símbolos estão “as ideias de liberdade(s), simultaneidade, fluidez, adaptabilidade, experimentação, empoderamento e desenvolvimento pessoal, revisão das lógicas rígidas de tempo e espaço, críticas as estruturas e promessas não-cumpridas da modernidade” (KEEN, 2009, p. 107). Em curtas linhas, a cibercultura dialogava com a pós-modernidade.

Neste momento, nascido a partir de 1989, há um ponto de encontro interessante entre *internet*, a cibercultura e a pós-modernidade. Primeiro de tudo é preciso notar que “a pós-modernidade é o contexto da cibercultura e da internet, por instituir uma nova relação espaço-temporal” (LEMOS 2013, p.68). A cibercultura e a *internet* irão abraçar e representar com

⁶ *The Well (Whole Earth Lectronic Link)* fundada em 1985 é uma das pioneiras e mais famosas comunidades virtuais que funciona até hoje, é o melhor exemplo de durabilidade, com seus membros cultivando relações intelectuais, afetivas e sociais.

certa clareza a ideia de pós-modernidade “na medida em que irão evidenciar e fortalecer dinâmicas baseadas na complexidade, na simulação e na estranha ordem do caos⁷” (TURKLE, 1995, p. 17).

Por outro lado, se a pós-modernidade é o contexto da cibercultura, também é possível afirmar que a cibercultura é uma das culturas da pós-modernidade e a *internet*, enquanto ciberespaço, é um dos espaços da pós-modernidade. Isso porque “se a modernidade controlou e manipulou o espaço físico, a pós-modernidade desmaterializa o espaço físico e torna o tempo instantâneo em um mosaico de múltiplas fragmentações de toda ordem” (LEMOS 2013, p. 128).

O certo é que a pós-modernidade não se encontra ancorada apenas a fatores tecnológicos, mas se conjuga, sobretudo, com uma série de fatores econômicos, sociais e culturais como: a crise da industrialização, da massificação dos meios de comunicação e transporte, da informática, da eletrônica, das mudanças sociais marcadas pelo desenvolvimento econômico e a crise do mercado, a diversificação e crise das instituições sociais, a urbanização crescente e o surgimento das megalópoles, dos protestos e lutas sociais, da alteração de papéis sociais, passando pela crise do racionalismo, a eliminação de mitos, a quebra de tabus e preconceitos, a secularização até, finalmente, a um novo comportamento diante do mundo, do outro e de si mesmo (LEMOS, 2013). Em poucas palavras, do “moderno” nasce a “modernidade” e essa foi, posteriormente, transformada em “pós-modernidade”.

Bauman (2005) chama essa nova fase de modernidade líquida. Ele usa a ideia de liquidez em oposição à solidez, que seria a metáfora apropriada para a fase da modernidade. Tal liquidez estaria invadindo todos os setores da modernidade que antes eram sólidos. A economia se desterritorializou e se tornou independente do local, o tempo e o espaço tornaram-se fluídos e flexíveis. Em meio a isso, são liquefeitas as estruturas (BAUMAN, 2005), toda coisa adquire uma condição hiper, pluri ou trans (LIPOVETSKY, 1983). A cibercultura, portanto, em seu desenvolvimento instalado, acompanha os eventos da condição humana nesses tempos hipermodernos, ou, pós-modernos. Uma enseada a delinear comportamentos e anunciar posicionamentos identitários, esteio do presente estudo.

Ainda nessa linha, Giddens (1997), por sua vez, representa a pós-modernidade como sinônimo de crise civilizacional, em diversos aspectos, uma vez que há temas que

⁷ Interpretação da autora do parágrafo: “These ideas are difficult to define simply, but they are characterized by such terms as ‘decentered’, ‘fluid’, ‘nonlinear’ and ‘opaque’. They contrast with modernism, the classical world-view that has dominated Western thinking since the Enlightenment. The modernist view of reality is characterized by such terms as ‘linear’, ‘logical’, ‘hierarchical’ and by having ‘depths’ that can be plumbed and understood. [...] The online world of the internet is not the only instance of evocative computer objects and experiences bringing postmodernism down to earth”. (TURKLE, 1995, p.17)

podem ser associados como signos negativos dessa contemporaneidade: insegurança, risco socioambiental, desemprego, processos migratórios, de governança, crises de sentido e de orientação, destituição das subjetividades etc., todos eles com fortes incidências institucionais (Estado, família, escola, mídia, negócios lícitos e ilícitos etc.), em termos nacionais e internacionais.

Conforme vimos, não é fácil estabelecer uma definição desse processo. Deve-se, no entanto, ter a percepção que o desenvolvimento econômico e tecnológico ocasionou uma transformação social e a formação de uma nova mentalidade. É um processo de “crise” social que levou à configuração de uma nova linguagem, uma nova sociedade, uma nova ética e também uma nova forma de ser e existir na atualidade. Essa crise colocou em xeque o modelo e os valores existentes e fez nascer o desejo de superação de tudo (HARVEY, 1989, p. 7), acrescido de um sentimento de incerteza que permeia a vida deste sujeito pós-moderno.

Nesse sentido, a imagem de rede, ou de teia, que estrutura linhas interconectadas ao redor de espaços “incertos”, onde os sujeitos aventuram-se em busca do novo, do diferente, indo além-fronteiras, dialoga intimamente com a ideia da pós-modernidade.

Cada um dos elementos nucleares citados – *internet*, cibercultura e pós-modernidade – se unem em nós iniciais que dão origem à rede, cujo abarcamento estende-se a todo o globo e, portanto, não há tempo, espaço, nada que consiga desvencilhar-se desse emaranhado. A vida acontece, hoje, nos espaços demarcados pela estrutura das linhas traçadas por esses elementos, daí a extrema dificuldade, quando não impossibilidade de certeza, consenso e estabilidade, tal como a pós-modernidade (se) descreve.

2.2 REDES SOCIAIS

As redes somos nós.

Recuero

Na atualidade, o termo Rede Social (RS) vem sendo empregado, sistematicamente, para denominar espaços virtuais nos quais a interação social ocorre de maneira específica: em redes. Nesse contexto, as redes sociais constituem simultaneamente suportes e gêneros emergentes das evoluções tecnológicas e discursivo-tecnológicas.

No entanto, o conceito ao qual o termo remete precede essas inovações discursivas. É relativamente antigo nas Ciências Humanas, constituindo-se bastante desenvolvido pelas

Ciências Sociais para explicar alguns tipos de relação entre pessoas (MARTINO, 2015, p. 55). Segundo Martino, “redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre os participantes”. Nas ditas redes, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural e sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede.

Entre outros elementos, redes são definidas por sua estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizáveis, que se estabelecem por relações horizontais de cooperação (em oposição à perspectiva vertical e hierárquica de outros tipos de relações). A esse respeito, Costa *et al* (2003, p. 73) atestam que a rede “é uma forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos sem hierarquia”. Dito isso, apreendemos que, nas redes, a organização social tende a ser menos rígida. Em geral, forma-se a partir de laços de interesses, temas e valores compartilhados.

Frente às peculiaridades mencionadas e ao fato de que o envolvimento das pessoas em redes acompanha a história da humanidade, convém destacar que o uso da ideia de rede apenas ganhou força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela *internet*, definidas pela interação via mídias digitais, fazendo surgir sites de redes sociais.

Os *sites* de redes sociais passaram a existir posteriormente ao advento da *internet* que, por sua vez, surgiu em meados da década de 1970, nos Estados Unidos da América (ALMEIDA, 2006). Após alguns anos, com a popularização dos computadores pessoais (*personal computers* ou PC), nasceu o serviço de redes sociais no final da década de 1990, tendo como pioneiro o *site SixDegrees* (LE MOS; LÉVY, 2010). Este tornou-se a primeira rede social na *internet* a permitir acesso ao público em geral. Com o seu êxito, acrescido também do crescente número de adeptos da *web*, foram criados novos *sites* como ele. No decorrer de uma década, as redes sociais da *internet* se diversificaram e agregaram milhões de usuários de diferentes países e cidades. Com efeito, os *sites* de redes sociais foram caracterizados por coadunar atores (pessoas, grupos ou instituições) e suas respectivas conexões (RECUERO, 2009), constituindo uma rede de contatos que tende a expandir-se a partir do momento em que o usuário inicia sua utilização e começa a trocar informações. Isso ocorre porque a noção de rede remete primitivamente à noção de capturar a caça. A rede é, assim, um instrumento de captura de informações (FANCHINELLI; MARCON; MOINET, 2004) com uma estrutura complexa de comunicação, na qual vários pontos (nós) interagem em múltiplas ligações (CASTELLS, 1999).

Nas redes, os pontos (ou nós) podem ser qualquer coisa. Em uma rede social digital, por exemplo, cada pessoa é um nó. Cada *fanpage* ou comunidade é outro nó. E, finalmente, a

plataforma de uma rede social é uma espécie de “nó de nós”, mas, ao mesmo tempo, também é um nó quando pensamos no conjunto da internet que, não custa lembrar, é uma rede de redes.

Corroborando com a discussão, Castells (1999, p. 605) acrescenta que:

[...] as redes constituem a nova morfologia das sociedades e a difusão da sua lógica modifica substancialmente as operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura, [...] o novo paradigma das tecnologias da informação fornece as bases materiais para a sua penetrabilidade em toda a estrutura social.

Na verdade, essa nova configuração das redes é fruto do avanço das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo da *internet*, que as transformaram em um espaço de encontros, desencontros, enunciações, negociações e ativismo, onde práticas culturais anteriormente legitimadas estão sendo dinamicamente reconfiguradas pelas sociedades conectadas.

Para Araújo (2013, p.08), as plataformas sociais da *internet* “[...] têm levado a uma verdadeira transformação na maneira de comunicar e de se estabelecerem relações humanas, assim como também nos relacionamentos de âmbito corporativo”.

Tais plataformas se caracterizam por ser um serviço no qual os usuários podem elaborar um perfil público ou semi-público, podem ver e integrar-se a uma lista de outros usuários com os quais compartilham conexões, o que permite a criação de “identidades transparentes”, estabelecidas em conexões interpessoais desenvolvidas a partir da intervenção entre perfis. Ao mesmo tempo, convivem também “identidades carnavalescas”, no sentido das máscaras de carnaval e das mudanças de identidade, nas quais as projeções de si mesmo e as relações desconhecidas ou propositalmente falsas, os perfis *fake*, garantem tipos diferentes de exposição de si e, conseqüentemente, de interação.

Com respeito às peculiaridades que envolvem a interação nas redes sociais, Boyd & Ellison (2007) ressalta que as redes sociais permitem um novo tipo de público em redes, cujas características são: a persistência (possibilidade de comunicação assíncrona⁸ e gravada); a capacidade de busca que permite a extensão do nicho relacional, bem como a fácil construção de novas relações; a replicabilidade (o que permite múltiplas versões sem distinção entre o original e a cópia); e a audiência invisível (que gera incerteza em relação a quem está atendendo à comunicação).

⁸ Conforme Recuero (2014), a conversação assíncrona se estende no tempo, muitas vezes, através de vários *softwares*.

Contribuindo com essa discussão, Martino (2015) acrescenta que, por se tratarem de redes sociais conectadas, as relações nestes espaços encontram-se ligadas ao significado do que se entende por dinâmica e flexibilidade. A primeira refere-se à forma de interação e pode ser entendida “como o movimento existente em uma rede, como a quantidade e o tipo de conexões estabelecidas entre os participantes, por exemplo, ou de pessoas que entra e deixa a rede” (MARTINO, 2015, p. 56). Cada rede social tem sua dinâmica e isso está ligado de alguma maneira à própria arquitetura da tecnologia sobre a qual é construída a interação social. Ou melhor dizendo, o tamanho da mensagem trocada depende, por exemplo, do tipo e dos participantes de cada rede.

Isso nos leva ao segundo ponto: a flexibilidade. Nas redes sociais, os vínculos entre os indivíduos tendem a serem fluidos, rápidos, estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchando-se no instante seguinte (MARTINO, 2015). A noção de flexibilidade refere-se a essa característica de laços existentes em uma rede. Os vínculos criados podem ser transformados a qualquer momento, de acordo com a sua dinâmica e características dos participantes, ao contrário de outros agrupamentos humanos, nos quais existem vínculos duradouros.

Apenas a título de comparação, instituições sociais como a família, o trabalho ou a religião tendem a ser mais rígidas para com os membros do que as redes sociais: não se casa todos os dias, por exemplo, nem se muda de religião a toda hora. Nas redes, diferentemente, conexões são criadas, mantidas e/ou abandonadas a qualquer instante, sem maiores problemas.

As conexões são os elementos mais complexos dessas redes, afinal, são elas que unem os atores em grupos sociais. Nas redes sociais, essas conexões são construídas principalmente de relações sociais (laços de conexões), ou seja, de relações criadas através de eventos da fala e da troca de informações entre atores, que terminam por construir laços sociais.

Tal assertiva nos direciona a pensar sobre o caráter relacional das redes sociais conectadas. Em uma rede, as relações entre os participantes dão o tom de seu funcionamento. Jogando um pouco com as palavras, trata-se não de uma relação apenas entre indivíduos, mas de uma relação entre relações, isto é, uma perspectiva mútua e recíproca sobre a maneira como as pessoas interagem. Nesse ínterim, não interessa apenas como dois indivíduos se relacionam, mas também a maneira como essa interação interfere nas outras, daí a perspectiva de uma relação entre relações (MARTINO, 2015).

Corroborando com essa discussão, Mercklé (*apud* MARTINO, 2015, p. 72) sinaliza que “uma das fontes de poder das redes sociais está no modo como as relações são estabelecidas”. Para o sociólogo, a noção de redes sociais é uma das maneiras de compreender como os laços

entre seres humanos são formados e se desenvolvem através do tempo. Permite, entre outras coisas, entender como os indivíduos se relacionam entre si e com os grupos sociais aos quais pertencem.

Embora sejam tendencialmente descentralizadas, as redes sociais conectadas são vistas pelo sociólogo como espaços adequados também à construção de relações de poder pautadas no prestígio, na reputação e qualidade/quantidade dos contatos de seus participantes.

“Longe de ser desinteressada”, explica Mercklé, a sociabilidade pode ser vista como um recurso individual, como resultado de estratégias dos atores sociais que gera um capital social⁹” (*apud* MARTINO, 2015, p. 72). Embora essa noção de “capital social” mereça um capítulo a parte, por ora, ela é aqui entendida, como sendo a rede de relações sociais de um indivíduo, no sentido de que o conceito do termo é associado aos valores que são construídos e circulam em uma rede social. Contrapondo-se a essa posição, Bourdieu (1983, p. 248-249, tradução nossa), por exemplo, define o capital social como recursos que estão “conectados à posse de uma rede mais ou menos institucionalizada de relações de conhecimento e reconhecimento mútuo¹⁰”.

O capital social é pensado aqui como algo formado de recursos coletivamente construídos e relacionados à ideia de pertencimento à rede, é um valor coletivo, de que os atores podem se apropriar e transformar.

A partir desse princípio, inferimos que quanto mais contatos o indivíduo tem, maior é o seu poder dentro da rede. À medida que é citado, maior é sua visibilidade. Quanto mais indivíduos têm acesso ao que diz e concordam com o autor, mais ele aumenta sua popularidade.

A conversação em rede, desse modo, também é uma forma de grupos e indivíduos construírem e negociarem o capital social. Assim, aprendemos que a expressão rede social conectada refere-se a um número considerável de formas de interação entre os indivíduos a partir de práticas conversacionais que expressam trocas de valores e/ou assimilação de novos valores e, por que não dizer, de poderes.

⁹ O sociólogo francês Pierre Bourdieu definiu Capital Social como “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e reconhecimento”. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entendaquecapitalsocial>>. Acesso em 01 abr. 2018.

¹⁰ “Linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition” (BOURDIEU, 1983, p. 248-249).

2.3 O FACEBOOK

Quando deixam de chamar a atenção e se tornam triviais, as mídias se tornam realmente importantes. Se sua articulação com o cotidiano atinge um nível muito alto, a própria vida se transforma. Não por conta da mídia em si, mas pelas relações humanas ligadas a elas.

Barry Wellman

No decorrer de sua recente história, o *Facebook* enfrentou percalços para lograr estabelecer-se como o maior site de rede social do mundo (ROSA; SANTOS, 2013). Criado no ano de 2004, no interior da *Harvard University*, ele teve como antecedentes outros *sites* de redes sociais criados pelo seu idealizador, Mark Elliot Zuckerberg (KIRKPATRICK, 2011). Inicialmente, o *Facebook* foi elaborado com base nos *Facebooks*, que são os primeiros registros ou cadastros dos estudantes que ingressam nessa universidade, os quais foram criados por responsáveis, designados pela instituição, para identificar e armazenar os dados dos alunos recém-admitidos. Cabe mencionar que esses registros incluem dados pessoais e fotos que, supostamente, foram utilizados por Zuckerberg para criar, conjuntamente com outros amigos, o antecessor do *Facebook*, o *TheFacebook* (ROSA; SANTOS, 2013).

Nos primórdios, *TheFacebook* tinha como objetivo fomentar a criação de uma rede social entre os universitários de *Harvard*. Assim, além de facilitar o intercâmbio de assuntos concernentes às atividades acadêmicas, propunha também a interação entre pessoas por intermédio da visualização de redes de contatos, bem como a promoção de encontros e o favorecimento do capital social e das relações interpessoais (KIRKPATRICK, 2011).

Ao perceberem que haviam tido êxito com a proposta inicial, seus criadores decidiram expandir o acesso a outras universidades, o que prontamente gerou o atravessamento das fronteiras de seu país, chegando a países vizinhos e propagando-se rapidamente a outros continentes. A partir de 2006, seus fundadores resolveram mudar o nome original para *Facebook*, permitir a publicação de anúncios no *site* e promover a utilização por qualquer pessoa com mais de 13 anos, com um *e-mail* válido e que tivesse acesso à *internet* (JOINSON, 2008).

Esta breve síntese sobre o desenvolvimento desse *site* de rede social tem como objetivo situar-nos perante a grandeza desse fenômeno relativamente atual. Seleccionamos o *Facebook* não somente por sua representatividade em nível mundial dentre as diversas redes sociais de *internet*, mas também porque ele tem configurado um dos principais ambientes de negociação

de identidades¹¹ (ROSA; SANTOS, 2013) em razão de seus recursos comunicacionais inovadores. Recursos como curtir, compartilhar, cutucar, comentar, marcar amigos em mensagens de textos, fotos e vídeos, aplicativos, jogos, eventos, atualização de *status*, postagens de vídeos, textos e memes, entre outros, ampliam as possibilidades criadoras desta rede social, uma vez que, ao contrário de outras redes sociais conectadas, ela possibilita a mobilização de diferentes modos semióticos na construção de postagens, que vão desde a escrita, passando por imagens, áudios e vídeos (ARAÚJO; LEFFA, 2016).

Sobre esses recursos, salientamos que muitos deles surgiram pela primeira vez no *Facebook*. Como é o caso dos botões “curtir” (*like*) e “compartilhar” (*share*). Esses botões permitem aprovar e fazer o compartilhamento de conteúdo entre os participantes de interações virtuais no *Facebook*, respectivamente. Embora sejam práticas bastante comuns entre os usuários, ainda há dúvidas quanto à diferença existente entre essas ferramentas. O botão “compartilhar” permite ao usuário enviar conteúdo para outros usuários. Essa ferramenta é bastante seletiva, podendo ser usada para compartilhar conteúdos com todos os amigos virtuais, publicar no mural de um seletivo grupo de amigos ou ainda enviar material por e-mail.

Em contrapartida, o *Facebook* introduziu o famoso “curtir” para permitir que os usuários deem um *feedback* positivo e se conectem com coisas as quais se importam. Itens que podem ser curtidos incluem atualizações de *status*, fotos, *links*, *fanpages*, anúncios publicitários e memes. No entanto, as utilizações previstas para o botão “curtir” são constantemente reinterpretadas pelos usuários. A seguir, estão algumas das funções pragmáticas do “curtir” que observamos no *Facebook*:

- expressar postura positiva, quando não se quer deixar um comentário escrito;
- expressar interesse no *post* ou em seu conteúdo;
- mostrar apoio ao postador do conteúdo;
- concordar ou alinhar-se com a postura do postador do *status*;
- indicar que o *post* foi lido.

Esses diferentes usos coadunam com a ideia de que a linguagem por si só não sinaliza posturas de imediato. A ação de clicar no botão “curtir” implica vários significados sociais e funções pragmáticas. Tomemos por exemplo a postagem de um meme em uma *fanpage* relacionada à profissão de professor. O conteúdo do meme lançado na *fanpage* sempre sinaliza

¹¹ Termo utilizado por Rosa e Santos (2013) e que abordaremos mais adiante.

a postura dos administradores desta página que se alinham a certos tipos de conhecimento, atitude, ideologia ou até mesmo emoção. Outro usuário/fã poderá assumir, conjuntamente, sua posição sobre o conteúdo exposto. Alguns podem se alinhar com a posição do criador (curtindo o meme), enquanto outros podem assumir uma postura de oposição (não curtindo ou comentando contrariamente).

Nessa perspectiva, ao clicar nos ícones “curtir” ou “compartilhar”, o interlocutor encontra na voz do outro um ponto em comum, pois é na fala alheia que a construção dos sentidos de sua própria fala faz sentido. É o dizer do outro que dá sentido ao seu próprio dizer, caracterizando, assim, um atravessamento de discursos. Uma verdadeira arena de embates dialógicos.

O jogo que se estabelece a partir do uso dessas ferramentas demonstra que os usuários, em interação em rede, adotam uma prática discursiva que vai ao encontro das concepções ideológicas de cada participante. Tais concepções iniciam-se desde a sua entrada no *Facebook*, no momento da construção de seu perfil ou, melhor dizendo, do seu *Facebook*.

Dado que o ingresso no *Facebook* se efetiva através de um cadastro realizado por meio da utilização de uma conta de e-mail e de uma senha pessoal, o usuário recebe uma solicitação para que crie seu perfil, inserindo dados pessoais como: nome, local de residência, de nascimento, de trabalho e de estudos, escolaridade, estado civil, ideologia política, atividades e interesses entre outros. Assim, tal como no cadastro de novos estudantes da Universidade de *Harvard*, o perfil nesse *site* e sua utilização constituem-se como uma identificação dos indivíduos por meio de características distintas e de reconhecimento, os quais, na rede, servem também para que cada usuário possa interagir com os demais, se identificando e, de tal modo, construindo grupamentos de indivíduos que produzem e reproduzem identidades para fins de associação e, também, afinidades, sejam culturais, econômicas, políticas, ideológicas e filosóficas (ROSA; SANTOS, 2013).

Vale destacar que o perfil e as interações que procedem desses usuários tornam-se públicas ou semipúblicas pela exposição deles na *internet*, o que possibilita o acesso, ainda que parcial, de qualquer usuário cadastrado no *Facebook* a essas informações. Isso acarreta, em nossa opinião, um sentido de representação diretamente relacionado às identidades. Há uma espécie de recriação de nós mesmo em formato digital, com base em uma adequação ao como pretende ser visto pelos demais na rede de acordo com seus próprios interesses. Nesse sentido, afirmamos que, ao utilizar o *Facebook*, o indivíduo seleciona certos caracteres de sua própria identidade, tendo como critério o como deseja ser visto, o que, de certa forma, pode estar relacionado a identidades almejadas e socialmente desejadas. Como assinala Barton e Lee

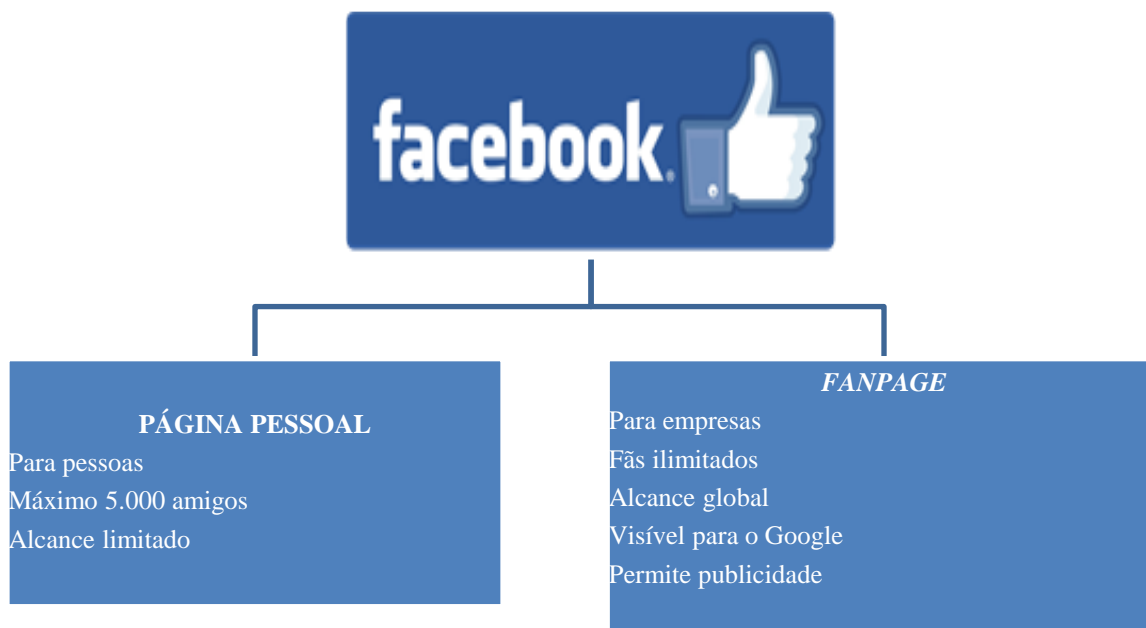
(2015, p. 94), “a identidade *online* não diz respeito apenas a quem somos, mas também quem queremos ser para os outros, a como os outros nos veem”.

A partir da criação de uma página pessoal no *Facebook*, o usuário também pode criar/ou participar das ilimitadas e polêmicas *fanpages*. Mas, o que é uma *fanpage*? A *fanpage* ou página de fãs é uma página específica dentro do *Facebook* direcionada para empresas, marcas, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização ou pessoa, com ou sem fins lucrativos, que desejem interagir com os seus clientes/seguidores no *Facebook*.

A *fanpage* possibilita a utilização de diversos aplicativos já oferecidos pelo próprio *Facebook*, como enquetes, discussões sobre determinados temas, galeria de fotos e vídeos, além de permitir a criação de aplicativos próprios para a interação com os seus fãs/seguidores. Um destaque importante é que, quando um fã resolve curtir a *fanpage*, este passa a receber todos os assuntos postados no mural da organização, aumentando, assim, a chance de propagação viral de um determinado assunto.

Sintetizamos, afirmando que uma *fanpage* possui diversos benefícios a mais que o perfil pessoal. Conforme destacamos no infográfico a seguir:

Figura 1 - Página Pessoal x *Fanpage*



Fonte: autoria própria.

Com esse infográfico, é possível observar que uma *fanpage* possui diversos benefícios a mais que o perfil pessoal. Além de ser ilimitada e ter análises sobre o público que a acompanha, o organizador conseguirá realizar anúncios segmentados para alcançar diretamente o público que lhe interessa.

Recuero (2009) esclarece que a filiação a grupos, no nosso caso, a uma *fanpage*, se dá não apenas para a discussão de ideias, para agendamento de eventos/encontros ou para a propagação de propostas, mas também para a identificação ou afirmação de identidades. Com efeito, evidencia-se um duplo movimento: por um lado, os usuários protestam e participam de debates e de mobilizações sociais com o intuito de legitimar, de resistir ou de criar uma identidade social; por outro lado, há uma procura incansável de ideias e de referências socioculturais que possam representar as suas identidades pessoais.

No ciberespaço, em especial na rede social *Facebook*, os atores engendram um “processo permanente de construção e expressão de identidade” (SIBILA, 2008, p. 26) por meio de páginas pessoais e *fanpages* em *sites* de redes sociais. Ao tomar contato com esses ambientes digitais e alimentá-los com informações, os internautas transpõem o “eu” para esse universo. Sibila (2008) vai mais além e acrescenta que a sociedade contemporânea tem necessidade de se expor em redes sociais.

Ao ingressarmos em uma *fanpage*, tornando-nos fãs estamos de certa forma, co-autorando as publicações, compactuando das ideias e dizeres vinculados ali. As interações dos fãs ocorrem de diversas maneiras: desde comentários, curtidas e, principalmente, nos dias atuais, através do compartilhamento de memes que funcionam, como um “boca a boca” digital capaz de interligar mídias através de variados recursos *online*. Através desses recursos, o usuário pode se conectar a *sites* externos, a exemplo de um jornal, clicando apenas no botão “curtir”. Isso, imediatamente, cria conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online*, transformando o *Facebook*, em um dos melhores representantes da cultura de convergência (BARTON; LEE, 2015).

2.3.1 O meme digital: artefato de convergência cultural

[...] a misteriosa habilidade dos seres humanos para imitar, e assim transmitir memes, é o que nos torna distintos de outras espécies [...]

Susan Blackmore

Ao pesquisarmos sobre o termo “meme” na *internet*, nos deparamos com milhares de resultados. Contudo, poucos são de cunho acadêmico, o que nos leva a inferir que essa ainda se constitui em uma temática pouco discutida e difundida entre os pesquisadores. A grande verdade é que parte considerável dos navegantes e usuários da *internet* afirma já ter ouvido falar, ou melhor, já teria curtido ou compartilhado algum meme na rede social *Facebook*. Todavia, caso fossem interpelados a explicar o que são “memes”, fatalmente diriam: “são figurinhas que aparecem no *Facebook*”, ou ainda, “aqueles vídeos que são compartilhados na *internet*”. Assim, depreendemos que no ciberespaço os memes têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos e paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes, em grande parte, de outros canais midiáticos, quer sejam a televisão, os jornais impressos, as revistas em quadrinhos e o rádio. A partir de então, nesta pesquisa, os memes são pensados, como elementos da denominada cultura da convergência (JENKINS, 2009), pois recriam as mensagens da mídia, estabelecendo conexões entre os elementos da cultura midiática e da realidade cotidiana, compartilhando ideias espalhadas entre vários meios de comunicação em várias plataformas.

Neste sentido, Jenkins (2009, p. 29) esclarece:

[...] por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

Essa fala do autor nos direciona a pensarmos nos milhares e milhares de memes que diariamente são criados e compartilhados no *Facebook*. A grande maioria é produto de imagens e textos oriundos de diversas mídias, como filmes, revistas em quadrinhos, personagens de novelas, heróis de games etc. Enfim, os memes abarcam uma variedade grande de reapropiação midiática e, ao serem compartilhados no *Facebook*, atingem maior visibilidade, criando ou

recriando a narrativa. Mas, afinal, o que é um meme? E porque ele encontra-se associado à cultura humana?

O termo “meme” apareceu pela primeira vez em 1976, no livro *“The Selfish Gene”* (O Gene Egoísta), de Richards Dawkins, sendo cunhado a partir da raiz da palavra grega “mimeme”, que significa algo que pode ser copiado. Dawkins resolveu reduzir a palavra para meme, pois ele afirmava estar em busca de algo mais curto que soasse mais ou menos como gene, visto que o meme é, para ele, o “gene da cultura” (DAWKINS, 2007).

Nessa mesma obra, o pesquisador procurava explicar a propagação e a transformação de ideias entre seres humanos. Para isso, ele associou o meme ao gene, pois, assim como os genes, nas células, carregam consigo as informações responsáveis por definir o que é um ser humano, os memes são concebidos como unidades de transmissão na área cultural. Porém, apesar de Dawkins (2007, p.330), ter definido o “meme” como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”, alguns estudiosos em memética (termo que se refere ao estudo formal dos memes) têm variado quanto às definições desse vocábulo. Na mesma linha de pensamento de Dawkins, Blackmore (2000, p.65) sinaliza que “os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação”. Segundo a autora, “[...] os memes têm sido (e são) uma força poderosa que molda nossa evolução cultural e biológica [...]” eles, nada mais são, do que “[...] uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura” (BLACKMORE, 2000, p. 65, tradução nossa).

Tal assertiva nos direciona para uma premissa importante na cultura da convergência: a noção de “cultura”, compreendida como dinâmica e plural, com traços de várias culturas se recombina e modificando a cada instante.

Nas palavras de Dawkins (2007, p. 325),

[...] a maior parte daquilo que o homem tem de pouco usual pode ser resumida numa palavra: “cultura”. A transmissão cultural é análoga à transmissão genética, no sentido de que, apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução.

Na esteira desse pensamento, o autor destaca que os memes se desenvolvem no “caldo da cultura humana” (DAWKINS, 2007, p. 34) e estão presentes em nós de maneira quase imperceptível, articulando-se com o cotidiano através de imagens, sons, gestos, palavras, melodias, jeitos de se vestir e até mesmo elementos complexos como crenças ou rituais se disseminam pela sociedade na forma de memes.

Desse jeito, assim como os genes estão na base biológica do que somos, os memes parecem ser, ao menos parcialmente, um componente da base cultural responsável por formar os seres humanos.

E, da mesma maneira que o gene é capaz tanto de se replicar quanto de se diferenciar, embora mantendo sua estrutura básica, os memes também se caracterizam na visão de Dawkins (2007), pela capacidade de se replicarem e se transformarem. Isso explica, de saída, porque, ao se espalharem, memes se tornam diferentes, mas reconhecíveis: ao serem compartilhadas as informações contidas neles, ganham as características particulares relacionadas ao novo contexto.

Destarte, torna-se possível afirmar que os memes nos utilizam para evoluir e sobreviver. Por conseguinte, nós nos tornamos meros hospedeiros das ideias que saltam de cérebro para cérebro, as quais estão em constante processo de recombinação e transformação na tentativa de sobrevivência.

Não obstante, Dawkins (2007) utilizou o termo imitação para se referir ao modo como os componentes mêmicos são transmitidos, mas foi com Susan Blackmore, em *The Meme Machine* (1999), que o termo ganhou um tom explicativo mais apropriado. Segundo a autora,

[...] quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este “algo” pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o “meme” (BLACKMORE, 1999, p. 4, aspas da autora, tradução nossa).

Torna-se relevante, contudo, observar que na cibercultura os usuários começaram a utilizar a palavra “meme” para se referir a tudo que se propaga, ou mesmo se espalha aleatoriamente na *internet*, principalmente, fragmentos com algum conteúdo humorístico. Pontua-se, porém, que os memes são bem mais complicados e importantes do que apenas imagens de figuras engraçadas. Além disso, sabe-se que nem todos os memes se espalham como um vírus, contaminando uma quantidade significativa de pessoas, ou mesmo conseguem se propagar. Para sobreviverem, eles dependem de sua contínua apropriação, transformação e redistribuição pelas pessoas. Caso contrário, como em uma variante do processo de seleção natural, eles simplesmente desaparecem.

Ainda sobre os memes, Blackmore (2000, p. 66, tradução nossa) destaca que nós, seres humanos, exercemos um papel junto aos memes. A pesquisadora afirma que:

[...] pensar memeticamente ocasiona uma nova visão de mundo, uma que, quando você a apreende, transforma tudo. Do ponto de vista do meme, todo ser humano é uma máquina para fazer mais memes – um veículo para propagação, uma oportunidade para replicação e um recurso para competir por. Nós nem somos escravos de nossos genes nem agentes racionais livres criadores de cultura, arte, ciência e tecnologia para nossa própria felicidade. Em vez disso, nós somos parte de um vasto processo evolucionário no qual os memes são os replicadores evoluindo e nós somos as máquinas de memes.

Dessa forma, salientamos que os memes desempenham importante papel enquanto força poderosa que molda nossa evolução cultural através de ideias copiadas de indivíduo para indivíduo pela imitação. Por outro lado, o homem, na figura do cérebro humano, atua apenas como hospedeiro – “máquina de memes”, na medida em que eles se utilizam de nossos cérebros enquanto ambiente depositório favorável à evolução destes. Vale lembrar que a evolução dos memes não ocorre segundo os interesses dos indivíduos que os carregam (“máquinas de memes”), mas apenas de acordo com o exclusivo interesse dos próprios replicadores. Por essa razão, assim como os genes, os memes são descritos como egoístas. São egoístas no sentido de que nos utilizam para que possam ser copiados, sem que haja interesse sobre que efeitos terão sobre seus hospedeiros – só serão transmitidos se possível e conveniente for.

Se os memes são veículos de transmissão de grupos de ideias, o *Facebook*, por sua vez, oferece um leque de possibilidades para sua propagação e compartilhamento, já que, neste ambiente, a expansão de ideias ocorre à velocidade da luz, além do que, nesses espaços, os memes são compartilhados, de certa forma, pelo mesmo motivo que pessoas contam piadas ou histórias que ouviram: para fazer parte do grupo. E nada melhor do que uma boa narrativa para criar laços entre as pessoas. Replicar um meme é ser parte de uma comunidade, no nosso caso de estudo, é se reconhecer fã de determinada *fanpage*. Especialmente, se a mensagem tiver características próprias que só podem ser decifradas por quem fazem parte do grupo. Nesse sentido, memes só funcionam dentro de contextos específicos. Por mais que pareçam abrangentes, ao serem compartilhados e transformados, passam a carregar em si as características do ambiente cultural no qual ocorreu o processo. Não por acaso, Shifman (2014) argumenta que memes permitem “ler”, ainda que parcialmente, características da cultura na qual são produzidos.

Visto neste sentido, o meme reforça ainda mais a ideia da convergência cultural, já que é na interação entre os indivíduos que, ao compartilhar mensagens (memes) agregados de valores e posicionamentos, acrescentam suas próprias contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta às redes. A convergência acontece, de fato, no momento em que referências

culturais de origens diversas se reúnem por meio de uma pessoa, ou grupo social, os fãs, por exemplo.

Outra premissa importante, na visão de meme como elemento de convergência cultural, diz respeito às possibilidades de cada indivíduo ser potencialmente um produtor (de memes). Nessa senda, o fato de as tecnologias digitais estarem presentes no cotiando facilita o trabalho de criação (ou recriação) por indivíduos fora do círculo da indústria cultural. Com a liberação da emissão/criação, instaura-se uma comunicação bidirecional, em que os consumidores se tornam produtores e disseminadores de conteúdo. Como destaca Jenkins (2009, p. 325),

[...] a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima.

Na cibercultura, os consumidores tencionam o poder de comunicação antes restrito a conglomerados de mídia, pois, ao possuírem espaço para divulgação e interação em escala global, assumem papel equivalente. Deixam de ser meros consumidores/receptores e passam, também, a exercer o papel de produtores. Ou seja, indivíduos produtivos, que não apenas vão reinterpretar as mensagens da mídia, mas reconstruir essas mensagens e lançá-las de volta ao espaço público via meios digitais. Essas produções, memes, assumem uma enorme quantidade de formas, desde edição de um trecho de algum filme hollywoodiano com trilha sonora, até a criação autônoma de vídeos, áudios e textos.

Por ora, pontuamos que os memes, enquanto artefatos de convergência, são dinâmicos e acontecem no momento em que o indivíduo recria, em sua vida cotidiana, as mensagens e as experiências em conjunto com as mensagens que chegam da mídia. Como elementos dessa cultura, representam, sobretudo, uma alteração na maneira como o indivíduo é visto no processo de comunicação. Ao produzirmos ou recriarmos memes dentro do *Facebook*, estamos dando novas versões às narrativas, para além do que é apresentado no cinema ou na televisão. Essa maneira de contar uma história em várias plataformas, passando por cinema, televisão, *internet* e *games* é um dos principais elementos conceituais da cultura da convergência, pois ressaltam a ideia de narrativa transmídia (JENKINS, 2009).

2.3.2 Cronotopia no *Facebook*: arremates sobre o meme como um gênero da virtualidade

*O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre
é velho e novo ao mesmo tempo
[...]
O gênero vive do presente, mas sempre recorda
o seu passado, o seu começo.*

Bakhtin

Buscamos compreender o emaranhado de fios que constituem a trama do sujeito pós-moderno no ambiente virtual *online*, materializado nos memes postados em *fanpages* da rede social do *Facebook*. Para tanto, contamos com Casado Alves (2012) e Tanzi Neto e Melo (no prelo) que nos apresentam os Estudos do Círculo de Bakhtin a respeito do cronotopo, tal qual uma categoria que evidencia a relação tempo-espço como uma “construção axiológica de um sujeito imerso em interações heterogêneas, complexas e tensionadas” (CASADO ALVES, 2012, p. 306). Assim, neste texto, não buscamos definir a questão, mas abrir o horizonte das possibilidades, recorrendo a uma abordagem sócio-discursiva de análise, já que nosso olhar parte de uma perspectiva em que os gêneros se constituem em função das necessidades sociais.

Para início de conversa, entendemos o *Facebook* como um cronotopo da “virtualidade” (TANZI NETO; MELO, no prelo) cujas peculiaridades determinam a noção de um sujeito que vem se (re)fazendo pelo apagamento de contornos, pela fluidez tempo-espço, pela instantaneidade e que modificou decididamente as formas de interação e comunicação.

Por sua vez, a comunicação é indispensável para os seres humanos. Ela pode se dar por meio de diversas manifestações linguístico/discursivas. Segundo Bakhtin (2011, p. 290), tais manifestações são bastante diversificadas, pois estão relacionadas às muitas esferas da atividade humana.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Pautado por essa visão sociológica, Bakhtin demonstra que tudo o que se produz na sociedade é ponto de partida para suprir as necessidades de uma dada esfera social e que tudo é constituído pelo viés dialógico, ou seja, a minha relação com o outro é que deve direcionar como se dará a interação. Assim, o discurso de um indivíduo deve se configurar pela relação social que ali se estabelece. É importante salientar que, nessa percepção, os indivíduos são sujeitos sócio-historicamente situados e, portanto, os enunciados proferidos também são modelados para que os interlocutores possam atender de forma responsiva ao que lhes está sendo posto em cada esfera de atuação, em um dado contexto.

Ainda para Bakhtin (2011), os enunciados que são proferidos nas diversas esferas da atuação humana são concretos e únicos, ou seja, mesmo que se diga a mesma oração em circunstâncias distintas isso será considerado um enunciado diferente. Sendo assim, a oração pode ser repetida em situações diversas, mas o enunciado é irrepetível, único e deve ser visto não de forma isolada, mas analisado em sua totalidade.

A percepção de se estudar o gênero em sua totalidade tornou-se um traço característico dos que compunham o chamado Círculo de Bakhtin, dentro do qual, destacamos os escritos de Medviédev (2015), que funda um novo conceito de gênero (BRAIT, 2010, p. 14), “contrapondo-se ao estudo do gênero entrevisto unicamente por meio dos elementos formais da língua e propondo sua compreensão a partir da totalidade da obra/enunciado” (BRAIT, 2010, p. 14).

Medviédev (2015, p. 200), ao discorrer sobre os estudos literários, conceitua o que é gênero, destacando sua importância no que tange à compressão da realidade que nos rodeia:

[...] gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica.

Para o autor, por meio do gênero é possível compreender novos aspectos da realidade, pois somente ao compreender essa realidade social e os processos comunicacionais inerentes a ela é que poderemos de fato pensar os gêneros.

Bakhtin (2016) reafirma esse pensamento ao proferir que só nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso. Estes estão no dia a dia dos sujeitos falantes que possuem um infindável repertório de gêneros, embora, muitas vezes, usados inconscientemente.

Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero em uso, o que acarreta uma riqueza e diversidade de gêneros do discurso, propiciando múltiplas

possibilidades de repertórios, que crescem e se diferenciam à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (BAKHTIN, 2011).

Sabe-se que os gêneros vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico em que estão inseridos. Cada situação social dá origem a um gênero com características peculiares. Assim, levando-se em consideração a infinidade de situações comunicativas e que essas só são possíveis graças à utilização da língua, somos conduzidos à percepção de que infinitos também serão os gêneros. Bakhtin (2016) relaciona a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Corroborando com a discussão, Casado Alves (2012, p.308) acentua que

[...] os gêneros apresentam um caráter sócio-histórico, uma vez que estão diretamente relacionados a diferentes situações sociais. Dado esse caráter, os gêneros não são estáticos, imutáveis ou formas desprovidas de dinamicidade. Relativamente estáveis, eles mudam com as práticas sociais, alteram-se com a aplicação de novos procedimentos de organização e de acabamento do todo verbal em conformidade com o projeto de dizer dos sujeitos nas interações as mais diversas.

Se os gêneros são estruturas relativamente estáveis (BAKHTIN, 2015), a cada nova matriz espaço-temporal, novos gêneros se estabelecem se transformam, se reconfiguram. Novas formas de comunicação e linguagem surgem. Esta imensa heterogeneidade fez com que Bakhtin (2016) propusesse uma primeira grande “classificação”, dividindo os gêneros do discurso em dois grupos: primários e secundários. Os primários relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais e imediatas, como a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano.

Os gêneros secundários, geralmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas, em esferas mais elaboradas, como o teatro, o romance, as teses científicas etc. Tanto os gêneros primários quanto os secundários possuem a mesma essência, em outras palavras, ambos são compostos por fenômenos da mesma natureza, os enunciados verbais. O que os diferencia é o nível de complexidade em que se apresentam. Como respalda Bakhtin (2011, p. 281),

[...] não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e os gêneros do discurso secundário (complexo).

Por essa vertente, é certo afirmar que os gêneros estão sempre sofrendo mutações, parece-nos que estamos descobrindo novas formas de elaborar gêneros, fato este que vem despertando o interesse crescente de pesquisadores na área.

Bakhtin (2015a), outrora, em seus estudos acerca dos gêneros literários, tratou desse processo como “uma típica construção híbrida” (BAKHTIN, 2015a, p. 84), que ele conceitua como sendo

[...] construção híbrida um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertencem a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “línguas”, dois universos semânticos e axiológicos. Entre esses enunciados, estilo, linguagem e horizontes, repetimos, não há nenhum limite formal-composicional e sintático: a divisão das vozes e linguagem ocorre no âmbito de um conjunto sintático, amiúde no âmbito de uma oração simples, frequentemente a mesma palavra pertence ao mesmo tempo a duas línguas, a dois horizontes que se cruzam numa construção híbrida e, por conseguinte, tem dois sentidos heterodiscursivos, dois acentos [...]

Assim, ao refletir sobre este processo de construção híbrida, Bakhtin (2015) nos direciona a pensar, mais uma vez, a necessidade de considerarmos que os sujeitos discursivos são sócio-historicamente situados e que, portanto, estão suscetíveis às variações de cada época. Diante do exposto, apreendemos que os gêneros discursivos também podem se modificar para atender às necessidades da interação verbal. É bem o que acontece no processo de hibridização: “a mistura de duas línguas sociais no âmbito de um enunciado [...] de duas diferentes consciências linguísticas divididas por uma época ou pela diferenciação social (BAKHTIN, 2015, p. 156).

Ao resgatarmos tal postulado bakhtiniano, transferindo-o para os dias atuais e, dessa forma, pensando a complexificação que a *internet* causou nas relações humanas, principalmente no que tange à linguagem *online* explícita nos memes que circulam diariamente, aos milhões, pelo *Facebook*, vislumbramos neles o que outrora Bakhtin já havia mencionado e constatado em seus estudos sobre os gêneros literários: são frutos de um processo de hibridização que mistura línguas, ideologias e vozes. Dessa forma, os memes nada mais são do que gêneros híbridos que se remodelam para atender às especificidades do campo discursivo em que estão inseridos.

Assim, analisá-los é indispensável, pois se não observarmos a natureza do discurso e as particularidades dos gêneros (aqui falando dos memes), estamos enfraquecendo o vínculo entre a língua e a vida, haja vista que a língua penetra na vida através de enunciados concretos.

Dito assim, compreendemos que o meme da *internet* é linguagem em uso do mundo da vida, do meio *online*, sendo, portanto, um gênero midiático. Por se tratar de um discurso midiático, a materialidade da mídia exercerá influência na forma como é construído e recebido. O meio traz especificações para a linguagem em uso e diferencia os gêneros de acordo com o suporte midiático (imprensa, rádio, televisão, *internet*). O espaço em que circulam os memes, por exemplo, permite interações comunicacionais através de vários tipos de linguagens. Portanto, é necessário compreender a natureza desta linguagem e o dispositivo de mídia onde se propaga, pois, integrada ao seu ambiente é que é possível entrever a função dessa imagem como discurso (BAITELLO, 2010).

Ainda sobre os gêneros, convém ressaltar que além dos aspectos sócio-históricos, devem-se levar em consideração outros aspectos como espaço e tempo. A cronotopia proposta por Bakhtin e seu Círculo é, ora aqui, tratada por Machado da seguinte forma:

[...] o gênero não pode ser pensado fora da dimensão espácio-temporal. Logo, todas as formas de representação que nele estão abrigadas são, igualmente, orientadas pelo espaço tempo (...) O cronotopo trata das essenciais de relações temporais e espaciais assimiladas artisticamente na literatura. Enquanto o espaço é social, o tempo é sempre histórico. Isso significa que tanto na experiência quanto na representação estética o tempo é organizado por convenções. Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espácio-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem: ‘o gênero vive do presente mas recorda o seu passado, o seu começo’, afirma Bakhtin. A teoria do cronotopo nos faz entender que o gênero tem uma existência cultural, eliminando, portanto, o nascimento original e a morte definitiva. Os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas particulares e também recorrentes por isso são tão antigos quanto as organizações sociais (MACHADO, 2008, p. 158-159).

Nesse trecho, percebe-se a relação dos gêneros com o espaço e o tempo, característica que Bakhtin denomina cronotopo. “Essa visão cronotópica coaduna com um uso de linguagem que considera o sujeito como ser da linguagem, histórico, inacabado e constituído na relação com o outro” (CASADO ALVES, 2012, p. 315). Daí, enfocamos que o gênero não surge do nada, ele está ligado a uma origem cultural, delimitada por aspectos sociais que estão relacionados ao espaço e toda cultura possui sua própria história relacionada ao tempo. Dito assim, o gênero, que nasce dentro de tal cultura, sofre modificações de acordo com o espaço e o tempo. Assim, a concepção de gêneros ocorre pela necessidade das situações de interação social, eles vão se moldando e se estabilizando nas atividades de comunicação humana à sua

maneira, sem ser possível controlá-los e/ou determiná-los; surgem naturalmente na manifestação das realizações de exercício do poder da linguagem.

Sobre tal caráter dialógico do cronotopo, Bakhtin 1998, p. 357) respalda: “os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas”. Por isso mesmo, o autor afirma que o cronotopo possui um caráter dialógico e destaca que esses diálogos não ocorrem nos cronotopos isolados nem no mundo de seus interlocutores. “Estamos lidando com relações de concordância ou discordância, de paródia ou polêmica, em que todos os seus vários matizes: noutras palavras, as interações entre os cronotopos em uma obra são de natureza dialógica” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 443).

Tentando melhor compreender o conceito de cronotopo, tomemos por base os apontamentos feitos por Bakhtin em sua obra *The dialogic imagination* (1988), no ensaio *Forms of time and of the chronotope in the novel*¹², no qual o autor define e revela a origem do termo.

Nós daremos o nome de cronotopo (literalmente, "espaço-tempo") para ligação intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. Este termo (tempo-espaço) é empregado em matemática, e foi introduzido como parte da Teoria da Relatividade de Einstein. O significado especial que ela tem na teoria da relatividade não é importante para nossos propósitos, estamos tomando-o emprestado para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente). O que conta para nós é o fato de que ele expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como categoria formalmente constitutiva da literatura, não vamos lidar com o cronotopo em outras áreas da cultura (BAKHTIN, 1988, p. 84)¹³.

Nessa direção, observamos que o cronotopo, apesar de ser um conceito que circula nas abordagens do texto literário por Bakhtin (1990), advém da esfera científica, especificamente da Matemática e das teorias da relatividade de Einstein (CASADO ALVES, 2012). Comprendemos, nessa pesquisa, que tal significação fundamental do cronotopo possa ser pensada também para os gêneros não literários, pois, com a nova cultura *online* cristalizada na sociedade, outros gêneros apareceram como transmutações de gêneros já existentes e, a

¹² “A imaginação dialógica” (1988), no ensaio “Formas de tempo e do cronotopo no romance” (tradução nossa).

¹³ Tradução livre de: “We will give the name chronotope (literally, ‘time space’) to the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature. This term (space-time) Is employed in mathematics, and was introduced as part of Einstein’s Theory of Relativity. The special meaning it has in relativity theory is not important for our purposes; we are borrowing it for literary criticism almost as a metaphor (almost, but not entirely). What counts for us is the fact that it expresses the inseparability of space and time (time as the fourth dimension of space). We understand the chronotope as a formally constitutive category of literature; we will not deal with the chronotope in other areas of culture”.

exemplo disso, estão os memes que tematizam e valoram um dado momento histórico situado no *Facebook* e que, por sua vez, vem se constituindo uma grande arena discursiva, com características e peculiaridades próprias, permitindo a interação independentemente do espaço físico onde os interlocutores estão situados.

Tendo isso em vista, somos conduzidos a pensar a relação espaço-tempo e de como essa se funda de forma a ressignificar nossa existência. Morson e Emerson (2008) lembram que os gêneros e seus respectivos cronotopos permitem a compreensão de ações e eventos de determinada sociedade, expressa o indivíduo no tempo e no espaço. Essa “concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (AMORIM, 2006, p. 103).

Ora, quem poderia imaginar que formulações de Bakhtin sobre o cronotopo nos estudos literários seriam elementos fundamentais para entender a cronotopia no ambiente virtual do *Facebook* como uma categoria que permite deslocamentos “[...] em outros campos da cultura e também em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade”? (BAKHTIN, 2010a, p. 223).

Nesse ínterim, ao ampliarmos a concepção do cronotopo da esfera da literatura para a esfera da virtualidade, estamos trazendo à tona o uso da linguagem vinculada não somente à interação social, mas definindo comunicações que são operacionalizadas e divulgadas por mecanismos midiáticos com ferramentas e dispositivos específicos (*internet*, equipamento mais *software*, aplicativos etc.). Aliás, é impossível falar de um gênero digital sem considerar a ferramenta que o modalize.

Sobre essas ferramentas, Tanzi Neto e Melo (2016) assim esclarecem:

[...] se outrora tínhamos o cronotopo da praça pública e da estrada, ousamos dizer que na contemporaneidade temos os cronotopos do artefato e da virtualidade e suas representações (produto: computador, celular, tablete; e desenvolvimento: sistema, atividades, mobilidade, ubiquidade) que: refletem e refratam as mudanças tecnológicas, históricas; em si mesmo, marcam a temporalidade em qualquer lugar-físico do mundo, exigem novos letramentos/multiletramentos e dão visibilidade às mudanças de linguagens e à emergência de gêneros digitais (2016, no prelo).

Viver no tempo da “virtualidade”,¹⁴ e dos cronotopos nele existente, é confrontar a visão artificial (romantizada, heroica) da vida; é colocar a si mesmo em praça pública, onde o tempo

¹⁴ O tempo em que vivemos é denominado por muitos pensadores como “pós-modernidade” – Neste trabalho seguiremos o conceito de modernidade líquida cunhado pelo sociólogo Zygmunt. Bauman onde a modernidade imediata é vista como “líquida” e “veloz”, mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem

é coletivo, compartilhado; é posicionar-se no espaço que é de todos e, colocando-se diante das realidades, em plenitude, assumir o poder para crescer, expandir. Visto assim, o cronotopo no contexto digital resulta não só de deslocamentos no tempo como também no espaço, ou melhor, nos espaços da virtualidade, da relação espaço-tempo depende todo o desdobramento da conversa explícita nos memes e, tal constatação, esboça um outro conceito de fronteira, ou por melhor dizer, a inexistência dessa. O que há agora é um espaço semiótico caracterizado pela hibridação de formas, mídias e gêneros. O conceito de cronotopo, que outrora fora formulado para definir relações espaço-tempo em outras áreas, aqui reconhecemos, abarca todo ambiente da rede social *Facebook* e, conseqüentemente, as várias formações discursivas nele presentes.

Ainda nessa vertente, o meme emerge como um novo gênero digital e o entendimento da cronotopia é essencial para pensarmos o *Facebook* como um cronotopo novo para um homem novo. À luz do que lemos em Casado Alves (2012, p. 351), “pensar o tempo nessa perspectiva rompe com a visão de um tempo linear e homogêneo que reduz o espaço a simples entorno ou contexto desprovidos de uma visão cronotópica”.

Inserido nessa realidade, o meme mostra-se como uma esfera de uso da linguagem que abarca muitas outras, um gênero digital emergente, ou se repensarmos os estudos bakhtinianos, seria o que ele denominaria de um “gênero intercalado” (BAKHTIN, 2015a, p. 108), por conter um gênero dentro do outro. No nosso caso, ao nos dirigirmos ao texto mêmico, observamos que ele intercala, na maioria de vezes, vários gêneros.

Em sua pesquisa, Shifman (2014, p. 342) assim defende a relação entre memes e gêneros:

[...] os memes, enquanto gênero, podem ser tomados como exemplos expressivos de criatividade popular. Enquanto se esperaria que, na ausência de um mecanismo de controle, as pessoas criariam uma gama infinita de tipos de memes, na realidade, os participantes tendem a moldar suas contribuições meméticas de acordo com um número surpreendente de fórmulas.

Ainda sobre o meme compreendido como gênero, Shifman (2014, p. 342) acrescenta:

[...] a aparente rigidez dos usuários que se percebe no preenchimento de alguns campos para a construção de uma imagem pode, na verdade, ter uma função social importante: seguir caminhos compartilhados na produção de memes é vital para criar um sentimento de pertencimento em um mundo fragmentado. Além disso, uma vez tomados como gêneros, os memes da Internet podem

de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. Para Bauman (2004, p. 07), a modernidade líquida seria “um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível”.

oferecer recursos valiosos para pesquisadores – enquanto resultados cristalizados de negociações multipartilhadas, eles nos permitem mapear as lógicas sociais e culturais que fundamentam a ostensivelmente caótica criação mundial de memes.

No contexto desse debate, a autora deixa claro que a adoção do conceito de gênero para categorizar memes da *internet* ainda não é uma unanimidade pelo fato de o próprio conceito de gênero ainda vir sendo debatido na academia, a partir de diversas visões que se tem sobre o mesmo (SHIFMAN, 2014). Todavia, acreditamos, nesta pesquisa, que o meme constitui-se uma nova forma de pensar o gênero. Ele representa, na nossa concepção, o que outrora Bakhtin (2010b) aponta no texto *Para uma filosofia do Ato Responsável*, a cisão entre dois mundos: “o mundo da vida, o mundo no qual habitam sujeitos responsivos e responsáveis, com suas singularidades, que praticam atos [...] e o mundo da cultura [...] onde conhecimentos e artes são produzidos [...] que objetiva e representa o mundo da vida” (OLIVEIRA, 2016, p. 52).

Tal constatação, mais uma vez, nos remete à ideia de cronotopo, pois, segundo Bakhtin (2010a), é ele que permite que esses dois mundos estejam interligados e em constante interação. Ainda segundo o estudioso, um gênero do discurso penetra no mundo real e o enriquece da mesma forma que o mundo real também enriquece o gênero. “Essa troca é sem dúvida cronotópica por si só: ela se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação” (BAKHTIN, 2010a, p.358-359).

Importante frisar que o meme, enquanto gênero, reproduz diferentes esferas de uso, não apenas da língua, mas também de possibilidades combinatórias de recursos multimodais. A união dos modos imagético e textual gera uma construção que nos dá acesso a uma série de escolhas representacionais que são organizadas em uma mensagem a ser interpretada por quem a visualiza. Podendo aparecer, em primeiro lugar, construída multimidiaticamente em forma de *gifs* (imagens com movimento, que repetem algo à exaustão – um tombo, por exemplo) ou vídeos. Em segundo lugar, a mensagem pode emergir com uma natureza multimodal: uma imagem associada a legendas ou expressões. Enfim, sua criação/forma não tem limites, são exemplos expressivos da criatividade popular.

Em virtude do caráter multifário dos gêneros nas relações de interação no ciberespaço, os memes podem ser caracterizados também como construções textuais em ambiente virtual, dado o caráter de colagens, mesclagens, transformações e recombinações pelos quais estes componentes passam. São gêneros altamente hibridizáveis devido à mobilidade dos entornos digitais.

Dessa maneira, com o intuito de auxiliar na compreensão deste gênero que ganha cada vez mais força em ambientes virtuais, ousamos defini-los como componentes que se apresentam, em grande maioria, como multimodais (com duas ou mais modalidades de formas linguísticas – linguagem escrita e não-verbal). Além disso, os textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas. É a linguagem enquanto fenômeno social, como prática de atuação interativa.

Acirrando ainda mais a discussão, Tanzi Neto e Melo (2016), em sua pesquisa, se posicionam enfocando que “é o cronotopo também o cerne para a análise do gênero, ou seja, espaço e tempo como organizador dos acontecimentos. Os gêneros evoluem e se transformam, simultaneamente, marcam as transformações da temporalidade e dos novos sujeitos sociais e históricos” (2016, no prelo).

O advento da *internet* tornou quase inexistente a ideia de tempo necessário para percorrer um espaço, como bem defende Bauman (2001) ao discutir a relação tempo-espaço na modernidade líquida. O cronotopo acaba por definir a relação estabelecida, uma vez que há uma “coexistência dos tempos em um ponto do espaço [...]” (BAKHTIN (2011, p. 243). Afirmação essa que encontra apoio nas postulações de Bostad (2004, p. 168):

[...] as novas tecnologias colocam em evidência as relações tempo-espaço, à medida que questiona de que forma os diferentes campos da atividade humana se articulam numa organização síncrona ou assincronamente, onde/quando as pessoas experimentam dialogicamente um mundo juntas.

Para estabelecer diálogo com esse enunciado e ampliar o debate, Recuero (2014) assim elucida a conversação assíncrona e síncrona:

[...] a conversação síncrona é aquela que é caracterizada pelo compartilhamento do contexto temporal e midiático. Ou seja, são conversações que acontecem entre dois ou mais atores através de uma ferramenta de CMC¹⁵ e cuja expectativa de resposta dos integrantes é imediata. A conversação assíncrona é uma conversação que se estende no tempo, muitas vezes através de vários softwares (migrando, por exemplo, entre vários deles). Com isso, o sequenciamento da conversação é diferente, pois está espalhando no tempo (RECUERO, 2014, p. 51).

Nesse sentido, notamos que o *Facebook* possui uma unidade temporal elástica, que pode ser estendida pelo tempo desejado pelos interlocutores, cujo contexto precisa ser negociado e

¹⁵ Termo usado por Recuero (2014) para designar a Conversação Mediada por Computador – CMC.

adaptado para essas trocas no tempo. Com isso, no ciberespaço raramente as conversações são puramente síncronas ou puramente assíncronas por conta do seu caráter mutante e da forte dependência que possui com a ferramenta que a viabiliza. Essas conversações estabelecem-se através de várias ferramentas, migram entre tipos síncronos e assíncronos. Uma conversa que inicia de forma assíncrona no *Facebook* pode rapidamente tornar-se síncrona (com a conexão dos demais autores) e, posteriormente, assíncrona novamente (suponhamos que alguém sai e depois recupere as falas e o contexto e continua a conversação).

A conversação no ciberespaço, assim, é um evento complexo, múltiplo e multimodal. Portanto, são essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes. É nessa nova realidade da “virtualidade” que a nossa cultura está sendo interpretada e construída e, por serem dinâmicas, elas mudam com o tempo e com as próprias ferramentas que surgem e são reapropriadas pelos sujeitos.

Sendo assim, devido às mudanças advindas das novas tecnologias, somos cada vez mais participantes de diferentes gêneros do discurso *online*, os quais classificamos como gêneros digitais, ou seja, gêneros imbricados no mundo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs (TANZI NETO; MELO, no prelo). Nessa vertente, o *Facebook* constitui-se um lugar propício para a celebração da cultura da hibridização de gêneros, na qual as misturas são experimentadas em diferentes níveis e padrões, muitas vezes de maneira viral (meme visto como um vírus que se reproduz). O potencial da viralização dos memes promove um rico processo de reelaboração/transmutação de gêneros, pois há uma interpenetração de discursos.

Por ora, destacamos que, em um primeiro momento, a relação tempo-espaço é indissociável e que, sobretudo, acompanha a evolução dos espaços onde a linguagem e o meio social se entrelaçam. Compreender os memes como elementos que denotam uma prática social que fazem parte da realidade cotidiana dessa geração digital, é fato rico e interessa a pesquisadores de diferentes áreas porque aponta para um consenso: ainda temos muito que diligenciar sobre o quanto as relações entre linguagem e tecnologia proporcionam e inspiram muitos objetos de estudo no âmbito das ciências linguísticas. Um dos objetos que emergem das relações entre a linguagem e as tecnologias é justamente a coreografia dançada pelos gêneros dos discursos que se reajustam e se reelaboram nos diversos ambientes virtuais.

É justamente nesses espaços, onde memes circulam, que encontramos outras pessoas, outras culturas, em tempos que atravessam dias, meses, anos, décadas, séculos. Nosso contato com o outro obedece às variações do espaço e do tempo. Desse modo, o *Facebook* é o cronotopo onde as transformações acontecem em um movimento de tensão e abertura, de construção e

desconstrução permanentes. Portanto, fica a certeza de que, em termos de gêneros do discurso, ainda não sabemos o que virá por aí, mas os estudos da linguagem e suas relações com a tecnologia ainda está longe de ser mera contemplação, mas é, na verdade, uma navegação em águas que não cessam transcorrer oceanos incertos.

2.3.3 A Carnavalização e o Riso no *Facebook*: o meme como elemento cultural de subversão

Esta seção se destina fazer um breve apanhado sobre os conceitos bakhtinianos de carnavalização e riso, buscando demonstrar como esses estão relacionados na cultura digital, através do replicar de memes no *Facebook*. Para tanto, partiremos da compreensão do riso, sobretudo, como um fenômeno cultural. O discutiremos como uma forma discursiva irreverente de lidar com a realidade, presente no domínio discursivo humorístico dos memes, mas estritamente ligado à manifestação do riso na cultura ocidental da Antiguidade e da Idade Média, cujos elementos cômicos utilizados se organizavam para criticar indivíduos de uma forma particular, ou atacar valores ditados por uma instituição social.

Diariamente, costumamos rir de diversas coisas: rimos de situações cômicas, do que nos parece ridículo e, por que não dizer, rimos até das situações mais difíceis. Enfim, o ser humano pode reagir rindo de modo muito diverso nas inúmeras situações cotidianas vivenciadas. Mas, o significado do riso na sociedade ocidental pode ser melhor compreendido se remontarmos sua história, investigando o sentido do riso nas festas e tradições populares, remontando ao humor no Renascimento, onde Bakhtin (2013, p. 57) aponta que o riso

[...] tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o *sério*; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que o sério: somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo.

Segundo Bakhtin (1987), a força das narrativas cômicas tem forte ligação com as tradições engendradas na Antiguidade por meio da carnavalização¹⁶, conceito esse delimitado

¹⁶ Tal conceito foi delimitado por Bakhtin, inicialmente, em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, na qual o conceitua e aborda a cosmovisão carnavalesca do gênero sério-cômico. Contudo é, em sua tese de doutorado intitulada *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento contexto de François Rabelais*, que a noção de carnavalização foi desenvolvida de modo mais completo.

pelo autor como sendo “uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações dependendo da diferença de época, povos e festejos particulares (BAKHTIN, 2015b, p. 139).

Todavia, o que vai nos interessar de fato, nos apontamentos bakhtinianos, não é a historicização ou descrição detalhada dessa manifestação cultural, mas a percepção de sua relação com a ruptura social da época, de sua força revolucionária que nos leva a questionar o modo de ser. Na concepção de que o carnaval “é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova (BAKHTIN, 2015b, p. 142).

Assim, a carnavalização, para Bakhtin, recebe uma compreensão para além da festividade, mas se funda com uma cosmovisão revitalizadora que assume o princípio do redimensionamento das relações do homem com o mundo. E, para evidenciar tal processo, Bakhtin (1987) buscou nos documentos e registros do mundo ocidental momentos de afrouxamento das fronteiras entre o sério e o cômico, o oficial e o extraoficial, o sublime e o escatológico, precisamente nos eventos culturais no período de transição da Idade Média para o Renascimento. O riso tem a função de criticar comportamentos no interior de uma coletividade, ao mesmo tempo em que produz um sentimento de unidade por identificação a uma determinada visão de mundo. Sendo assim, o riso é eminentemente social, por isso não pode ser analisado distante do contexto histórico-cultural dos sujeitos que cultivam tais práticas.

Foi na excentricidade das festas populares que o sagrado e o profano se consubstanciaram. Neste espaço ocorre o desbotamento da fronteira entre o sério e o cômico; o fantástico e o real. No mundo carnavalizado tudo se manifesta de forma ambivalente. Na praça pública, a proclamação da liberdade decorre das festas que propõem a quebra de hierarquia das classes sociais. A troca de papéis é um jogo que permite fazer críticas de maneira alegre e sarcástica. O homem deixa de estar alienado, ganhando voz para dizer o que pensa através de gestos e vocabulários que lhe convém. Não há separação entre atores e plateia, todos ocupam as duas funções (CARVALHO, 2009),

[...] todos são participantes ativos todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (“monde à l’ensers”). (BAKHTIN, 2015b, p. 140)

Até mesmo os espectadores mais passivos, não assistem o carnaval impunemente e vivem as situações que são colocadas em jogo. “O comportamento, o gesto e a palavra do

homem liberta-se do poder de qualquer posição hierárquica (de classe, título, idade, fortuna) que os determinava totalmente na vida extracarnavalesca [...]” (BAKHTIN, 2015b, p. 140).

Na praça pública, a quebra das diferenças entre as pessoas desponta modos de comunicação livres dos tabus e restrições da vida ordinária, levando as pessoas a utilizarem novas formas linguísticas (BAKHTIN, 2013). Tal interação oportuniza o surgimento de gêneros inéditos e a eliminação de formas desusadas. Denota-se como característica importante dessa tipologia comunicacional, a falta de polimento das palavras: não há a necessidade de uma linguagem rebuscada. Ao contrário, elas sofrem mudanças de sentido, palavrões e injúrias ganham maior liberdade e, ao invés de separar, afunila os laços entre as pessoas.

A inversão de papéis sociais permitia que muitas verdades fossem ditas em tom de brincadeira. Nesse contexto, não há um único alvo de escarnecimento, todos os atores sociais são objetos de chacotas quando se encontram em um cenário carnavalesco.

Refletindo acerca destes apontamentos e trazendo essa discussão para a contemporaneidade, precisamente, voltando à discussão para o advento da *internet* e do uso significativo do *Facebook*, no qual há uma circulação diária de milhares de memes, na presente pesquisa, pensaremos nesta rede como sendo uma espécie de “nova praça pública”. Fisicamente diferente da explicitada por Bakhtin (2013), mas repleta de elementos peculiares a ambas: a ambivalência nos discursos, a excentricidade, a liberdade de expressão, o surgimento de novos modos de comunicação e, principalmente, em todas elas – na Praça Pública e no *Facebook* – temos o mesmo direito à voz.

Nesse ínterim, os memes demonstram, muitas vezes, uma crítica a um determinado segmento social. Aqueles de menor poder aquisitivo atacam as instâncias de poder, ridicularizando e apresentando os pontos fracos de seu opositor. Da mesma forma, as classes de maior poder político tomam-nos como seres inferiores e imbecis. A produção do humor irá explorar o grotesco, a deformação do corpo e da alma humana para rebaixar o outro em jogo de disputa de sentidos.

3 CADASTRANDO E EDITANDO O PERFIL

3.1 IDENTIDADES: PUXANDO AS “MEADAS” DESSES FIOS¹⁷

Segundo Hall (2015), a questão da identidade é atual e amplamente discutida nas paisagens das ciências sociais e humanas, em decorrência das inúmeras transformações no mundo, promovidas pela globalização. Essas mudanças deslocaram as estruturas, os processos sociais e abalaram os quadros de referência que estabilizavam os indivíduos no mundo social, fragmentando o espaço, o homem e a sociedade. Desse movimento maior, eclode a chamada “crise de identidade” que varre o sentimento de unidade estabelecida dos sujeitos, desestruturando as identidades.

Mas, o que significa ter uma identidade? Será que essa permanece estável durante toda nossa vida? Conforme o dicionário, a definição de identidade é tida como circunstância de um indivíduo ser aquilo que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja. Tal conceito retrata bem o ser da sociedade existente na pós-modernidade, pois “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2015, p. 21).

Ao organizar os conhecimentos sobre esse tema, Hall (2015) postulou três concepções de identidade, consolidadas em três sujeitos: iluminista, sociológico e pós-moderno. Tais concepções clarificam a imagem de um sujeito que se desloca da unidade à fragmentação. Dessa forma, no iluminismo, identidade é definida como o núcleo, a essência do ser, assim, esse sujeito é representado como centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação. A partir dessa vertente originou-se o pensamento filosófico que estrutura uma visão de identidade como aquilo que eu sou, logo autossuficiente.

Por conseguinte, o sujeito sociológico espelha em sua identidade as crescentes transformações do mundo moderno. Alarga-se a consciência de que o sujeito não é autossuficiente, mas formado por outros indivíduos do mundo social. Conforme apontamentos de Hall (2015) e Beijaard et al (2004), se cunha uma concepção interativa de identidade e do “eu”, que se reverbera em estudos de linguagem como os do Circulo de Bakhtin (2017). Assim, nessa concepção, o sujeito preserva um núcleo que se (trans)forma num diálogo ininterrupto

¹⁷ Utilizamos a metáfora dos fios por entendermos o processo de constituição de identidades, dentro deste trabalho, como parte de uma malha de múltiplos fios, interligados dialogicamente e socialmente. O ser humano como um fio da existência social.

com a sociedade e “[...] com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2015, p. 11).

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Para Hall (2015), esse sujeito possuidor de identidades unificadas e estáveis, está se fragmentando perante as contínuas e avassaladoras mudanças estruturais e institucionais, configurando não uma, mas múltiplas identidades, por vezes antagônicas. Esse processo caracteriza o sujeito pós-moderno, definido por uma identidade não fixa ou permanente, mas móvel, fragmentada, descentrada, dependente do contexto, fruto de representações e discursos que emergem de um mundo de rupturas marcado por conflitos e relações de poder.

Na psicologia, a identidade é gestada na socialização e definida na individualização. Isso significa que ela é uma construção social que nos conecta socialmente e nos identifica como indivíduos. Sobre essa questão, linguistas como Rajagopalan (1998) e Moita Lopes (2002) advogam que a identidade de um indivíduo se constrói nas práticas sociais, na língua(gem) e por meio dela. Para Moita Lopes (2002) é na interação com o outro, por meio da linguagem, que as pessoas se tornam conscientes de quem são construindo suas identidades sociais. Nessa mesma linha de pensamento, para Rajagopalan (1998), os indivíduos não possuem uma identidade fixa anterior e fora da língua e, como a língua, as identidades estão sempre em estado de fluxo, constituindo-se mutuamente. Todas essas definições comungam de uma concepção identitária em movimento.

A identidade se relaciona à representação de si, conjugando para isso papéis sociais, ou melhor dizendo, por meio das interações sociais surgem as identidades, como representação e identificação de determinados aspectos que podem ser culturais e sociais. Para Hall (2015) e Woodward (2014), a identidade é relacional, em que a diferença é estabelecida por meio de uma marcação simbólica assinalada pela diferença. Conforme aponta Woodward (2014, p. 39):

[...] as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de

representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

Assim, a representação que fazemos de nós é sempre a representação de algo ausente (externo ao sujeito, social), o que definiria a identidade como um conjunto de representações que responde à indagação “quem eu sou neste momento?”. Numa perspectiva de identidade e diferença, ela é a somatória do que eu sou em oposição ao que eu não sou, definindo o sujeito a partir da alteridade, da interação com os outros (SILVA, 2014).

Dessa forma, podemos falar da constituição identitária como um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; sendo que o sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam o social.

Por conseguinte, mesmo concordando que as identidades se constituem nas relações sociais, a perspectiva pós-moderna veio para questionar a ideia de uma sociedade, sujeito e/ou identidade unificada, bem delimitada e centrada; a ideia de uma identidade essencial, permanente e real. Sobre esta questão, Hall (2015, p.11-12) salienta que

[...] o sujeito pós-moderno, conceptualizado não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 1987). É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas.

O surgimento de novos estilos de vida afeta o cotidiano de cada indivíduo. Os valores se transformam e, conseqüentemente, as identidades tendem a essa mudança rotineira, já que a organização da sociedade nesse contexto faz com as pessoas há muito não pertençam a lugares bem definidos, pois através de novos padrões culturais os sujeitos tendem a sofrer constantes mudanças que logo serão trocadas. Nessa direção, o que temos na pós-modernidade é aquele sujeito “renascido” da diversidade cultural de um mundo que não cessa em disseminar sua indústria cultural e que leva à sociedade a um multiculturalismo.

Contribuindo com essa discussão, Bakhtin (2011) destaca a necessidade de se compreender o sujeito como ser constitutivo de um conjunto de relações sócio-históricas. Assim, o que temos são sujeitos que nasceram com uma definida identidade, mas que ao longo

de sua existência, estes têm sua identidade cindida, ou seja, o que temos na pós-modernidade são sujeitos formados por um processo de assimilação de vários discursos. Observe.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (BAKHTIN, 2011, p. 379).

O autor atesta que a alteridade define a essência da natureza do ser humano, pois a presença do outro é fundamental para a sua concepção. A consciência nasce nas relações estabelecidas socialmente, por meio da linguagem e sua mediação sógnica. Em outras palavras, é preciso entender que tudo o que somos é produto da interação com o outro, constituindo assim, o conceito de alteridade, que nos impulsiona a compreender o nosso outro não como ser passivo, mas como aquele que também é parte ativa na construção da identidade.

Isso posto, entendemos que o conceito de identidade na pós-modernidade passa a ter um caráter diferenciado em relação à identidade iluminista e sociológica, uma vez que desarticula estabilidades e, ao mesmo tempo, possibilita novas formas de se conceber as identidades. É importante ressaltar que a formação da identidade perpassa as relações sociais das quais o sujeito participa e envolve a apreensão do mundo tornando-se, também, um processo histórico/cultural. Destarte, somos partícipes de uma realidade heterogênea, o que nos direciona a apreender as diversas vozes sociais circulantes, nos constituindo sujeitos.

Portanto, é inevitável a necessidade de se ter um novo gesto de leitura sobre a(s) identidade(s) do sujeito pós-moderno, em nosso caso, do professor de língua inglesa, e de como ele vem construindo suas identidades culturais num movimento descontínuo, marcado por rupturas, fragmentações e deslocamentos na pós-modernidade. De certa forma, o sujeito em foco reflete as mudanças ocorridas na sociedade a partir de novas heranças culturais, sendo, logo, interpelado não apenas por uma formação discursiva, mas por diferentes vozes. Daí se falar em um sujeito descentrado, redondo. Na literatura, personagens redondas são aquelas definidas por sua complexidade, são personagens dinâmicas e multifacetadas, ou seja, possuem uma espécie de identidade performática, móvel, transformada ao longo da narrativa.

Corroborando com a discussão, Bauman (2005) a partir de seu pensamento sobre a “modernidade líquida”, compreende, no cenário atual, a busca por uma identidade como uma “tarefa intimidadora de alcançar o impossível”. Em seu texto, a crise da identidade desperta em muitos a necessidade de identificação e pertencimento, mas, em outros, infinitas possibilidades

de viver a liberdade. Entram em conflito, nesse panorama, dois valores indispensáveis à humanidade: a segurança do pertencimento e a liberdade de escolha.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente “nem-um-nem-outro” torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo”-ser identificado de modo inflexível e sem alternativa- é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005, p. 35).

Consoante com a visão baumaniana e, conforme explicitado anteriormente no pensamento de Hall (2015), as identidades culturais operam a partir de um panorama de crise e dúvida. Bauman (2005) ratifica que o desejo de identidade se associa à necessidade da segurança oferecida pelo pertencimento. Ser errante, estar em toda parte, mas, ao mesmo tempo, não pertencer a lugar algum. Não ser nenhum, nem outro, com o tempo, torna-se condição fatigante. Por outro lado, fixar-se frente à miríade de possibilidades também não parece constituir postura atraente ou digna em nosso tempo. Desse modo, Bauman (2005) postula não uma identidade definida, mas uma rede de conexões: identidades leves, flexíveis, convenientes, multifuncionais, fáceis de vestir e despir-se.

Ainda para o Bauman (2005, p. 81), “identidade é uma luta simultaneamente contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta de ser devorado”. Nessa batalha, a identidade não pode realizar a identificação sem articular a exclusão, dividir mais do que unir, excluir mais do que incluir. Sendo assim, a identidade é o grito daqueles que se sentem ameaçados frente às pressões coletivas da modernidade líquida.

Em síntese, as perspectivas e os autores que fundamentam este estudo postulam a “morte” do sujeito centrado, do sujeito como origem de seu dizer e produtor de verdades absolutas, ao mesmo tempo em que ressaltam a heterogeneidade constitutiva do sujeito. Tudo, fruto do social, da linguagem e do outro, ou seja, há uma rede de significações, anterior e exterior ao sujeito, que possibilita a este instituir-se, significar-se e construir sua(s) identidade(s).

Nesse arcabouço teórico, as redes sociais *online*, constituem espaços que nos possibilitam vislumbrar identidades materializadas fugazmente em memes, imagens e discursos e que os sujeitos sociais cultivam e propagam para representar o mundo e a eles mesmos.

3.2 LINGUAGEM E ALTERIDADE: FIOS ENREDADOS NUMA TESSITURA DIALÓGICA

Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros e para si mesmo.

Mikhail Bakhtin

Os estudos da linguagem do Círculo [BAKHTIN (2011), VOLOCHÍNOV (2013), VOLOCHINOV (2017), MEDVIÉDEV (2015)] apontam uma visão que compreende o sujeito como um construto de relações sócio-históricas de natureza dialógica. Os comentadores e pesquisadores das obras do Círculo de Bakhtin tendem a observar o dialogismo sob duas análises. Ao passo que temos, de um lado, o diálogo entre interlocutores, fundado na interação verbal; e, do outro, a relação entre os discursos, constituída pelas vozes que marcam o discurso.

A esse respeito, Volochínov (2013, p. 157, grifo do autor) destaca que

cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. Já vimos que até as mais simples, as mais primitivas expressões de desejos, de percepções puramente fisiológicas, têm uma clara estrutura sociológica.

Dada tal visão, o sujeito, para o Círculo¹⁸, tem em sua essência uma natureza dialógica, oriunda da percepção de que os enunciados são partícipes de uma cadeia plena de ecos e vozes sociais. Compreende-se que o discurso é preenchido não por uma, mas por múltiplas vozes e, no curso da interação social, os sujeitos produzem seus discursos através das palavras de outros sujeitos (e não propriamente da língua, numa forma ideologizada), fazendo surgir significações no seu interior e, concomitantemente, provocando os revides às atitudes dos outros, que ficam responsáveis por movimentar o discurso subsequente, e assim por diante (BAKHTIN, 2016).

Na vereda desse pensamento, Bakhtin (2011) nos direciona a compreender a língua num movimento dialógico em direção à alteridade, no reconhecimento do outro e seu caráter ativo na construção dos sentidos. “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 378). Para Bakhtin, o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 2015b, p.293). Tudo o que me diz respeito vem-me do mundo exterior por meio da palavra do outro. Todo

¹⁸ No presente estudo, ao referirmos ao “Círculo”, estamos nos limitando a Bakhtin, Volochínov e Medviédev.

enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de muitos outros enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é o discurso, instituem-se sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um continuum. “Um sujeito não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 2011, p. 319). Dito de outra maneira, o indivíduo não é a origem de seu dizer.

Nota-se, assim, que Bakhtin não fala da língua como um sistema abstrato de formas linguísticas à margem da atividade do falante, mas como realidade material das práticas sociais. Volochínov (2013, p. 157) respalda: “a língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social”. Por isso, a língua enquanto sistema de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica com finalidades específicas, por ela não dar conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.

No Círculo, um dos objetos de estudos privilegiados diz respeito às relações dialógicas que se travam entre os enunciados dos sujeitos falantes e escreventes de uma língua, socialmente organizados, que agem responsivamente a todo e qualquer enunciado (BAKHTIN, 2011). Para eles, o diálogo interessa, mas

[...] como um dos espaços onde se dá, por exemplo, o entrecruzamento, das múltiplas verdades sociais, ou seja, como um dos muitos espaços em que ocorre diálogo no sentido amplo do termo, isto é, a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho posto em relação (FARACO, 2009, p. 62).

Assim, a importância do diálogo se dá enquanto um espaço de realização do diálogo, em seu sentido mais amplo, responsável pela dinâmica do processo de interação entre as diferentes vozes sociais. Dessa maneira, “dois enunciados quaisquer se justapostos do plano do sentido, entabularão uma relação dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 345-346), pois é na realização do diálogo que as relações dialógicas (sentido) se estabelecem entre os enunciados.

Segundo Volochínov (2013, p. 171),

[...] esse sentido geral depende tanto da situação imediata que gerou diretamente a enunciação, como de todas as causas e condições gerais mais remotas daquele intercâmbio comunicativo específico. Assim, cada enunciado se compõe, em certo sentido, de duas partes: um verbal e outra não verbal.

Essa parte não verbal constitui-se, na verdade, na parte subtendida da enunciação. Ou seja, aquela que, para se fazer entender, não adianta recorrermos ao dicionário, pois a mesma encontra-se atrelada a um contexto sócio-histórico, de uso real e concreto. Assim, “seria uma tarefa desesperada tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus vínculos com a efetiva situação social que as provocam” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 156).

Podemos dizer que “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (BAKHTIN, 2011, p. 345), uma vez que eles funcionam como elo na cadeia da comunicação verbal de uma determinada esfera discursiva. As fronteiras desses enunciados são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. Eles não são considerados diferentes uns dos outros nem autossuficientes, apenas refletem-se mutuamente e estão repletos de ecos e lembranças de outros enunciados, os quais se vinculam no interior de uma esfera de comunicação. Assim, “o enunciado deve ser considerado, acima de tudo, como uma resposta a enunciados anteriores” (BAKHTIN, 2011, p. 316) uma vez que eles refutam, confirmam, contemplam o propósito discursivo de outros enunciados.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 2011, p. 314-318).

Feitas tais considerações, o enunciado, sob a perspectiva bakhtiniana, constitui-se unidade da comunicação discursiva, de caráter social e, conseqüentemente, de conteúdo ideológico, no qual o centro organizador de toda a enunciação é o contexto social.

Nessa perspectiva, fica claro o caráter de uma existência partilhada do homem. O ser humano só se constitui um ser social na medida em que partilha sua existência com o outro. A experiência individual verbal do homem sofre continuamente o efeito da interação com os enunciados individuais do outro. A esse respeito, esclarece-nos Bakhtin (2011, p. 301):

[...] o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói, levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...]. Desde o início, o falante aguarda a resposta

deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta.

Portanto, pode-se perceber uma visão direcionada para o homem pensando sempre a sua relação com ele e com os outros, uma vez que a realidade da linguagem é um fenômeno social de interação, uma troca de enunciados.

Nesse pensamento, não há espaço para a passividade, mas, ao contrário, espera-se uma atividade responsiva e um posicionamento valorado. O sujeito que produz um discurso não quer uma compreensão passiva que somente levaria à repetição de seu pensamento, mas almeja respostas que evidenciem adesão, concordância ou, contrariamente, objeção às ideias expostas. O sujeito bakhtiniano gera respostas, toma atitudes, constituindo-se sujeito não totalmente interpelado.

Sobre movimento dialético desse sujeito Volochínov (2013, p. 196) argumenta que

[...] qualquer palavra dita ou pensada, exprime um ponto de vista a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações. De fato, essa realidade não é imóvel, não é uma realidade estática como uma escultura de bronze; sem conhecer nem desenvolvimento nem movimento, o homem estaria imóvel. A realidade efetiva na qual o homem real vive é a história, este mar eternamente agitado pela luta de classe, que não conhece quietude, não conhece paz. A palavra a refletir esta história, não pode não refletir as contradições, o movimento dialético, a sua “constituição”.

Daí a importância de se perceber a enunciação para além de um simples fluxo verbal, mas um produto de interação social, que desencadeia uma consciência falante construída a partir de um dado ponto de vista. Convém respaldar que, para o pesquisador, “qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196).

Na esteira desse pensamento, fazer uso da palavra, implica um juízo de valor que, partindo da relação do enunciado com a realidade, com seu autor e com os outros enunciados anteriores, traz para o discurso os elementos ideológicos que o constituem. Visto que “palavra, como qualquer signo ideológico, não reflete simplesmente a realidade, mas a interpela no intercâmbio comunicativo social vivo, na interação verbal viva (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 200). A palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos. É pela palavra que se refletem (e refratam) numa determinada realidade, a sua significação vai muito além daquilo que é estabelecido apenas nos dicionários. Aliás, a palavra só constitui o âmago da comunicação verbal quando assume sua função principal: ser um elemento semiótico que compõe um enunciado e propicia a interação social.

Nesse ínterim, compreender o papel do outro, parece-nos imprescindível na linguagem. A alteridade, para o círculo, encontra-se entrelaçada com linguagem ao passo que o diálogo é o acontecimento do encontro e interação com a palavra do outro e, fora dele, “a palavra só existe no dicionário, mas nesse é uma palavra morta, não é senão um conjunto de linhas retas ou semicirculares, de marcas de tintas tipográficas sobre uma folha de papel em branco” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 195).

3.3 A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: TECENDO “FIOS” COM OS ESTUDOS CULTURAIS

Os estudos identitários acerca da profissão docente têm recebido atenção especial de pesquisadores e ganhado maior notoriedade e profusão nos últimos anos, procurando compreender, especialmente, como o professor de língua inglesa se vê na contemporaneidade, face este contexto histórico/cultural e, principalmente, como este vem negociando suas identidades culturais nas diversas relações dialógicas estabelecidas no *Facebook*. Na área da Linguística Aplicada, a assertiva não foge a regra, tal temática tem propiciado reflexões profícuas, sobretudo, em relação a questões ligadas à identidade docente.

Nessa linha de raciocínio, nos estudos de Hall (2014, 2015), Woodward (2014) e Bauman (2005), é possível entender que as identidades são construções socioculturais que se formam na relação com o outro, atravessadas pelas diferenças, antagonismos e múltiplos discursos, marcadas pela transitoriedade e pela fragmentação. Apesar de uma aparente unidade, o indivíduo é multifacetado e heterogêneo. Hoje, as identidades perderam a estabilidade, têm uma validade curta, são dispersas, difusas e de difícil compreensão (BAUMAN 2005).

Hall (2015) ressalta que a identidade emerge não com o que já está dentro de nós, mas com o que ainda falta em nós e é completada no(s) outro(s) e na forma como imaginamos que o(s) outro(s) nos vê(em). O pesquisador destaca ainda que os sistemas sociais, as transformações econômicas e tecnológicas fazem com que a constituição da identidade esteja sujeita a fatores contingenciais, que levam o indivíduo a constantes transformações. Esses sistemas sociais fazem parte da representação do sujeito e o interpelam à medida que formam e transformam sua(s) identidade(s). Nesse sentido, o indivíduo assume identidades diversas de acordo com seu momento de vida.

Compactuando com o pensamento da identidade como um construto social, Woodward (2009) reforça que não podemos deixar de levar em consideração que a identidade é o resultado de componentes diversos, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. A

construção da identidade acontece em oposição a outra(s) identidade(s), num dualismo onde um é sempre mais valorizado que o outro, marcando a diferença entre eles.

A identidade profissional do professor encontra-se imbricada nas questões que formam a identidade do sujeito em constante transformação. Ela também está ligada à centralidade de seu currículo e às representações e significados que são construídos através de constantes negociações entre os pares.

Celani e Magalhães (2002, p. 321) afirmam que as representações sobre o conhecimento, a competência, as habilidades, as atitudes e os valores que orientam e definem o trabalho do professor “são sempre construídas dentro de contextos sócio-históricos e culturais e relacionadas a questões políticas, ideológicas e teóricas”. Todavia, é importante ressaltar que as necessidades educacionais e os próprios professores mudam de acordo com o momento histórico e o contexto social em que estão inseridos. Assim, a identidade é uma criação social e cultural instável, isto é, está em constante transformação.

Rajagopalan (2003, p. 71), reafirma esse pensamento quando diz que

[...] já não há mais quem, em sã consciência, acredite que as identidades se apresentam como prontas e acabadas. Pelo contrário, acredita-se, em larga escala, que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação e ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidades fora das relações estruturais que imperam em um dado momento.

No contexto educacional, podemos dizer que o professor, em um processo contínuo, constrói a sua identidade por meio de relações dialógicas com colegas, coordenadores, pais, com seus alunos e, principalmente, na atualidade, também com outros tantos sujeitos conectados nas redes sociais *online*. Nesse sentido, entendemos que o professor constrói sua identidade profissional ao interagir com as pessoas a sua volta, ao reiterar concepções pessoais e sociais sobre si próprio e sobre sua profissão, ao negociar e renegociar sua identidade pessoal-profissional, enfim, fazendo com que ela esteja em um processo de constante desenvolvimento. Assim, nas palavras de Rajagopalan (2001), o que define a identidade é a sua permanente instabilidade.

Dessa forma, entendemos que o processo de construção da identidade profissional do professor de LI inicia-se durante os primeiros anos de sua formação. Ao ingressar nos cursos de Letras, o futuro professor principia os processos que Rajagopalan (2001) chamou de

negociações e renegociações de identidades, evento que implica uma constante alternância de posições, as quais fazem com que pessoas estejam predispostas a passar de uma a outra identidade continuamente devido a situações que as fazem mudar constantemente.

Oliveira (2006, p. 28) ressalta que a construção da identidade profissional do professor toma como referência os saberes teóricos e práticos presentes em seu “quadro de referência” e os conjuntos de valores que fazem justamente com que sua identidade não seja fixa ou imutável. Dentro desta ótica, parece evidente que a identidade profissional do professor seja resultado de um processo de negociação a respeito de diversos aspectos relacionados à sua prática durante sua formação.

Aproximando esse processo de negociação da nossa pesquisa, respaldamos os estudos desenvolvidos por Rosa e Santos (2013, p. 52) acerca das identidades virtuais no *Facebook*. Os autores consideram que as identidades, neste ambiente, se constroem e se negociam por intermédio da relação com a alteridade e com os modelos socioculturais. Não obstante, entendemos que essa negociação tende a ser reformulada por meio da interação social, a qual acarreta situações variadas e interesses distintos, “induzindo o indivíduo selecionar determinados elementos de sua identidade e representá-los perante os demais em reciprocidade de ações”. Por conseguinte, a assertiva coaduna com os estudos de Rajagopalan (2001) que também vê nas diversas situações sociais, o palco onde se dá o processo de negociação de identidades.

No mundo virtual, mais especificamente na rede social *Facebook*, se constrói/transmite diariamente milhares de representações de professores. Eles, ao se tornarem partícipes de *fanpages* que versam acerca da identidade docente, propagam representações que eles próprios têm de sua identidade profissional. A identidade constitui-se dos “papéis” que o indivíduo incorpora socialmente. Ela será diferente de acordo com as situações. O sujeito é múltiplo.

Diante do explicitado, entendemos, neste trabalho, que a identidade social é construída pelos sujeitos sociais sob uma perspectiva interacionista e, sobretudo, dialógica, na qual as expectativas que os membros do grupo têm sobre os papéis a serem desempenhados pelos sujeitos constituem os pilares de sustentação. Em outras palavras, a aceitação de determinada identidade social supõe que haja interação entre os sujeitos na sua construção e partilha, assegurando assim um compromisso do/com o grupo, definindo os sentimentos de pertença social que sustentam a sua existência.

Ou seja, a identidade possui simultaneamente uma dimensão individual, isto é, as ideias, concepções e representações que construímos sobre nós mesmos; e uma dimensão coletiva, os

papéis sociais que desempenhamos em cada grupo do qual pertencemos (familiar, profissional, escolar, religioso etc.).

Assim, quando tratamos dos professores como sujeitos sociais que partilham espaços, tempos e representações sociais, não podemos deixar de considerar que o contexto mais amplo em que cada um dos sujeitos está inserido interfere profundamente em suas expectativas e percepções.

Em relação à formação profissional do professor de língua estrangeira, pode-se dizer que é principalmente durante as aulas de língua estrangeira que sua identidade e formação profissional mais se desenvolvem, pois, de acordo com Rajagopalan (2001, p. 88), “[a] sala de aula de línguas estrangeiras é uma arena onde o que devemos esperar normalmente é um choque de identidades”. Portanto, ao entrar em choque com as identidades dos colegas professores, dos alunos e demais atores do processo educativo, os profissionais da educação negociam e renegociam suas identidades continuamente.

Além de ser um contexto repleto de identidades pessoais e profissionais diferentes, a sala de línguas estrangeiras é também um cenário onde identidades culturais diferentes se encontram. Por conseguinte, a construção da identidade profissional do professor de LI se desenvolve concomitantemente à construção da identidade cultural do aluno e demais membros da comunidade escolar.

3. 4 ENCONTRANDO AMIGOS, CRIANDO GRUPOS: O ESTADO DA ARTE

A pesquisa ora desenvolvida ousou trilhar um caminho razoavelmente novo no campo de estudos da Linguística Aplicada, especialmente na área concentrada Linguagem e Práticas Sociais. Partindo de uma abordagem dialógica do discurso, à luz da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, que a compreende enquanto prática social, discutiremos sobre o posicionamento identitário de professores de língua inglesa, com o intuito de verificar como esses se vêem na contemporaneidade a partir da análise discursiva dos memes postados e compartilhados por eles em *fanpages* do Facebook.

A escolha deste campo específico deu-se por acreditar que existe um vasto leque de objetos de estudo nessa área da comunicação, cuja relevância é proporcional ao crescimento de redes sociais espalhadas pela *internet*. A partir disso, nasceu a decisão de analisarmos um conteúdo que se tornou popular dentro das redes, os chamados memes. De igual maneira, podemos dizer que o meme, visto como um gênero midiático contemporâneo, revela múltiplas

representações sociais e o professor, sem se dar conta, comenta, curte e compartilha suas representações em forma de memes, muitas das quais se constroem a partir de discursos lesivos à convivência humana.

Encarados desse modo, percebemos que as interfaces midiáticas medeiam a construção da(s) identidade(s) dos professores de língua inglesa, pois inferimos que o docente, ao tomar um posicionamento (reproduzir um meme), está assumindo uma identidade que, por sua vez, vem sendo (re)construída por meio de práticas linguístico-discursivas cada vez mais ampliadas pelas redes sociais que se formam na *internet*. Portanto, em função de todos esses aspectos, o que nos propomos discutir é, sobretudo, a representação do professor construída pela sociedade e amplificada pelos docentes que se relacionam por meio das postagens dos chamados memes em *fanpages* do *Facebook*.

A relevância de tal pesquisa se dá pelo fato de esta lançar, não apenas mais uns olhares acerca de como os docentes se apropriam das ferramentas das redes sociais e as utilizam no construto de suas identidades sociais, mas também, por abarcar uma temática inovadora e desafiadora, visto que, apesar da multiplicidade de pesquisas que correlacionam linguagem/redes sociais/identidade docente, no levantamento de nosso estado da arte não encontramos nenhuma que adentrasse no estudo da identidades docentes a partir dos memes. Fato este que veio a intensificar a relevância deste trabalho.

Assim, em virtude da multiplicidade de interações no universo digital de comunicação, resolvemos produzir um estado da arte apresentando pesquisas distribuídas em três núcleos: a) o estudo do universo da comunicação nas redes sociais, em especial atenção para o *Facebook*; b) a construção da identidade do docente de língua inglesa nas redes sociais; e, por fim, c) os memes como elementos constituintes de identidades docentes.

Fenômenos desse tempo, as redes sociais digitais, têm impactado a sociedade nas mais diversas formas de interação, seja entre amigos, familiares, colegas de trabalho, empresas, seja criando novos hábitos e rotinas nas pessoas. Por terem surgido como um meio de comunicação de baixo custo e acessível por parte da população, diversas marcas começaram a investir nesse ambiente. Por outro lado, o cidadão encontrou ali um espaço para garantir a sua voz e passou a participar ativamente, como aquele que não só recebe, mas também influencia a criação, a produção, o compartilhamento e a divulgação de conteúdos.

Isso posto, partiremos da pesquisa dos professores Elizabeth Moraes Gonçalves e Marcelo da Silva (2014) sobre a amplitude do diálogo nas redes sociais digitais, face às mudanças crescentes advindas dos recursos midiáticos. Os pesquisadores apontam que

[...] as redes são dinâmicas, envolvem diferentes sujeitos e cosmovisões, extrapolam em amplitude a vivência presencial, transcendem barreiras geográficas e culturais e aumentam o potencial da informação, permitindo a construção de um perfil público e o envolvimento com uma lista de usuário para criar, fortalecer vínculos e estabelecer inúmeras conexões por meio do aparato tecnológico (GONÇALVES; SILVA, 2014, p. 87).

Na esteira desse pensamento, Elizabeth Moraes Gonçalves e Marcelo da Silva (2014) apontam em seu trabalho para o que Vilches (2003) afirma ser o grande diferencial das redes sociais: “os usuários deixam de ser objetos de manipulação para converter-se em sujeitos que manipulam” (VILCHES, 2003, p. 234). Destaca ainda que o conceito de manipular aqui não tem o sentido pejorativo que comumente se lhe associa, mas assume um caráter de transformar, de agir sobre a realidade em que se atua. A possibilidade de um processo de troca fluído e uma interação de “igual para igual”.

Sobre este processo horizontal de comunicação, os autores pesquisadores reafirmam os dizeres de Vilches (2003) ao enunciarem que

[...] a perspectiva da sociedade em rede, ancorada na evolução dos suportes tecnológicos e no universo da comunicação e da linguagem, fez emergir e fortalecer uma das características basilares da linguagem humana: o dialogismo. A interação engendrada pelas redes sociais digitais marca uma nova possibilidade de relacionamentos, diminuindo as distâncias entre os interlocutores, potencializando cada ator e, conseqüentemente, contribuindo para um processo comunicacional mais horizontalizado (GONÇALVES; SILVA, 2014, p. 85-86).

Nessa mesma direção, na VII Conferência Internacional de TIC na Educação no ano de 2013, realizada na Universidade do Minho em Braga-Portugal, a professora Lucia Amante apresentou uma pesquisa direcionada ao Facebook e às novas formas de sociabilidades proporcionadas pelo uso, cada dia mais crescente, desta rede social. A pesquisadora ressalta que, para se compreender a vida social na contemporaneidade, requer-se, sobretudo, considerar os estudos das chamadas redes sociais *online* já que estas alteraram profundamente a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informações sobre si.

Nesse âmbito, em seu trabalho, o *Facebook* é apontado como sendo a rede mais popular e mais disseminada, impondo-se como uma fonte privilegiada de informações aos estudiosos da área (AMANTE, 2013). Nesse ínterim, entendemos que a interação engendrada pelas redes sociais digitais marca uma nova possibilidade de relacionamentos, diminuindo as distâncias entre os interlocutores, potencializando cada ator e, conseqüentemente, contribuindo para um processo comunicacional mais horizontalizado. Por meio delas, tornou-se possível a interação

simultânea (ou não) com diferentes indivíduos, rompendo as barreiras geográficas, temporais e linguísticas, empecilhos que antes eram significantes no resultado do processo comunicacional (AMANTE, 2013).

Em consonância com esse pensamento, a professora Recuero (2014), pesquisadora na área dos processos e práticas sociais na mediação digital, afirma que a conversação é o gênero mais básico da interação humana, é importante olharmos para ela como um gênero basilar o qual é afetado por seu contexto imediato e pelas tecnologias que sustentam, registram e atualizam as reelaborações pelas quais passam esse gênero. É exatamente nessa direção que Recuero (2014) traz à lume o livro *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Nesse trabalho, a autora mostra com acuidade acadêmica que as ferramentas computacionais há muito deixaram de ser apenas isso: ferramentas. Elas evoluíram e passaram a ser “espaços conversacionais” importantes, já que os usos que fazemos delas reelaboraram a conversa e passa a ter outras feições. O que leva a autora, ainda na mesma obra, a denominá-la de “conversação emergente” (RECUERO, 2014, p. 13).

Essa conversação, não está restrita a um grupo, mas extrapola os seus limites, ampliando seu alcance a várias redes sociais, interferindo nestas, através do desvelamento das conexões sociais. “E é essa a mais importante característica dessa conversação: o espalhamento entre grupos sociais pelas conexões entre os indivíduos” (RECUERO, 2014, p. 127).

Recuero (2014) finaliza seu trabalho ressaltando a importância de se compreender que a conversação mediada pelo computador

[...] é criativa, dinâmica e difícil de ser capturada e enquadrada em um único foco e em uma única perspectiva. [...] Por serem dinâmicas, elas mudam com o tempo e com as próprias ferramentas que surgem e são reapropriadas pelos autores (RECUEIRO, 2014, p. 18).

Nessa perspectiva, podemos inferir que as redes sociais não são pré-construídas pelas ferramentas e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas. São, assim, práticas oriundas de uma nova estrutura, proveniente do advento da interconexão entre os usuários no espaço *online*. Interconectados, os usuários precisam, também, aprender a conversar em rede.

São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpelada e construída e nossas identidades diariamente (re)desenhadas.

Ora, é inegável que as mudanças culturais, sociais, tecnológicas fazem surgir novos estilos de vida, de interação, de comunicação e de organização social. Isso também interfere na maneira como vemos o mundo, tudo que faz parte dele, inclusive as identidades. Tomemos por base um artigo acadêmico que versa acerca da construção de identidades na rede social *Facebook*, de Livia de Pádua Nóbrega, no qual destaca que o interesse cada vez maior por questões acerca das identidades sociais é resultado das diversas mudanças que vêm ocorrendo nas práticas de sociabilidade do mundo contemporâneo. Nesses contextos, as concepções identitárias definem-se múltiplas e multifacetadas.

A pesquisadora coaduna-se às ideias de Hall ao defender que a identidade deixou de ser algo dado com o nascimento e passou a ser conceituada como algo em constante construção e transformação. Não se trata mais de uma coisa imposta, mas do produto de escolhas. Nas palavras de Nóbrega (2010, p. 26), ela reafirma não mais uma questão de ser, mas de tornar-se.

Nesse baile de máscaras, onde o indivíduo troca de identidade como quem troca de roupa, transitando facilmente entre a imensa gama de opções identitária existentes, a mídia passa a ser um espaço – se não o primordial – em que diversos modelos de sujeitos e de posicionamento são ofertados às pessoas.

A pós-modernidade propiciou que as identidades se formassem em torno do lazer, da aparência, da imagem e do consumo. Consequentemente, tornaram-se frágeis os laços que a delimitavam. Dentro das redes sociais como o *Facebook*, configuram-se um cenário amplo em que é permitido construir e divulgar a – ou as, já que o plural revela-se sempre mais adequado para falar de identidade – concepção identitária que se desejar.

Nóbrega (2010) finaliza destacando que a identidade é uma convenção socialmente necessária e que na era das novas tecnologias, as redes sociais firmam seu espaço como importante ferramenta de respaldo na construção das identidades pessoais. Em uma época em que cada vez mais pessoas se utilizam desse tipo de recurso, as redes ganham corpo de intensa influência e revelam-se, não como uma tendência passageira, mas como algo que modifica radicalmente as formas de relacionamento na sociedade.

Diante de tal constatação, tomemos por base o estudo desenvolvido, recentemente, em 2015, pelas pesquisadoras Eliane Tavares, Eliane Marchetti e Raquel Bambirra, do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), acerca da identidade do professor de línguas na contemporaneidade. Nesse estudo, as pesquisadoras explicitam o cenário de mudanças oriundas do incessante processo de globalização e adventos das TICS e enfatizam que a identidade profissional do professor, encontra-se imbricada nas questões que formam a

identidade do sujeito contemporâneo. Salientam ainda que, nas redes sociais, as transformações econômicas e tecnológicas fazem com que a constituição da identidade esteja sujeita a fatores contingenciais, que levam o professor de língua inglesa a constantes transformações, ao assumir identidades diversas de acordo com seu momento de vida. Esses sistemas sociais fazem parte da representação do sujeito e o interpelam à medida que formam e transformam sua(s) identidade(s) (TAVARES; MARCHETTI; BAMBIRRA, 2015).

No contexto educacional, podemos dizer que o professor língua inglesa, num processo contínuo, constrói a sua identidade por meio de relações dialógicas, sejam elas no ambiente físico de trabalho ou em qualquer outro no qual ele faça parte. Nesse sentido, entendemos que o professor constrói ou reconstrói sua identidade profissional ao interagir com as pessoas/o mundo a sua volta, ao reiterar concepções pessoais e sociais sobre si próprio e sobre sua profissão, ao negociar e renegociar sua identidade pessoal-profissional, enfim, fazendo com que ela esteja em um processo de constante desenvolvimento.

Um dado importante na pesquisa das autoras, é que destacam o seguinte fato:

[...] o ensino de línguas estrangeiras sempre buscou integrar as tecnologias, seja com os aparelhos de áudio, a fita cassete e o gravador, o CD, a televisão e o DVD. Hoje, a questão está diretamente relacionada ao uso das mídias digitais em conexão com a Internet e, principalmente, com a dificuldade que muitos professores enfrentam em sua apropriação e adequação (TAVARES; MARCHETTI; BAMBIRRA, 2015, p. 773).

Tal constatação nos direciona a pensar que a identidade do professor de língua inglesa sempre esteve atrelada ao uso de tecnologias sejam elas convencionais, como um simples aparelho de áudio, ou de maior completude como o uso que fazemos, na atualidade, das ferramentas de interação *online*. O fato em questão é que a maioria desses profissionais ainda não conseguiu acompanhar as mudanças, principalmente no que diz respeito aos usos, linguagens e posicionamentos que fazemos no *Facebook*.

Apesar do sentimento de insegurança que temos, enquanto docentes, não podemos esquecer a necessidade de mudarmos, pois, não poderia deixar de ser, já que somos sempre diferentes, embora partilhemos do mesmo momento histórico-social. Por isso mesmo e também pelos discursos que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos, é inevitável negar a globalização e as diferentes representações em torno do professor, contingência a qual podemos resistir, mas dificilmente escapar.

4 INTERAGINDO : CURTINDO, COMPARTILHANDO E COMENTANDO

Conforme explicitado anteriormente, esta pesquisa visa discutir as construções identitárias dos professores de língua inglesa, a partir de seus posicionamentos em memes compartilhados em *fanpages* do *Facebook*, à luz da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin (2011, 2013, 2017, 2017), que a compreende enquanto prática social e cultural.

Entendemos, portanto, que a identidade é construída pelos sujeitos sociais sob uma perspectiva interacionista, onde o “outro” é imprescindível na constituição da identidade docente. Nessa linha de pensamento, os diferentes saberes e posicionamentos, contextualizados em diferentes tempos e espaços, constituem os pilares de onde o ser docente “emerge”. Em outras palavras, a aceitação de determinada identidade supõe que haja interação entre os sujeitos na sua construção e partilha, assegurando, assim, um compromisso do/com o grupo, definindo os sentimentos de pertença cultural que sustentam a existência do grupo.

Partindo do pressuposto de que os dados a serem analisados aqui são predominantemente extraídos de práticas sociais cotidianas, manifestas na rede social *Facebook*, foi igualmente necessário considerar conversações, práticas e negociações simbólicas entre os sujeitos, as quais se dão normalmente por meio dos mecanismos de participação na referida rede social: os dispositivos “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. Esses dispositivos são os responsáveis mais básicos pelo sustento da interação entre os sujeitos no *Facebook*, compreendendo não apenas as páginas de perfis pessoais de cada indivíduo como também as *fanpages*. Essas são semelhantes aos perfis individuais, mas diferenciam-se no que concerne à transmissão de informações, haja vista as *fanpages* terem uma natureza mais comercial, política e/ou identitárias de um determinado grupo de pessoas.

4.1 METODOLOGIA

Metodologicamente, o trabalho está amparado pelo paradigma qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 1996), inserido no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, com foco na Linguística Aplicada (LA), o que contribui para o entendimento de ser na e pela linguagem que as identidades são constituídas. Honrando assim, com uma genética que pressupõe um contexto sócio-histórico, (inter)subjetividade, práticas sociais e discursivas sediadas em campos da criação ideológica agenciadores e suas problemáticas constitutivas. A marca da LA é, certamente, a mais condizente com o presente estudo, cujo objetivo central é tratado a partir da premissa de “se criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a

linguagem desempenha um papel central” (MOITA LOPES, 2009, p. 19) o que ratifica a própria significação da LA, como modo de ser ao fazer pesquisa.

As afinidades do estudo com o campo da Linguística Aplicada ocorrem, não somente, da “tentativa de compreender nossos tempos e de abrir espaços para visões alternativas, ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006, p. 23). Mas, sobretudo, devido à “natureza múltipla e variada do objeto de estudo, centrado nos problemas de práticas de uso da linguagem” (OLIVEIRA, 2016, p. 51-52). Dito assim e, ainda nas palavras de Oliveira (2016, p. 51), com essa configuração,

[...] a LA é convocada a partilhar de uma determinada visão das Ciências Humanas que entende a produção do conhecimento como uma prática social, defendendo um conhecimento interessado, optando por um modo de fazer pesquisa questionador do papel da linguagem na vida social.

Nesse ínterim, ao questionar o papel da linguagem na vida social, a pesquisa ancora-se na concepção de bakhtiniana de linguagem, definida enquanto interação social e a comunicação como processo dialógico, propondo-se um ser humano semiótico, cuja consciência se constrói na e/para linguagem.

Como o nosso objetivo gira em torno de analisar práticas sociais de posicionamentos identitários pela linguagem, mais especificamente, em memes compartilhados em *fanpages* do *Facebook*, por professores de língua inglesa, faz-se necessário revozeá-los como sujeitos historicamente posicionados, dentro de uma dialética social em que os sentidos são produzidos entre os interlocutores em contato com a vida real, como tão bem respalda Faria (2007, p. 52), ao discorrer sobre a concepção de linguagem para círculo de Bakhtin:

[...] o tema da linguagem permeia, na verdade, toda a obra de Bakhtin e seu Círculo, desde o primeiro texto conhecido Para uma Filosofia do Ato, escrito em 1926, no qual o autor vincula a linguagem à vida. Para ele, não há como pensar uma sem a outra; a linguagem deve ser vista como atividade e não como sistema, e o enunciado como um ato irrepetível, único, que emerge da situação concreta de sua enunciação. Este é o princípio que norteia todo pensamento bakhtiniano, ou seja, o estudo da linguagem como prática social.

Entende-se, logo, que a linguagem enquanto prática discursiva é interação, troca, diálogo (FARIA, 2007, p. 52) e, por assim ser, encontra-se indissolivelmente vinculada às estruturas sociais. Sendo dialógica por natureza, o eu e o outro construímos, cada qual, um

universo de valores e posicionamentos, carregado de vozes. Analisando esses dizeres, constitui-se um profissional docente que apropria-se das vozes e atitudes dos outros que, nas ações de diálogos, constroem sentidos para uma ação docente.

Eis, pois, a importância da dimensão metodológica de uma pesquisa na perspectiva bakhtiniana. Interessa-nos experienciar o processo de interpretação e compreensão da transmissão e apropriação da voz alheia (OLIVEIRA, 2013, p. 279). Por isso, consideramos fundamental compreender o discurso como o meio através do qual seja possível entender que a nossa participação nas mais diversas esferas da vida social determinam quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re)construção de identidades. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas e, assim, o diálogo pode se tornar espaço para (re)construção de identidades para todos os participantes envolvidos.

Por conceber a natureza da linguagem como constitutivamente dialógica, apontando para as complexas relações entre história e embates ideológicos na constituição do ser humano, entendemos que a construção do conhecimento na vida social constitui um processo complexo e, não pouco frequentemente, marcado por contradições. Ao buscarmos, nos conceitos bakhtinianos, fundamentos para refletirmos sobre a construção do conhecimento na vida social, estamos adotando uma posição socioconstrucionista acerca dos discursos e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002), cujo construto teórico se baseia em uma visão constante de incompletude, fluidez e uma atitude dialógica perante os discursos analisados, reconhecendo as inúmeras ideologias que os perpassam, a sua especificidade, portanto, a impossibilidade de submetê-los à análise por meio de uma teoria acabada sem perder de vista a sua complexidade.

Ao elegermos o paradigma interpretativo como matriz metodológica desta pesquisa, decorre a justificativa de coerência entre tal modelo e os fundamentos do estudo. Acrescenta-se a isso, sua adequação para o tratamento analítico dos dados e a sua relevância para o cumprimento dos objetivos batizados pela pesquisadora.

Em outras palavras, é pertinente ressaltar o caráter inerentemente interpretativo da pesquisa qualitativa, para evidenciar que os dados não apresentam respostas prontas, mas que é preciso analisá-los diante de “teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem” (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

O paradigma interpretativo é definido por uma proposta coesa com as ciências sociais e adversa às ciências naturais e exatas. Conforme determinados autores¹⁹, a terminologia

¹⁹ Erikson, 1986; Creswell, 1998; Hitchcock e Hughes, 1989; Sparkers, 1992 *apud* MOREIRA; CALEFFE, 2006.

interpretativista referencia um conjunto de abordagens e é útil por ser inclusiva, se comparada a outras nomenclaturas.

Ao determinarmos como objeto de estudo posicionamentos identitários extraídos do gênero memes em *fanpages* do *Facebook*, esta pesquisa versa sobre uma prática discursiva na sua dimensão particular e contextualizada. O que, a propósito, ressoa com os apontamentos da LA: a de criar inteligibilidade, compreender e interpretar as problemáticas sociais atravessadas pela linguagem. Há uma clara preferência pela investigação interpretativista porque ela parece mais adequada para tratar dos fatos com que o linguista aplicado se depara, além de ser mais enriquecedora por permitir revelar conhecimentos de natureza diferente devido ao seu enfoque (MOITA LOPES, 1996).

Por esse motivo, nossas questões de pesquisa não podem ser satisfeitas com descrições numéricas por mensuração e estatísticas. Mas, nos respaldaremos numa abordagem qualitativa, onde o uso de verbos como *problematizar*, *discutir*, *configurar* são plenamente, realizáveis neste estudo. Nas palavras de Bodgan e Biklen (1994, p. 49), “interessa-nos, ao assumirmos a pesquisa qualitativa, a descrição e análise do processo do que simplesmente os resultados ou produtos inerentes à questão em foco”.

A pesquisa de base qualitativa busca dados de essência significativa. Nas palavras de Gibbs (2009, p. 17),

[...] os dados qualitativos são essencialmente significativos, mas mais do que isso, mostram grande diversidade. Eles não incluem contagens e medidas, mas sim praticamente qualquer forma de comunicação humana – escrita, auditiva ou visual; por comportamento, simbolismos ou artefatos culturais.

Nesse sentido, é pertinente ressaltar o caráter interpretativo da pesquisa qualitativa, para evidenciar que os dados não apresentam respostas prontas, mas que é preciso analisá-los diante do parâmetro teórico estabelecido. Por assim dizer, a pesquisa qualitativa atende plenamente aos objetivos deste trabalho, uma vez que “a maior força da pesquisa qualitativa é sua capacidade para analisar o que de fato acontece em ambientes que ocorrem naturalmente” (SILVERMAN, 2009, p. 312).

Ao paradigma qualitativo de pesquisa, Amorim (2004) acrescenta ideia de que o pesquisador pretende ser aquele que recebe e acolhe o estranho, abandona seu território e desloca-se em direção ao país do outro, onde constrói uma escuta de alteridade.

Nossa hipótese de trabalho é de que em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber. Diferença no interior de uma identidade, plural na unidade, o outro é ao mesmo tempo aquele que quero encontrar e aquele cuja impossibilidade de encontro integra o próprio princípio da pesquisa. Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa (AMORIM, 2004, p. 28-29).

Por conseguinte, em uma pesquisa há encontros e desencontros de diálogos. Na busca pelo outro acabo, de certa forma, me (re)encontrando e me (re)construindo, num movimento de tensão (acordo e desacordo) e escolhas partilhadas.

Assim, neste estudo, partimos da premissa de que a identidade deve ser vista como um conjunto de significados partilhados. O pensamento de que os memes compartilhados no *Facebook* envolvem a ideia de uma identidade coletiva ligada a sistemas culturais específicos constitui-se, de certa forma, um objeto de estudo bastante pertinente nos dias atuais, pois vai de encontro à perspectiva de a *internet* vista enquanto cultura, “uma vez que os grupos sociais atuais são definidos através dos relacionamentos” (FRAGOSO *et al*, 2011, p. 42). Nessa linha de raciocínio, é primordial que se pense a *internet* não como uma cultura e comportamento fechados em si mesmo, mas sim observando nas conexões (FRAGOSO *et al*, 2011).

Dessa maneira, é primordial, nesta pesquisa, compreender que as identidades do sujeito pós-moderno são entendidas, não como identidades estanques, mas em posições fluídas, múltiplas e contraditórias. Como nos sugere Hall (2015, p. 13),

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Fala-se hoje da perda ou busca de identidade de um indivíduo, de um povo, de um grupo social. Ou, como muitos asseveram, as velhas identidades que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.

Coadunando com esse pensamento, Faria (2007, p. 28) atenta para o lado positivo dessa perda de estabilidade explicitada por Hall.

Em contrapartida, esse deslocamento tem seu lado positivo, pois move identidades velhas e estáveis e cria novas identidades, novos sujeitos. É a partir desse deslocamento, do descentramento e da complexidade do sujeito

que a relação entre sujeitos e práticas discursivas pode ser rearticulada. [...] Não havendo, portanto, espaços para a noção de identidade centrada, unificada, também não há espaços para a linguagem homogênea; esta sempre será complexa e heterogênea.

Com a globalização, o sujeito da pós-modernidade vive a “celebração móvel” (HALL, 2015) da identidade, contrapondo-se ao sujeito do iluminismo e ao sujeito sociológico. Tais características são identificadas em nosso *corpus*, comprovando a transitoriedade da identidade no contexto pós-moderno. Os estudos culturais, assim, compõem um traço de fundamental importância para este estudo, pois, além de contextualizar os sujeitos e seus enunciados, elucida que a identidade deve ser compreendida como algo culturalmente formada.

À vista disso, constatamos que a identidade do professor tem sido alvo de muitas pesquisas, porém, essas deixam brechas para um aprofundamento teórico referente à maneira como vem se posicionando no *Facebook*. Aflorou daí, conforme dito no capítulo introdutório, o interesse pela temática: ao me reconhecer como professora de língua inglesa de uma escola da rede estadual de ensino (RN), pude constatar que, juntamente com mais 4 colegas de trabalho, éramos partícipes, não somente da rede social *Facebook*, mas nos constituíamos membros ativos de quatro *fanpages* que versavam acerca da profissão professor e, através delas, agregávamos um grande número de laços sociais com outros membros. Fato esse, que me levou a questionar sobre as muitas representações culturais que permeavam esses ambientes e que nós, professores de língua inglesa, sem nos dar conta, “curtíamos”, “compartilhávamos” e “comentávamos” essas representações, assim construindo uma imagem, por muitas vezes negativa, da nossa profissão.

Partindo dessa premissa, tomamos como objeto de investigação, para o presente estudo, os posicionamentos identitários compartilhados pelos 4 professores de língua inglesa a partir de memes replicados em 4 *fanpages* do *Facebook*: *Profissão Professor*, *Professor Sofredor*, *Professora Indelicada* e *Professora Sincera*, nas quais realizamos uma observação das significações relacionadas a esse objeto de representação seguindo quatro critérios:

- O recorte temático: elegemos os memes que versavam acerca da figura do professor. Importante destacar que os memes selecionados, apesar de serem compartilhados por professores de inglês, nem sempre eram exclusivos a eles. Então, entendemos que os sujeitos da pesquisa, apesar de se posicionarem como professores de LI, também nutriam o sentimento de pertencimento ao grupo social de professores (sem distinção de disciplinas), visto que é junto à toda a categoria que eles vêm construindo, através das inúmeras interações, suas identidades.

- O recorte temporal: para se trabalhar com determinado enunciado faz-se necessário situá-lo, pois sua temática envolve, muitas vezes, uma questão social efervescente. Dito isto, elegemos o período de fevereiro de 2015 até dezembro de 2016 como critério temporal para a constituição do *corpus*. Tal escolha se deu em decorrência de a data marcar a minha entrada nas *fanpages* pesquisadas e, por fim, delimitamos a data final em virtude de a mesma apontar o término do 2º semestre do mestrado, consequentemente, o fim da fase de teorização.

- O recorte quantitativo: sabemos que memes se replicam rapidamente. No período escolhido, importante frisar que possuíamos um número significativo de memes oportunizando-nos um leque variado de enunciados para a análise.

- Compartilhamentos, curtidas e comentários: durante essa fase, selecionamos, das quatro *fanpages*, memes que haviam sido compartilhados e curtidos pelos 4 professores e que agregavam o maior número de compartilhamentos e curtidas dentro da *fanpage* (mais de 1000 compartilhamento e curtidas). A ação nos direcionou a um total inicial de 48 memes. Contudo, este ainda era, para a pesquisa, um número muito abrangente. Assim, resolvemos delimitá-lo, acrescentando aos critérios compartilhamentos e curtidas, também o maior número de comentários (100, no mínimo), o que nos apontou para um número final de 5 memes.

Posteriormente, a fase de observação e, concomitante à fase de aprofundamento teórico, deu-se a fase das primeiras análises, de onde emergiram dos dados 4 categorias inter-relacionáveis: a) 1º *Print*:²⁰ Identidade x Condições sociais e materiais; b) 2º *Print*: Identidade x Linguagem; c) 3º *Print*: Identidade x Símbolos e d) 4º *Print*: Identidade x Cultura. Essas etapas nos permitiram elucidar os conteúdos das mensagens contidas especialmente nos comentários sobre a profissão do professor de língua inglesa postados pelos seguidores e compartilhados e curtidos pelos milhares de seguidores das *fanpages*.

Após essa fase, passamos à inferência sobre a representação que os sujeitos pesquisados compartilhavam em relação à profissão de professor, especialmente quando estes se identificavam com os memes e os curtiam e compartilhavam em seu *Facebook*. Para não divulgarmos as fotos dos sujeitos, resolvemos transcrever apenas os memes, desconsiderando qualquer imagem ou marcação de pessoas. Posteriormente, numeramos os memes de 01 a 05.

Por fim, na fase da análise propriamente dita, tomamos por base os escritos bakhtinianos destacados por Oliveira (2016) que,

²⁰ Na língua inglesa, *print* significa imprimir. Os usuários de computadores geralmente utilizam este termo quando querem copiar ou salvar uma imagem que encontra-se na tela do computador naquele momento. Assim, optamos por nomear as categorias de análise em grupos de *prints*, devido ao fato de estarmos trabalhando com imagens/memes que foram extraídos através de *prints* de *fanpages*.

[...] exige do pesquisador um distanciamento, o assumir uma posição exotópica em relação aos seus dados, de forma a possibilitar o contorno com outros sentidos, porque, no dizer de Bakhtin, “a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão” (BAKHTIN, 2003[1972], p. 366 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 60).

Partindo desse entendimento, procuramos examinar os memes sob a perspectiva da análise dialógica do discurso, levando em conta não apenas o contexto comunicacional dos sujeitos, que é o da comunicação mediada pelo computador, especificamente na rede social do *Facebook*, mas também as culturas que nela se desenvolvem, as quais fornecem pistas importantes para a descrição do conteúdo da representação de professor que ali estava sendo veiculada. Para tal, analisamos marcas identitárias que davam contornos às mais diversas representações do professor, revelando que a imagem que se faz desse profissional, nas referidas *fanpages*, que na maioria das vezes é muito negativa, pode não ser apenas uma representação social construída e partilhada, mas, principalmente, nutrida e propagada com finalidades bastante ideológicas.

Porventura não possamos nomear os reais interessados nessa propagação, mas desconfiar que eles enxerguem no professor a ferramenta-chave da mudança de mentalidades e, conseqüentemente, da realidade já nos é, por ora, o início de uma nova conversa.

4.2 CONECTANDO OS SUJEITOS À PESQUISA

Tomemos por base nomear os professores pesquisados partindo do fato de que, no *Facebook*, o nome do usuário é uma variação do seu nome particular com outros sugeridos pela rede social. A partir de sua criação, esses nomes criam um *link*²¹ personalizado (por exemplo, www.Facebook.com/annedantas2) para o seu perfil, e você pode compartilhar esse *link* com amigos ou publicá-lo em outros *sites*.

Dito isto, optamos por nomear nossos sujeitos da pesquisa dando-lhes *links* personalizados onde os distinguimos como *englishteacher* 1, 2, 3, e 4.

²¹ *Link* é uma palavra em inglês que significa elo, vínculo ou ligação. No âmbito da informática, a palavra *link* pode significar hiperligação, ou seja, uma palavra, texto ou imagem que quando é clicada pelo usuário, o encaminha para outra página na internet, que pode conter outros textos ou imagens.

4.2.1 *englishteacher1*

O *englishteacher1* é do sexo masculino, tem 51 anos, graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa/Portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Estado do Rio Grande do Norte e atua como professor do componente curricular Língua Inglesa na Rede Pública Estadual. Seu perfil do *Facebook* não costuma ter alterações como mudança de fotos e informações pessoais. Possui muitos amigos, cerca de 1.800 (mil e oitocentos) e, apesar de ser um usuário ativo que curte, comenta e compartilha muitos conteúdos, ele raramente interage nas postagens pessoais dos seus amigos que não estejam relacionadas à política ou algum assunto de interesse da categoria profissional. Participa de *fanpages* que versam sobre professor, educação e política. É interessante notar que, dentre os quatro sujeitos analisados, este é o usuário que mais acessa o *Facebook*. Possui uma alta frequência, sendo o usuário que mais se encontra com o perfil *online*.

4.2.2 *englishteacher2*

A *englishteacher2* é do sexo feminino, possui 45 anos e é graduada em Letras com habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. No seu *Facebook*, percebemos que leciona não apenas a disciplina supracitada, mas também Sociologia e Filosofia. No *Facebook*, quanto à quantidade de amigos na rede, ela possui 1.250 (mil duzentos e cinquenta) no total. Sempre curte várias páginas e mantém seu perfil atualizado, com fotos e publicações recentes, transparecendo uma vida pessoal profissional muito ativa. Semanalmente, costuma postar e compartilhar memes (principalmente das 5 *fanpages* observadas na pesquisa) e fotos suas com alunos em eventos e em atividades desenvolvidas por ela, na escola. Convém destacar que suas publicações são repletas de conteúdos envolvendo problemas e críticas sociais.

4.2.3 *englishteacher3*

A *englishteacher3* é do sexo feminino, possui 37 anos e é formada em Letras com habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Em seu *Facebook*, apenas se identifica como professora da rede pública estadual de ensino, não acrescentou nenhum outro dado ou preencheu informações a mais no seu perfil. Bastante ativa, posta diariamente, curte e compartilha muitos memes, principalmente

os que versam sobre educação e política. Possui 1.080 (mil e oitenta) amigos, participa de 28 grupos e costuma compartilhar muitos memes semanalmente. Um fato interessante a ser destacado é que ela é, dentre os pesquisados, a que possui maior número de comentários em suas postagens. Convém destacar, ainda, que a mesma utiliza, em suas publicações, gírias e abreviações que, de certa forma, demonstra uma afinidade com termos e recursos da *internet*.

4.2.4 *englishteacher4*

O *englishteacher4* é do sexo masculino, tem 40 anos e, assim como os demais, é formado em Letras com habilitação em Língua Inglesa e sua respectiva literatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Em seu perfil, diz que leciona 2 disciplinas: Inglês e Sociologia. Um fato que nos chamou atenção no seu *Facebook*, é que esse não apresenta nenhuma foto pessoal no perfil, mas, em seu lugar, encontramos uma imagem de um protesto a favor de melhorias salariais para a categoria. Fato este que também transparece em suas postagens, pois a grande maioria envolve questões relacionadas à luta da classe e a situações de opressão envolvendo docentes, logo, é nítido o seu comprometimento e envolvimento com questões sociais. Costuma compartilhar muitos memes e possui 1.230 (mil duzentos e trinta) amigos que sempre são lembrados e marcados em suas postagens. Por fim, acrescentamos que, no intervalo de tempo que o pesquisamos, não encontramos nenhuma postagem que expusesse sua imagem ou respaldasse sua vida particular.

4.3 ANALISANDO POSICIONAMENTOS IDENTITÁRIOS MATERIALIZADOS SOB A FORMA DE MEMES NO *FACEBOOK*

Com base no que foi dito anteriormente, nas primeiras análises, ancoramo-nos na concepção de linguagem advinda das ideias do Círculo de Bakhtin, uma vez que considera a inter-relação constitutiva que existe entre a linguagem e a vida social. Da mesma maneira, respaldamo-nos por estudos de identidade, que apontam os sujeitos como seres históricos, descentralizados e simbólicos (HALL, 2015; WOODWARD, 2014).

Nesse momento, passaremos a responder a questão norteadora de nossa pesquisa: que identidades culturais do professor de LI são construídas a partir do compartilhamento de memes no *Facebook*? Para tanto, agruparemos os memes, com base em traços linguístico-discursivos comuns, a fim de investigar os posicionamentos dos professores de LI construídos.

Conforme dito anteriormente, os memes selecionados, que compõem o *corpus* da nossa pesquisa, foram divididos naturalmente, se revelaram durante o processo de análise dos enunciados. Deles emergiram 4 categorias a) 1º *Print*: Identidade x Condições sociais e materiais; b) 2º *Print*: Identidade x Linguagem; c) 3º *Print*: Identidade x Símbolos e d) 4º *Print*: Identidade x Cultura.

Passaremos, agora, a analisar os memes dentro de cada uma dessas categorias.

4.3.1 1º *Print* - Identidade x Condições sociais e materiais

Figura 2 - Meme 1 (As regalias do professor)



Fonte: *Fanpage Profissão Professor*

Para melhor compreendemos o meme, partiremos da recuperação do momento histórico que subsidiou a sua criação. Observamos que o enunciado do meme responde a enunciados produzidos acerca de um discurso de que os professores possuem regalias.

Voltemos ao mês de setembro de 2016, quando se gerou, em diversos *sites* de reportagens, uma grande especulação e debate nacional²² acerca da medida que versava sobre a PEC 241²³ e que apontava para a necessidade de se limitar os gastos na área da educação por

²² Diversos *sites* publicaram e notificam tal acontecimento. Dentre os quais podemos citar os seguintes endereços eletrônicos: <<https://clickpolitica.com.br/urgente-ministro-da-educacao-diz-que-e-preciso-acabar-com-regalias-de-professorespara-equilibrar-contas/>>; <<http://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=95241>> e <<https://www.deverdeclasse.org/l/e-preciso-enxugar-regalias-dos-professores-para-equilibrar-cofres-de-estados-e-municipios-diz-governo-federal-leia-e-compartilhe>>, dentre tantos outros.

²³ Consiste em uma proposta de emenda constitucional que cria um teto para os gastos públicos. A PEC 241 ou PEC 55 congela as despesas do Governo Federal, com cifras corrigidas pela inflação, por até 20 anos. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html>. Acesso em: 10 mai 2018.

20 anos, congelando, inclusive, os salários dos docentes. No momento, o então Ministro de Educação do Governo Michel Temer, Mendonça Filho, sugeriu aos gestores de estados e municípios a fazer o "enxugamento" de supostas regalias dos professores. Segundo o ministro, “eles têm férias de 45 dias, aposentadoria especial, descanso pedagógico, piso nacional e até lanche grátis²⁴”. Para o ministro, “que outro trabalhador possui tantas regalias?”. O professor estava, de certa forma, sendo co-responsabilizado pela crise financeira do país.

Tal discurso caiu feito uma bomba nas redes sociais, inclusive nos usuários do *Facebook* que, instantaneamente, trataram de produzir e replicar milhares e milhares de memes sobre a temática.

Sabendo do fato, vamos agora descrever o meme 01: uma imagem na qual aparecem personagens de um desenho animado americano produzido pela Hanna-Barbera, criado no ano de 1969 e popularmente conhecido por *Scooby-Doo*. O desenho é constituído por um grupo de quatro pessoas metidas a detetives – Fred, Velma, Daphne e Salsicha – com um dogue alemão falante chamado Scooby-Doo. O grupo viaja em uma van e ajuda a investigar casos misteriosos. Importante destacar que os casos investigados são, em sua maioria, de difíceis soluções e que, no final, os “fantasmas” que aterrorizavam e impunham medo eram, na verdade, pessoas reais que, a cada vez que eram desmascarados, sempre dizem: “eu teria conseguido se não fossem por aqueles garotos enxeridos e esse cachorro idiota”. Esse bordão fazia parte de quase todos os desenhos e filmes realizados envolvendo tais personagens.

Apesar de ser lançado como um desenho animado televisivo, com o passar dos anos propagou-se e assumiu diferentes roupagens, aqui, por exemplo, sob a forma de um meme, amplamente divulgado e difundido na *fanpage* Profissão Professor do *Facebook*, direcionando-nos, assim, a repensá-lo como fruto da denominada cultura da convergência. Em conformidade com os estudos de Jenkins (2009), denominamos esse tipo de narrativa como transmídia, pelo fato de desenrolar-se “através de múltiplas plataformas de mídia, com um novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2009, p. 138).

Portanto, o meme 01, é compreendido dentro dessa tipologia narrativa e, sobretudo, visto como um gênero intercalado²⁵ (BAKHTIN, 2015a), um enunciado concreto, vivo, livre, cuja compreensão independe apenas de elementos verbais, mas possui natureza extra-verbal e vínculos em uma dada realidade social, dentro da qual é produzido.

²⁴ Discurso disponível em: <<http://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=95241>>. Acesso em: 10 mai 2018.

²⁵ Conceito trabalhado por Bakhtin (2015) ao tratar do heterodiscurso no romance na obra *Teoria do Romance I - A estilística*, que aponta para a existência de um gênero dentro do outro.

Sendo este um enunciado concreto, nas palavras de Faraco (2009, p. 102) evidenciaremos o pensamento bakhtiniano de que

[...] enunciados concretos emergem sempre num contexto cultural e semântico-axiológico e asseverando que, desse modo, não há e nem pode haver enunciados neutros – o dizer assevera valores, isso é, sempre que enunciamos assumimos também uma posição axiológica.

Assim, fica evidente a necessidade de ligá-los a uma dada realidade social para que possamos compreendê-lo, já que não são apenas um emaranhado verbal a ser decifrado. Eles possuem um autor e também um destinatário e ambos ocupam simultaneamente uma “ativa posição responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 23), isso porque “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 23) e axiológica.

O meme 01 surge de um enunciado vivo- o discurso do Ministro de Educação, e por sua vez não foi compartilhado de forma aleatória, mas dentro de um determinado contexto histórico social, não podendo,

[...] deixar de trocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, deste diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse a parte (BAKHTIN, 2015a, p. 49).

O enunciado em questão conduz para uma interpretação responsiva de resistência ou apoio, produz uma aproximação entre um contexto político, produzido no final do ano 2016, com a imagem de um desenho animado de uma turma de detetives de 1969. Contextualizar uma imagem produzida a quarenta e sete anos atrás com um enunciado que denota uma situação sócio-política atual, estabelecendo uma relação tempo-espço que marca a “construção axiológica de um sujeito imerso em interações heterogêneas, complexas e tensionadas” (CASADO ALVES, 2012, p. 306), nos permite abrir os horizontes das possibilidades na premissa de que este meme se constituiu em função das necessidades sociais sobrepondo-se ao espaço e ao tempo.

O que melhor que um meme ilustrando um grupo detetives, conhecido por turma do Scooby-Doo, famoso em solucionar casos fantasmagóricos, para encontrar as tão citadas regalias dos professores que o governo apontava e que os professores, ao compartilhar, expressavam um pensamento de discordância e crítica, indo ao encontro à visão cronotrópica

que considera o sujeito como “um ser da linguagem, histórico, inacabado e constituído na relação com o outro” (CASADO ALVES, 2012, p. 315).

Entrevemos que o meme 01, ao associar uma imagem de décadas passadas a um discurso recente, reforça a visão, outrora defendida, do *Facebook* como sendo um cronotopo onde as transformações acontecem em um movimento de construção e desconstrução. Ele representa, na nossa concepção, o que Bakhtin (2010b) já apontava, a cisão entre dois mundos: “o mundo da vida, o mundo no qual habitam sujeitos responsivos e responsáveis, com suas singularidades, que praticam atos [...] e o mundo da cultura [...] onde conhecimentos e artes são produzidos [...] que objetiva e representa o mundo da vida.

Tal constatação, mais uma vez, nos remete à ideia de cronotopo, pois, segundo Bakhtin (2010a), é o cronotopo que permite que esses dois mundos estejam interligados e em constante interação. Ainda segundo ele, um gênero do discurso penetra no mundo real e o enriquece da mesma forma que o mundo real também enriquece o gênero. “Essa troca é sem dúvida cronotópica por si só: ela se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação” (BAKHTIN, 2010a, p.358-359).

Mas, afinal, onde estão às regalias dos professores? Nas férias de 45 dias, na aposentadoria especial, no descanso pedagógico, no piso nacional ou no lanche grátis? Será que tudo isso é verdade? Se for, por que será que professores de LI reagiram de forma repulsiva? Volóchinov (2017, p. 181) nos esclarece:

[...] na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia, ou do cotidiano.

Desta forma, compreendemos que a palavra tem em sua essência o poder de desestabilizar, de nos tirar da passividade e de nos conduzir a um posicionamento axiológico. A real situação de trabalho dos docentes no nosso país é bem diferente do que essa apontada pelo Ministro da Educação. As supostas regalias, sob o ponto de vista dos professores, eram irreais, fruto de um discurso, que por hora, tentava subverter a realidade.

Complementando essa discussão de resistência, passamos ao meme 02 - Professor: Indivíduo Perigoso, no qual identificamos a construção de uma identidade docente de resistência, desenvolvida em oposição aos que detêm o poder.

Figura 3 - Meme 2 (Professor: Indivíduo Perigoso)



Fonte: *Fanpage Professor Sofredor*

O meme acima reverbera uma imagem do professor como sendo um “indivíduo perigoso”. Inicialmente, percebemos tal enunciado como uma arena de vozes: no sentido de causar dano a algo ou a alguém ou perigoso no sentido de ameaçar determinados segmentos de poder?

Um professor sendo arrastado por policiais no meio da rua, supostamente por estar causando algum ato de desordem ou tumulto social, nos direciona a pensá-lo como sendo realmente um indivíduo perigoso, que desestabiliza a ordem local e incita o tumulto. Porém, logo abaixo, há a descrição do seu crime: “revoltado, ganha mal, apanha do aluno e da polícia”. Mas, que crime é esse?

Percebemos, claramente, um jogo entre o visual e o que foi enunciado – traz em mente, a partir da esfera social, a imagem de um profissional perigoso para a sociedade, que desestabiliza a ordem social, tornando inevitável a intervenção policial. Por outro lado, na descrição do crime nos deparamos com um enunciado mais plausível com o de uma vítima da sociedade, um sujeito que apanha e que não bate nem fere como a imagem supõe.

Notam-se diversas pressões sociais e vozes sendo exercidas sob este enunciado, fato este que dá à palavra “perigoso” um acento deturpador do outro (BAKHTIN, 2015b). Assim,

entendemos acento como algo ligado à valorização da palavra do outro. “É como se no discurso estivesse encravada a réplica do outro” (BAKHTIN, 2015b, p. 239). Aproximando ainda mais a nossa análise, diríamos que na medida em que se intensifica o acento do outro – o discurso que tenta desvalorizar o professor – intensifica-se também o acento do professor que a ele se contrapõe. Isso porque “as relações de reciprocidade com a palavra do outro no contexto vivo e concreto não tem caráter estático, mas dinâmico: a inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente” (BAKHTIN, 2015b, p. 228).

O professor é alguém que conduz o processo de ensino, alguém que tem em sua atuação, como afirma a letra da canção, capacidade de mudar uma nação. Afinal, quem não lembra da letra de Leci Brandão? Ela diz que

*Na sala de aula
É que se forma um cidadão
Na sala de aula
Que se muda uma nação*²⁶...

Essa corresponsabilidade na formação de cidadãos críticos e participativos, através da promoção do saber é, sem dúvida, o que assusta e representa o perigo, constituindo uma ameaça aos interesses de determinados segmentos sociais que não desejam tais benefícios a uma sociedade. O enunciado em destaque – *professor: indivíduo perigoso* – elucidada, por meio de ironia, o poder dos professores sobre uma sala de aula, o poder sobre uma sociedade.

Contudo, se refletirmos sobre a educação na atualidade, um fato que nos chama atenção é a percepção de que ocorreu uma troca de valores. Se antes o professor era visto como sendo uma figura que merecia respeito, nos dias atuais, parece que a sociedade encontra-se tendenciosa a rebaixá-lo. Essa cultura acentuou-se de tal forma que os alunos cresceram sob a convicção de que, se algo não deu certo em seu processo de aprendizagem, a culpa é dos professores. Tal caso encontra-se bem ilustrado no enunciado no meme 2, cuja ideia de que se é permitido “bater” no professor, existe a subordinação do professor frente à sociedade, como um sujeito que sofre ameaças não apenas dos alunos, mas do sistema como um todo.

Ao afirmar que “apanha de alunos e da polícia”, o professor se mostra coagido, massacrado e o aluno e o sistema aparecem triunfantes. Parece-nos que o professor deve submissão aos alunos. Ao inferiorizá-lo, parece-nos que, de certa forma, estamos diminuindo o verdadeiro sentido da profissão e do ato de ensinar, tornando o professor um profissional sem

²⁶ Música *Anjos da Guarda*, de autoria de Leci Brandão. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/leci-brandao/46900/>>. Acesso em 10 mai. 2018.

reconhecimento diante das demais profissões. Essa construção de um *ethos* subalterno é um processo que pode também ser interpelado por profissionais que vivem o dilema diário de ter que exercer o papel de representantes de cultura dominante sem de fato fazer parte dela.

Tais ameaças e pressões vêm interferindo nos posicionamentos identitários que os professores de Língua Inglesa apresentam sobre si, pois são frequentemente associados aos discursos socialmente construídos e veiculados nas interações sociais, inclusive, aqui no meme 2, como sendo um sujeito revoltado, que ganha mal e que apanha de aluno e também da polícia.

A identidade deste profissional pode ainda tentar ser compreendida pela resposta à questão: quem sou eu neste momento? Por esse questionamento, é possível perceber a transitoriedade e a relatividade do fenômeno identitário, pois o professor “é” na medida em que está circunscrita em um determinado momento histórico e inserido em relações sociais específicas. No entanto, havendo mudanças nessas condições sócio-históricas, modificações na identidade são também produzidas. Porém, não pretendemos transmitir a ideia de que o professor é determinado apenas por condições sociais, mas nosso intuito é mostrar que, em um movimento dialógico, os discursos desse profissional são transformados pela sociedade, ao passo que a sociedade também é capaz de transformar seu discurso.

Ainda sobre essa discussão identitária, Hall (2015) argumenta que as identidades modernas estão entrando em colapso devido à incessante mudança estrutural da sociedade, sobretudo, das diversas formas de interações, que descentralizou o sujeito, abalando a ideia que ele tem de si próprio e o sentimento de pertencimento a uma dada cultura.

Essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamentos ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2015, p.15).

Assim, fica claro que a questão da identidade encontra-se fortemente ancorada nas transformações promovidas pela globalização. Essas mudanças deslocaram as estruturas, os processos sociais, e abalaram os quadros de referências que estabilizavam os indivíduos no mundo social, fragmentando o espaço, a sociedade, e homem. Deste movimento maior, eclode a chamada “crise de identidade” (HALL, 2015) que varre o sentimento de unidade e estabilidade dos sujeitos, desestruturando as identidades, inclusive a do professor de LI.

Dito isso, acrescentamos que vários são os fatores que influenciam a construção da identidade docente: suas crenças, seus valores, seu modo de ver o mundo, sua história de vida,

seus saberes, anseios, ou melhor dizendo, o sentido que ele dá ao ser professor (PIMENTA, 1996).

Sendo assim, sua identidade se constrói na articulação entre esses diversos fatores vivenciados ao longo de sua vida pessoal e profissional, afirmação essa que nos direciona ao enunciado de que professor *ganha mal*. Mas, ganho mal comparado a quem? De onde partem as referências daqueles que chegaram a essa conclusão? Imaginemos, então, uma sala de aula repleta de alunos, onde temos um professor que passa horas da sua semana tentando não somente fazer com que esses alunos se apropriem da LI, mas também se assumam como cidadãos, comprometidos com a sociedade. Além disso, esse profissional precisa levar para casa, no dia seguinte, provas a serem avaliadas, além de outras atividades que consomem horas extras de sua carga horária e que certamente não serão remuneradas.

Como podemos perceber os sujeitos que “curtem”, “compartilham” e “comentam” o enunciado desse meme se constituem partícipes da construção e da propagação da imagem do professor como um profissional economicamente desfavorecido. Em outras palavras, constatamos a participação desses sujeitos na construção das suas próprias realidades sociais através das simples, porém reveladoras, ações de “compartilhar”, “curtir” e “comentar” no *Facebook*.

Outros professores, ao se depararem com a ideia exposta, manifestam-se favorável ou desfavoravelmente a uma realidade socialmente partilhada, pois devemos compreender que a identidade é relacional, “para existir depende de algo fora dela: a saber, de outra identidade” (WOODWARD, 2014, p. 9) que difere dela mas que, ao mesmo tempo, lhe fornece condições para que ela exista. Por exemplo, o professor aqui, ao afirmar que ganha mal, pode estar comparando seu salário com o de um político. Então, se constrói uma relação marcada pela diferença e sustentada pelo distanciamento de classe sociais: professor ganha mal e político ganha bem. Professor não pode ganhar bem e nem político pode ganhar mal.

Contudo, os professores de LI, ao interagirem dentro do ambiente do *Facebook*, podem estar igualmente diante de outra realidade socialmente partilhada: a dos que não sendo professores (outros usuários membros da *fanpage*), tomam as referências de sua realidade para deduzir e propagar que todo professor realmente ganha mal e, por isso, é um sujeito revoltado, como explícito no meme.

Ao compartilhar essa ideia de forma consciente ou não, o professor de Língua Inglesa reforça estereótipos sobre sua identidade, que se encontram assentados num discurso hegemônico da sociedade sobre a questão salarial dos professores – de que se ganha pouco. Na reenunciação desses *já-ditos* depreciativos, vai se construindo culturalmente um discurso ligado

às condições materiais e sociais, reduzindo a identidade do professor para a identidade de alguém que não tem condições financeiras, de pouco prestígio social.

Obviamente, a imagem construída de um profissional tem uma contribuição muito grande da mídia. A imagem estereotipada de uma profissão é de grande alcance social e ajuda a determinar a visão dos outros sobre determinado profissional, influenciando a sua identidade. Tal constatação reforça o pensamento de que a auto-identificação não se constitui um processo livre, mas sócio-historicamente produzido por diversas vozes sociais. Entre essas, encontra-se a mídia.

Para refletirmos sobre essa arena de vozes presente no meme 2, tomemos por base as forças centrífugas e centrípetas aplicadas por Bakhtin (1998) às forças da língua: uma que a normatiza, a unifica e a torna homogênea e outra que a estratifica e a torna heterogênea. Nessa concepção, qualquer enunciação pode ser compreendida, como unidade contraditória e tensa dessas duas forças opostas.

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação das forças centrípetas quanto das centrífugas. Nela se cruzam os processos de centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo (BAKHTIN, 2015a, p. 42).

Desse modo, é perceptível a existência de duas forças opostas e aparentemente contraditórias que atuam no enunciado. As forças centrípetas atuam no sentido de regular, normatizar, estabilizar, generalizar, promover recorrência – na imagem, o professor como um arruaceiro, perigoso sendo conduzido pela polícia – e as forças centrífugas desestabilizam, relativizam, dinamizam, surpreendem – o professor como uma peça fundamental de mudança social.

Neste ponto, adentramos na cosmovisão carnavalesca do princípio do destronamento, do rebaixamento, que se apoia em uma visão de mundo que autoriza e sustenta a gozação que se faz à imagem do professor. Comprovamos o destronamento e a profanação da figura do professor sob o signo do risível, recordado que é sob a bandeira do riso que a cosmovisão carnavalesca se apoia. É por meio do risível que ocorre a dessacralização da figura de um professor que, outrora, foi, por muitas décadas, visto como uma pessoa digna de palmas e respeito e que, agora, na análise da enunciação dialógica do meme, emerge um posicionamento subalterno e inferiorizado (BAKHTIN, 2013): o professor visto como alguém perigoso.

4.3.2 2ª Print - Identidade x Alteridade

Figura 4 - Meme 3 (O professor de Língua Inglesa)



Fonte: Fanpage Professor Sofredor

O meme 3 nos remete a pensar sobre a figura do professor de Língua Inglesa descrito a partir da visão de diferentes atores sociais. Percebe-se, por meio da leitura da imagem, como são variadas as percepções sobre um mesmo profissional. As identidades são contraditórias e atravessam a visão de diferentes atores sociais: alunos, amigos, família, sociedade, pais e, por fim, como o próprio profissional.

Nessa perspectiva contemporânea, os sujeitos deixam de ser integrados no “sentido de si”, estáveis, e se constituem “descentrados e deslocados de seu lugar no mundo social e cultural como de si mesmos” (HALL, 2015, p. 9). Então, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente” (HALL, 2015, p. 13).

O meme 3 - Professor de Língua Inglesa, retrata as múltiplas identidades que um professor pode assumir, dentre muitas outras não retratadas. A identidade assumida pelo professor muda de acordo com a forma como este é interpelado. Aqui, por exemplo, na visão do aluno e da sociedade, ao ser interpelado como um extraterrestre e por um homem trajando um vestuário que denota um exacerbado patriotismo inglês, em ambas as imagens, podemos constatar a presença de duas figuras que, supostamente, fogem do nosso cotidiano, não falam nossa língua e se apresentam distantes. Uma delas, o extraterrestre, nem sabemos se existe de fato, e a outra, o patriota inglês, explicita um não reconhecimento deste profissional no nosso país, parece-nos que é negado ao professor de Língua Inglesa o sentimento de pertença com uma identidade nacional.

Para Woodward (2014, p. 13), “com frequência, a identidade envolve reivindicações *essencialistas* sobre quem pertence a quem não pertence a um determinado grupo identitários, nas quais a identidade é vista como imutável”. Esse movimento denota haver uma fronteira que distancia o professor de Língua Inglesa, não somente do aluno, que o vê como ser de outro planeta, falante de uma língua estranha, mas também da sociedade, que o enxerga como um sujeito de outra cultura, outra língua, excluindo-o, assim, inteiramente, da cultura brasileira.

“As forma como pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades” (WOODWARD, 2014, p. 42). A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelece distinções, frequentemente na forma de oposições, como vimos no exemplo do patriota inglês, na qual as identidades são construídas por meio da clara oposição entre “nós”, alunos brasileiros, falantes da Língua Portuguesa, e “eles”, professores de inglês, falantes da Língua Inglesa. Fato esse reafirmado quando nos referimos à aprendizagem de uma língua estrangeira por parte dos alunos, eles reagem à aprendizagem da língua estrangeira de formas diferentes e, muitas vezes, com medo e receio.

Assim sendo, na análise do meme 3, a língua se constitui um dos elementos centrais dos processos identitários dos professores de Língua Inglesa. Tal afirmação torna-se facilmente compreendida quando aproximamos os dois processos: o de constituição da língua, e da identidade. Nessa direção, como

[...] o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado estão aqueles processos que tendem a fixar, estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É o processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a

linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo uma possibilidade (SILVA, 2014, p. 84).

No caso do professor visto como um patriota inglês, assumindo uma identidade nacional inglesa, destacamos que, na imagem, juntamente com a língua, há a apresentação de um símbolo nacional: a bandeira da Inglaterra exposta na roupa. Silva (2014, p. 87) nos chama atenção para esse aspecto, pois, segundo a pesquisadora, esse símbolo vai ao encontro dos chamados “mitos fundadores” e que, segundo a mesma,

[...] remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importam se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não; o que importa é que narrativa a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma eficácia.

Estes mitos fundadores que tendem a fixar as identidades nacionais são exemplos claros de essencialismo cultural, pois, apesar de tentarem fixar a identidade do professor de LI com base numa suposta característica natural, a aparência e a língua, por exemplo, não é simplesmente um falso apontamento, mas a “demonstração da imposição de uma eloquente grade cultural sob uma natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando – silenciosa” (SILVA, 2014, p. 86).

Muitas vezes essa influência da cultura do país estrangeiro pode chegar até o ponto de interferir na identidade cultural do professor de LI, fazendo com que ele desenvolva uma espécie de perda ou desvalorização da sua própria identidade cultural brasileira. Em outras palavras, a maneira como a cultura do país estrangeiro for apresentada pelo professor aos seus alunos pode influenciá-los no desenvolvimento de sentimentos positivos ou negativos em relação a essa cultura. Por exemplo, ao se supervalorizar aspectos culturais do país falante da língua alvo (a Língua Inglesa), o professor pode estar intencionalmente, ou não, influenciando a identificação cultural dos alunos com o país estrangeiro ao mesmo tempo em que desvaloriza a cultura do país de origem desse aluno. Em conformidade com este pensamento, no que se refere à atitude dos professores e alunos de inglês em relação à cultura de Língua Inglesa e a ênfase que o ensino de cultura nas aulas de línguas estrangeiras vem recebendo nos últimos tempos, Moita Lopes (1996, p. 37) ressalta que “observa-se uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela cultura inglesa [...]”.

Portanto, ao promover o contato com novas identidades culturais é essencial que o professor incentive o aluno-professor a valorizar e preservar sua própria identidade, uma vez que “na situação de aprendizagem de línguas estrangeiras, este simples contato entre culturas pode se revestir de um caráter completo para o aprendiz, forçando a uma ressignificação de valores e, consequentemente, a uma (re)construção identitária” (BRUN, 2004, p. 75).

Assim, inferimos que o ensino de inglês, muitas vezes, está associado a uma atitude alienada, marcada pelo desejo de assimilação da cultura do país estrangeiro, fato que prejudica a preservação da identidade cultural brasileira do aluno. Este autor postula que “a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia xérox do falante nativo, não podem ter outro motivo senão o de domínio cultural” (MOITA LOPES, 1996, p. 42-43) e que a tendência dos professores em supervalorizar as culturas de países estrangeiros em detrimento da sua própria cultura, o que para este autor “[...] é o primeiro sintoma de alienação a se detectar [...]” (MOITA LOPES, 1996, p. 42-43).

Ainda no mesmo meme, notamos que nas imagens “como meus amigos me vêem” e “como minha família me vê” há o uso do “eu” associado a dois símbolos: um dicionário de Língua Inglesa e um quadro negro. Woodward (2014) que afirma que a identidade é marcada por meio de símbolos. Comumente nos deparamos fazendo uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela costuma usar – aqui o dicionário de língua inglesa e quadro negro – funcionam como um significante importante de diferença que vai marcar a identidade do “ser” professor. Ambos os objetos são facilmente associados com a figura do professor de Língua Inglesa.

A visão do professor de LI associado à simbologia de um “quadro negro”, reproduz comentários que reforçam o estereótipo de profissionais ultrapassados que “escrevem unicamente em quadros”, como se não utilizassem outros recursos metodológicos, como se fossem profissionais que não acompanhassem a evolução tecnológica.

Mais do que seres da natureza, somos, sobretudo, seres culturais e, por assim ser, estamos sobrepostos aos sistemas simbólicos que a compõem. Ao pensarmos na associação do professor de Língua Inglesa com *The Oxford English Dictionary*, um mero tradutor da língua em xeque, somos, de certa forma, conduzidos a refletir sobre a demarcação das fronteiras que separam “nós”, brasileiros, “eles”, os ingleses. A identidade do professor encontra-se ligada a essa forte demarcação que, por sua vez, afirma e reafirma relações de poder (SILVA, 2014). Aqui, “nós” e “eles” não se constituem separações meramente gramaticais ou espaciais mas, para além disso, classifica os envolvidos em duas posições: o que é normal (Língua Portuguesa) e o que é anormal (Língua Inglesa).

Quando finalmente analisamos no meme a visão que o professor apresenta de si, como a coisa realmente é – *how it really is* – visualizamos a imagem de uma tela de aparelho de celular com uma mensagem em Língua Inglesa, numa linguagem usada na *internet* conhecida como “lingo” ou “netlingo”, formada por abreviações ou acrônimos²⁷. Acompanhe a significação no quadro abaixo: OMG, DID U C?, LOL, TTYL..., L8R.

Tabela 1 - Acrônimos

<i>OMG, DID U C?</i>	<i>Oh, my god! Did you see?</i> ²⁸
<i>LOL, TTYL..., L8R</i>	<i>Laughing out loud</i> ²⁹ , <i>talk to you later...later.</i> ³⁰

Fonte: autoria própria

De imediato, destacamos que, em oposição à visão de um sujeito ultrapassado, como denotam os amigos, o professor de inglês, nesse meme, se vê como um sujeito do seu tempo. Principalmente, mostra que domina gírias e a linguagem usada na *internet*. Trata-se de uma identidade que ele parece assumir, embora esteja em conflito com outras identidades, especialmente com as diferentes visões dos outros sujeitos descritos nos memes.

A imagem assumida subjetivamente no meme pelo professor envolve pensamentos e sentimentos mais pessoais, afirma Woodward (2014, p. 56), e em conjunto com o contexto no qual estamos inseridos e a linguagem que usamos para dar sentido às nossas experiências, influenciam as identidades que assumimos. Aqui, o posicionamento assumido pelo professor representa uma forma de resistência, destaca a tentativa de se firmar enquanto profissional a frente de seu tempo, como o sujeito do século XXI, usuário não apenas das línguas inglesa e portuguesa, mas também, da linguagem desenvolvida pela *internet*. Em contrapartida, o pensamento dos outros o vê diferentemente. A identidade deste profissional é, assim, marcada pela diferença: para existir, depende de algo fora dela – ele não é um inglês, ele não é um dicionário, ele não é um E.T. Contudo, tudo isso fornece as condições para que ele exista. Desta forma, a identidade docente é constituída por aquilo que ela não é (WOODWARD, 2014), num intenso e infindável processo dialógico com o “outro”.

A questão da identidade em relação ao outro é imprescindível neste trabalho, pois, como vimos, a visão do outro pode promover transformações na identidade, uma vez que, como seres

²⁷ É um vocábulo ou redução literal de intitulativos baseados nas letras ou sílabas iniciais de cada um ou de alguns dos componentes do intitulativo. Isto é, a palavra formada pela junção das primeiras letras ou a junção das sílabas iniciais de um grupo de palavra, que normalmente representam um título. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Acr%C3%B3nimo>>. Acesso em 01 abr. 2018.

²⁸ Tradução do autor: Oh! Meu Deus. Você viu?

²⁹ Expressão para rindo alto. Tradução do autor.

³⁰ Tradução do autor: falo com você depois... mais tarde.

sociais, somos altamente influenciados pelas relações sociais e construímos nossa subjetividade na relação com o outro.

O professor de Língua Inglesa, na análise, ao se ver como um homem contemporâneo, vislumbra uma nova forma de conceber o *eu* e vai se impondo, agora não mais como construtor (da identidade), mas como *constructo*. Pensar o eu como um constructo não joga fora a questão da identidade, mas ela é mais vista como ponto de partida. Um eu que agora é pensado e tem sua existência concedida pelo outro. Logo, a questão que se impõe não é mais a questão da identidade, mas é a questão da alteridade (VOLÓCHINOV, 2017).

Veja que o professor de LI, ao entrar em interação com os “outros” sujeitos no meme 3, passa a se posicionar sobre quem ele é naquele momento, numa perspectiva de identidade e diferença: não sou extraterrestre, não sou dicionário, mas me construo em oposição ao que não sou. A identidade é gestada na socialização e definida na individualização. Isso significa que ela se constrói nas práticas sociais, na língua(gem) e por meio dela. E é nessa consciência que o outro emerge como peça fundamental.

A constituição do eu sempre é concessão do outro. Eu vou me constituindo no ato responsivo. Vou me constituindo nos limites entre eu e o outro. Nesse jogo, a minha identidade é uma atividade coletiva, cujo ponto de partida é sempre o outro.

Nesta pesquisa, não podemos esquecer que estamos trabalhando com posicionamentos identitários de professores de LI que se relacionam em comunidades dentro de uma plataforma social *online* e, assim como acontece com as demais comunidades das quais participamos no decorrer de nossas vidas, nelas compartilhamos princípios e ideias, são elas que suscitam questionamentos sobre a identificação e o pertencimento (BAUMAN, 2005).

Assim, verifica-se que a questão da identidade dos professores pesquisados envolve, em sua essência, uma correlação com a alteridade, com as práticas discursivas e com uma série de práticas e de características socioculturais provenientes do meio no qual se encontram inseridos, no nosso caso, na rede social *Facebook*. De tal modo, infere-se que, para investigar posicionamentos identitários como um processo, deve-se levar em consideração as peculiaridades do meio em que o sujeito se encontra, suas narrativas, assim como a época em que ocorre o desenrolar desse processo.

Indo ao encontro desse pensamento, retomemos o enunciado encontrado no quadro referente ao professor de LI, apontando sua visão de como tudo realmente é, através do enunciado em acrônimos: *OMG, DID U C?, LOL, TTYL...L8*. Deparamo-nos, aqui, conforme já mencionado, com a utilização de uma linguagem não somente específica de usuários do mundo digital, mas também, quando decifrada, se constitui uma linguagem técnica, exclusiva

de um grupo de falantes da Língua Inglesa. Peguemos, por exemplo, a expressão *LOL*³¹ – *Laughing out loud*. Quando trazida para um contexto de usuários das redes sociais *online* (*Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*), falantes da LI, é utilizada para expressar a ideia de que a pessoa está rindo alto, dando gargalhadas de algo que provavelmente ela considera muito engraçado. Assim, fica evidente que o professor, ao utilizar tal recurso/linguagem, o faz para expressar que, na realidade, na sua visão, o que acontece é que o que ele fala em sala nunca é entendido pelos alunos. E, ao rir alto, dar gargalhadas desestabiliza os outros pontos de vista e aponta para a construção de outras verdades, diferente daquelas impostas pelas ideologias oficiais.

4.3.3 3º Print - Identidade x Símbolos

Figura 5 - Meme 4 (Professora de quê?)

"Qual sua profissão?" "Professora" "Ah, que legal! De quê?" "Inglês"



Fonte: *Fanpage Professora Sincera*

³¹ Traduzindo ao pé da letra: a letra L é a inicial de *Laughing*, a letra O é a de *out* e o último L é a de *loud*. Logo, *LOL* = *Laughing out loud*, significa rindo alto. Tradução do autor.

Ao olharmos para o meme, logo percebemos a imagem de uma professora que passa por um processo de transformação até se transfigurar em um aparelho portátil de som. Porém, essa transmutação apenas ocorre após o seguinte enunciado: “Qual sua profissão?” “*Professor*” “*Ah, que legal! De quê?*” “*Inglês*”. Notamos que apenas quando ela – a professora, ao se posicionar como professora de língua inglesa é que, supostamente, o aluno a associa a um aparelho portátil de som.

Para melhor elucidarmos esse meme, vamos partir do esclarecimento de que, conforme já dito anteriormente, somos seres simbólicos, que cultivamos e controlamos os símbolos, ao mesmo tempo em que somos por eles controlados. Embora essa ação nos pareça individual, é sempre coletiva, fruto da realidade que nos envolve e da nossa interação com os outros. Isso implica dizer que a representação cultural que o aluno faz da professora de Língua Inglesa, associando-a a um aparelho de som, não se restringe ao seu universo simbólico, mas é produzida e compartilhada por outros sujeitos dentro de um contexto social mais amplo.

Na esteira desse pensamento, o questionamento inicial que fazemos é o seguinte: por que frequentemente associamos professores de língua inglesa a aparelhos portáteis de som? Para tentarmos responder tal indagação, primeiramente, é importante nos posicionarmos como professores de Língua Inglesa de uma escola da rede pública de ensino, onde as dificuldades vivenciadas são diariamente aliadas a um discurso, também compartilhado por outros colegas professores de LI, que aponta a escassez de recursos didáticos adequados, compatíveis com o processo educativo do homem contemporâneo. Para respaldar a discussão, tomemos por base os dados do estudo *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*, (gráficos 1 e 2)³² que teve como objetivo basilar entender as principais características do ensino da Língua Inglesa na Educação Básica da rede pública brasileira.

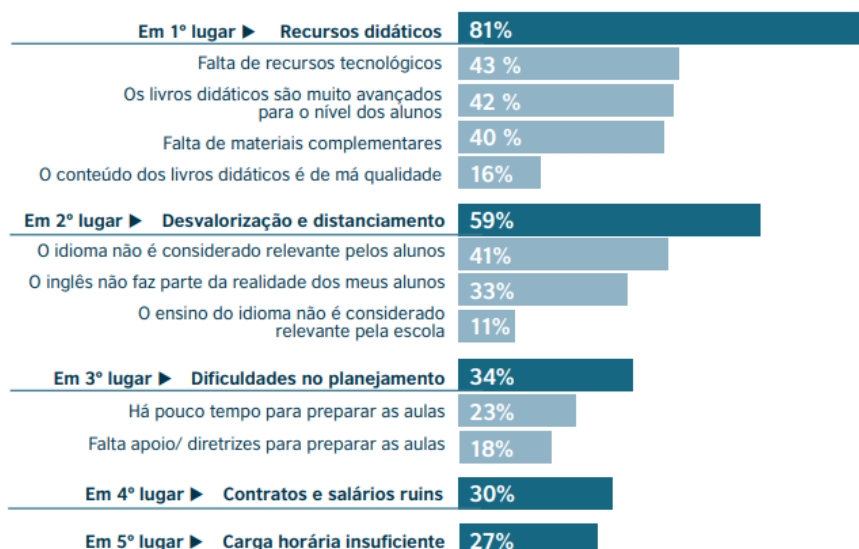
³²Disponível em:

<https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

Gráfico 1 - Principais dificuldades vivenciadas

PRINCIPAIS DIFICULDADES VIVENCIADAS

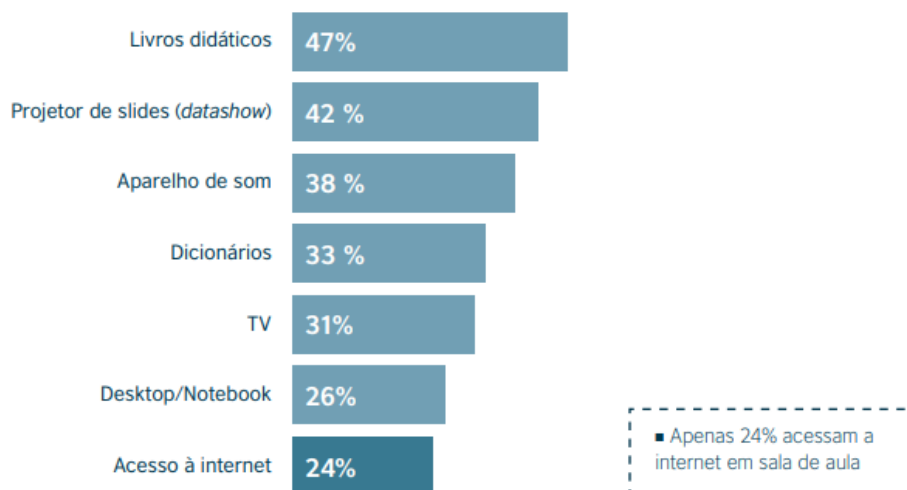
O principal problema do ensino de inglês, segundo os professores, é o acesso a recursos didáticos adequados.



Fonte: British Council

Na pesquisa, percebemos que os docentes de LI, ao elencarem as principais dificuldades vivenciadas, em 1º lugar sinalizam, com uma porcentagem de 81%, o acesso a recursos didáticos adequados como principal entrave no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa. Segundo os professores de inglês, os recursos didáticos têm uma relevância maior no ensino de sua disciplina do que em outras matérias. Na opinião desses docentes, o inglês é uma disciplina que requer mais atividades lúdicas, coletivas e interativas para gerar engajamento dos alunos e envolvimento prático com a língua. Por isso, os recursos didáticos, especialmente os tecnológicos, são a principal demanda dos professores. Se escola não os possibilita, resta a esse profissional trabalhar com o que se tem atualmente, restando-lhes o livro didático e o aparelho portátil de som como ferramentas basilares do ensino de línguas nas escolas públicas brasileiras. Afirmação essa respaldada também nos seguintes dados:

Gráfico 2 - Principais Recursos Utilizados
RECURSOS DISPONÍVEIS EM SALA DE AULA



Fonte: British Council

Constata-se que o livro didático e o aparelho de som se apresentam entre os 3 (três) recursos mais utilizados por professores de LI e, apesar de o *Datashow* ser também apontado, acreditamos que seu uso pelos docentes em questão ainda é bastante limitado devido a diversos fatores como: falta de preparo/formação do docente para se trabalhar com tecnologias digitais, dificuldade de acesso à *internet*, inexistência de sala/suporte pedagógico apropriados etc. Por ora, não nos interessa discutir esses pontos, mas interessa-nos ressaltar que o livro didático e o aparelho de som ainda são ferramentas bastante utilizadas no contexto escolar por professores de LI.

Partindo dos dados, acreditamos que assimilamos representações enraizadas na cultura e na língua, que esta “não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 157), reafirmando o pensamento, já dito anteriormente, de que a construção identitária é tanto social quanto simbólica.

No meme 4 – *Professora de quê?*, ao destacarmos a figura da professora de LI sendo associada a um aparelho portátil de som, logo nos vem à mente a frequente utilização desse aparelho para o ensino da Língua Inglesa. É notório que nenhum professor de outra área se utiliza deste aparato tanto quanto o professor de LI. Mas, por que tal fato se justifica? Tentaremos compreender retomando a história da Linguística Aplicada (LA).

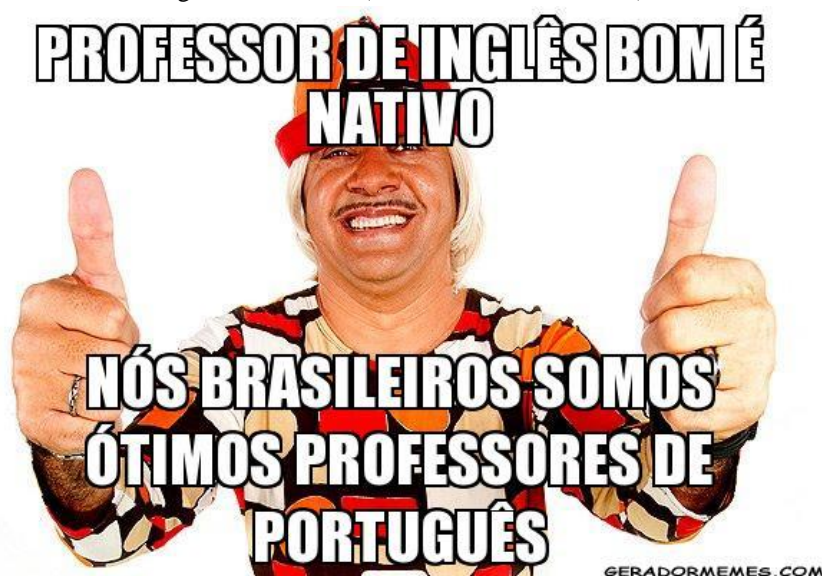
É sabido que o campo de estudos que se conveniou a chamar *Linguística Aplicada* surgiu à sombra da Linguística (RAJAGOPALAN, 2003, p. 77), extraíndo dela, sobretudo, conceitos

básicos relativos à linguagem em grande parte “[...] herdados do século XIX, quando imperava o lema “uma nação, uma língua, uma cultura” (RAJAGOPALAN, 2003, p.25). Esse fato conduziu a LA a ser compreendida como uma disciplina voltada para o ensino de línguas estrangeiras que, na época, representava uma abordagem científica do ensino de línguas estrangeiras. Durante muito tempo, a LA foi vista como uma forma de aplicar a Linguística teórica ao ensino de línguas, ou seja, era uma ciência voltada para os métodos e técnicas de ensino (RAJAGOPALAN, 2003).

Assim, facilmente passamos a compreender o porquê de durante muitos e muitos anos o aparelho de som vir se constituindo uma ferramenta basilar no trabalho do professor de LI. Pois, o que era melhor que aparelho de reprodução da voz para retratar a língua estrangeira em sala de aula? O aluno deveria repetir e, posteriormente, pronunciar as frases isoladas descontextualizadas, fora de um contexto real. Era o conhecido método audiolingual³³.

4.3.4 4º Print - Identidade x Cultura

Figura 6 - Meme 5 (Professor bom é o nativo)



Fonte: Fanpage Profissão Professor

³³ Audiolingual: também chamado de áudio-oral, este método surgiu pela necessidade americana de comunicação durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando os soldados que estavam à frente da batalha tiveram que aprender línguas europeias. Trazida para a sala de aula, esta metodologia dá enfoque na audição e fala, ou seja, no ouvir e falar e somente depois na leitura e escrita. Acredita-se que a língua é um hábito que se adquire através da fala, em um processo mecânico de estímulo e resposta, onde as respostas certas são reforçadas e as erradas simplesmente ignoradas. As regras aqui dão lugar aos exemplos e modelos corretos que deveriam ser seguidos. A aquisição da língua vinha por intermédio da repetição e memorização. Ou seja, as estruturas (modelos) apresentadas eram repetidas oralmente, a fim de serem totalmente memorizadas. O professor continua sendo o centro, pois é considerado o mediador do ensino e aprendizagem. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/metodologias-ingles.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

O meme nos expõe a figura de um indivíduo bastante conhecido no cenário social brasileiro, popularmente conhecido pelo nome artístico *Tiririca*³⁴. Apesar de ser cantor, compositor e humorista, foi apenas quando ingressou para a política brasileira, nas eleições de 2010, ao se eleger como o terceiro deputado federal mais bem votado do estado de São Paulo que o nome de Francisco Everardo Oliveira Silva ganhou notoriedade na sociedade. Isso porque sua campanha e eleição foram marcadas por polêmicas. Utilizou bordões como *O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto e Pior do que tá não fica, vote Tiririca*. Tais bordões debochados levaram um candidato a deputado estadual a representá-lo junto ao Ministério Público Eleitoral, sob o fundamento de que estaria afrontando o Congresso Nacional e o poder público em geral. A representação, contudo, foi arquivada. Posteriormente, Tiririca foi apontado como analfabeto pela Revista Época, condição essa que impediria sua candidatura.

Acusado de falsificação, Tiririca confessou que não escreveu a declaração de escolaridade de próprio punho, como exige a legislação eleitoral, mas teria sido ajudado por sua mulher. A defesa de Tiririca alegou que ele sofreria de “Transtorno de Desenvolvimento da Expressão Escrita”, uma deficiência motora que o impediria de segurar uma caneta com firmeza. A defesa afirmou que Tiririca contou com o auxílio de sua mulher para escrever de próprio punho a declaração de alfabetização, exigência da lei eleitoral brasileira. A mulher de Tiririca teria apoiado sua mão sobre a mão do marido para ajudá-lo a firmar a caneta no momento da redação. Segundo a defesa, por causa da deficiência, Tiririca também estaria impossibilitado de fazer testes de escrita.

Todavia, tal explicação contradiz o vídeo gravado por ÉPOCA em setembro, que deu origem às suspeitas de analfabetismo. As imagens mostram Tiririca dando autógrafo a um fã. Fato este que o levou a ser submetido a testes de leitura e escrita em audiência na Justiça Eleitoral. Durante o teste, Tiririca leu o título e o subtítulo de duas páginas de um jornal. Sendo também submetido a um ditado. Na ocasião, o Ministério Público oficiou pela impugnação da candidatura, tendo em vista que o candidato não teria alcançado 30% do desempenho mínimo desejável. O que gerou um processo judicial de repercussão nacional que teve fim em dezembro do mesmo ano e culminado com a sua diplomação na Assembleia Legislativa em São Paulo. Tiririca foi aplaudido pelas pessoas que estavam nas galerias. Afirmou pretender focar seus

³⁴ Biografia produzida com base nas informações retiradas da *internet*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tiririca_\(artista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tiririca_(artista))>. Acesso em: 10 mai. 2018.

projetos nas áreas de educação e cultura, na defesa de artistas circenses em geral e ciganos, se constituindo também membro da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

O esclarecimento do personagem torna-se elemento de suma importância para repensarmos e analisarmos o enunciado que funda o meme 5: *Professor de inglês bom é nativo – nós brasileiros somos ótimos professores de português*. Há, no meme, um ressoar de vozes, onde “sempre uma dessas vozes, independentemente de nossa vontade é de nossa consciência, coincide com a visão, com as opiniões e com as valorações da classe a que pertencemos” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 165). Isso posto, o professor de LI, ao replicar o meme, refuta um posicionamento ideológico e, ao mesmo tempo, valorativo da palavra.

A imagem de Tiririca nos direciona a pensar sobre a cultura popular e sobre a forma como ela se materializa na linguagem, isso requer ir além dos recursos linguísticos utilizados e adentrarmos nos fatores de ordem sócio-político-ideológica e de como esses interferem nos discursos.

Ao tomarmos posse da história e de todo contexto social dentro do qual se encontra Tiririca que, apesar de ser político, não aparece na imagem vestido como tal, mas sim com um figurino típico de seus espetáculos humorísticos, como um palhaço – roupa colada, muito colorida, peruca e chapéu – pronunciando um discurso de que *professor bom de inglês é o nativo, e que nós brasileiros somos ótimos professores de português*, não é à toa que a imagem de um palhaço que esteve envolto em um processo judicial para comprovar sua alfabetização se constituiria na ferramenta perfeita para dessacralizar a imagem dos políticos brasileiros, aliada à concepção de que, para ser professor de inglês precisa ser nativo. Se assim fosse verdade, Tiririca, nesse pensamento, se constituiria um ótimo professor de Português, pregando uma falsa ideia de que todo brasileiro pode ensinar sua língua materna, assim como todo nativo da LI encontra-se apto para ensinar Inglês, enquanto a verdade é que para ser professor não basta ser nativo, se constitui um processo bem mais amplo.

É nesse sentido que Bakhtin (2013), ao analisar o riso na obra de Rabelais, propõe que esse seja visto, não somente por seu aspecto cômico, alegre, mas também, por se apresentar como uma força centrífuga que atua na revitalização das verdades impostas – dialogando com o meme em questão, implantar a ideia irônica de que basta ser nativo para se ensinar uma língua.

Ainda estabelecendo um diálogo entre a obra em questão e o meme 5, respaldamos que a visão de subversão da ordem encontrada no carnaval por Bakhtin (2013), apontada por ele como responsável pela renovação da linguagem e o surgimento de novos gêneros discursivos, torna-se perceptível desde o próprio apontamento do meme como um novo gênero da virtualidade, que através do elo entre o sério e o cômico – voltemos a pensar no meme e de

como ele se utilizou da imagem Tiririca como palhaço –, nos direciona a pensá-lo também dentro de um contexto sócio-político-cultural, devido à ambivalência, ora manifestada no mundo carnavalizado de Bakhtin, aqui explícita no jogo imagético e excêntrico entre o palhaço e o político. E “a excentricidade é uma categoria específica da cosmovisão carnavalesca [...] ela permite que se revelem e se expressem - em forma concreto-sensorial- os aspectos ocultos da natureza humana” (BAKHTIN, 2015b, p. 140).

O jogo, refratado no meme 5, nos permite fazer críticas de maneira lúdica e mordaz. O sujeito, professor de LI, deixa de ser alienado, ganhando voz para dizer o que pensa através de gestos e vocabulários que lhe convém. Não se faz distinção entre atores e plateia (que no nosso caso são todos usuários do *Facebook*), todos ocupam as duas funções. Voltando ao carnaval na visão bakhtiniana, mesmo os espectadores mais passivos não assistem o carnaval impunemente, vivem as situações que são colocadas em jogo. Assim, acontece também no *Facebook*: os professores de LI profetam e participam de debates e de mobilizações sociais com o intuito de legitimar, de resistir ou de criar uma identidade profissional. Por outro lado, há uma procura incansável de ideias e referências socioculturais que possam representar as suas identidades pessoais. Portanto, outra vez, retorna-se a questão da importância da alteridade para a conformação das identidades pelo fato de que, mediante a avaliação da semelhança ou da diferença, podemos nos reposicionar enquanto sujeitos.

Retornemos aos bordões utilizados por Tiririca em sua campanha política: *O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto e Pior do que tá não fica, vote Tiririca*. Sabemos que não há nem pode haver enunciados neutros. “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isso é, uma tomada de posição nesse contexto” (FARACO, 2009, p. 25). Sabendo disso, tomemos o fato de que Tiririca, na época, firmou sua campanha em cima da crítica social de que deputado federal não trabalha. As frases ditas repercutiram na sociedade, gerando um processo de refração que, por sua vez, trata de uma posição axiológica, recortada pelo viés valorativo da pessoa. Segundo Bakhtin (2010a), todo enunciado é sempre ideológico e se constrói atravessado por diversos quadros axiológicos, pois sua significação apresenta sempre uma dimensão avaliativa.

De um lado, os políticos que acham esses bordões uma afronta à democracia brasileira, do outro lado o povo, com pensamento contraditório, usando o cômico para ampliar os defeitos, para explicitar o ridículo expresso nas atitudes políticas dos deputados, encarando o riso como uma força revolucionária, de um elemento organizador da vida social. Através do riso, o eleitor desestabiliza a ordem, “abre cancelas, faz o caminho livre” (BAKHTIN, 2017, p. 25). Ao rir

sobre determinada piada/bordão, firma o poder de decidir o que fazer com seu voto. E o professor de LI, de posse dessa informação, das diferentes vozes que constituem o enunciado, nega ou ocupa uma posição ativamente responsiva e se posiciona axiologicamente sob o enunciado de que basta ser nativo para ser ensinar uma língua.

4.4 DIALOGANDO COM OS MEMES

Neste trabalho, ao tratarmos os memes como enunciados vivos que, por sua própria natureza, ao serem replicados, partilham e propagam posicionamentos identitários de professores de LI, sustentamos a ideia de que memes do *Facebook* devem ser compreendidos como uma forma de “materialização” de uma ação que é, sobretudo, dialógica. Eles são algo muito maior do que apenas um conjunto de imagens e/ou textos, eles refletem e refratam ações de usuários que, dentre toda uma gama de possibilidades, podem curtir, compartilhar, comentar, criticar, mas podem, principalmente, rir. Rir do que lhes parece ridículo, rir por discordarem, rir por alegria, para zombar; e rir, principalmente, por liberdade.

“Na cultura dos múltiplos tons até os tons sérios soam de modo cômico: sobre eles recaem os reflexos dos tons cômicos; eles não perdem a sua exclusividade e sua singularidade, são completados pelo aspecto do riso” (BAKHTIN, 2017, p, 25). Sobre o riso, Bakhtin (2013) lhe confere diferentes dimensões, um riso coletivo que se opõe ao tom sério e à solenidade repressiva da cultura oficial e do poder real, mas que não se limita a ser negativo e destrutivo, antes, projeta um *povo que ri* em liberdade fecunda e regeneradora como a própria natureza.

O riso foi, sem dúvida, um elemento chave no diálogo que travamos com os memes analisados. Em todo percurso, os memes se entrelaçavam, ora divergindo ora se complementando, mas todos em todos os momentos, desvelaram vozes: a voz do professor que se sente massacrado economicamente pela sociedade e pelo governo, sem prestígio social, desatualizado, visto pelo aluno como um elemento de outra cultura – ou pior, de outro planeta, um profissional profanado e destronado de sua posição; mas, por outro lado, há a voz de um docente que ri de tudo isso, que contradiz sua atual situação, subverte a ordem estabelecida e se posiciona como um sujeito antenado, contemporâneo e, sobretudo, detentor de um poder sem igual: induzir a questionamentos e a ações que transformam realidades.

Voltemos, portanto, aos memes 1 e 2,

Figura 7 - Retomada dos memes 1 e 2



Fonte: elaboração própria

Os memes apontam para um discurso culturalmente formado na sociedade de que professor é um indivíduo sem prestígio social. A desvalorização docente emerge ancorada em uma divisão de classes: de um lado, os políticos, a classe economicamente superior; de outro, os professores, a classe trabalhadora. As ilustrações simbolizam não apenas a imagem que a sociedade elabora do professor, mas igualmente podemos inferir que as qualificações adquiridas pelo professor encontram-se intimamente relacionadas aos valores capitalistas de nossa sociedade, dentre os quais não somos valorizados pelo que somos, mas pelo que conseguimos acumular de bens materiais.

Porém, percebe-se nos memes 1 e 2 um riso irônico, se configurando uma expressão de identidade na medida em que há um processo de identificação de um ponto de vista crítico e a exposição de algo a ser considerado risível perante a um segmento da sociedade (rindo das regalias descritas pelo Ministro, por exemplo). Sendo assim, o riso retrata a hipocrisia da vida social.

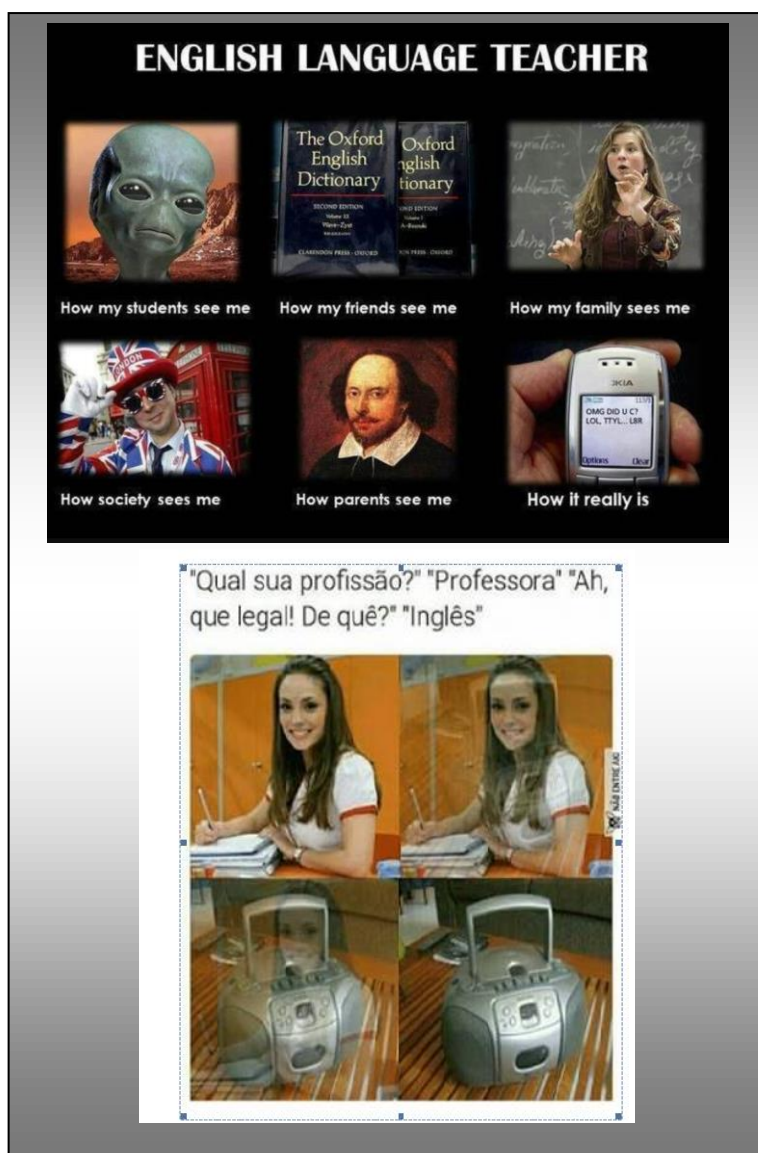
Ao compartilhar o posicionamento de ser um indivíduo perigoso, este professor perturba a ordem social, opondo-se à lógica do sistema capitalista de que dinheiro é poder e instaura o pensamento de que o poder está de fato atrelado ao conhecimento. É através da sua atuação em sala de aula que emerge a consciência desse poder na sociedade. Para Bakhtin (2013), o riso deve ser entendido como um fenômeno histórico-cultural, imbricado nas relações de poder presentes na sociedade.

A eliminação provisória das relações hierárquicas produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica. As formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão

embebidos da noção e lirismo da alternância e da renovação, da consciência, da alegre relatividade das verdades e das autoridades do poder. A vida, aqui transfigurada nos memes, encontra-se absorvida pela impactante cosmovisão carnavalesca.

Retomemos agora os memes 3 e 4,

Figura 8 - Retomada dos memes 3 e 4



Fonte: elaboração própria

Um ponto interessante nos memes é que sua compreensão exige um conhecimento técnico não apenas da Língua Inglesa, mas também da linguagem usada especificamente em ambientes *online*, levando-nos a afirmar que o riso explicitado é exclusivo não de uma, mas de duas classes sociais particulares – o professor de LI e o usuário de *internet*. Os memes

selecionam o ouvinte que, por outro lado, sem os conhecimentos técnicos apropriados, dificilmente vai interagir com os enunciados. Não entenderá que a expressão: *LOL* significa, na língua inglesa, *Laughing out loud*. Fato que nos leva ao encontro dos apontamentos de Volóchinov (2017) sobre a linguagem. Para ele, a esta deve ser entendida como uma atividade e não como um sistema abstrato de formas. Cada palavra proferida é um elo entre os sujeitos envolvidos no processo de comunicação. “A palavra se posiciona não como um vocábulo de dicionário, mas como uma palavra presente nos enunciados mais variados da combinação linguística” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 180).

“Fora da enunciação, a palavra só existe no dicionário, mas nesse é uma palavra morta, não é se não um conjunto de linhas retas ou semicirculares, de marcas de tinta tipográfica sobre uma folha de papel em branco” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 194). Assim, mais uma vez, fica claro a importância da visão do *outro* no diálogo. O diálogo com outrem como um fator fundamental para a construção da identidade. A constituição do eu sempre é concessão do outro (VOLÓCHINOV, 2017).

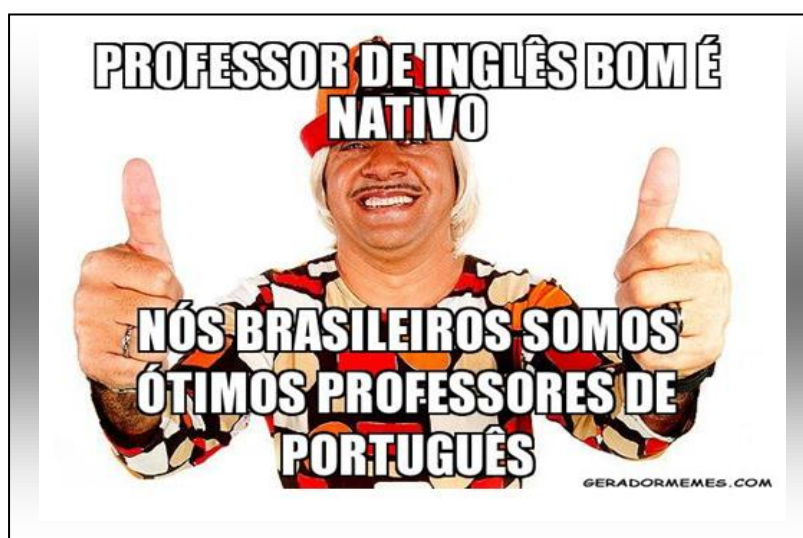
Recordemos mais vez que o falante em questão, o professor, pertence a uma classe específica, tem uma profissão, é partícipe de uma comunidade, com diferentes outros. Dessa forma, não podemos esquecer que as comunidades das quais participamos, as experiências vividas em diferentes contextos e fatores sociais e culturais influenciam o processo de construção de identidade ou, por que não dizer, de identidades, já que o indivíduo possui múltiplas identidades e que elas podem variar de acordo com as interações e os contextos nos quais o indivíduo está inserido em determinado momento (HALL, 2015).

Nos memes 3 e 4, a identidade do professor é constituída por elementos externos e internos, ou seja, é construída a partir da imagem que o professor tem de si mesmo e da imagem que os outros têm desse determinado profissional. A relação entre fatores internos e externos na construção da identidade pode ser considerada simbiótica, no sentido de que o interno influencia o externo e vice-versa (BEIJAARD; MEIJER; VERLOOP, 2004). No caso, a imagem do professor construída por outros (externo) pode influenciar a forma que o próprio professor se vê (interno), assim como o autoconhecimento (interno) pode auxiliar o profissional a lidar com elementos externos à sua profissão.

Dessa forma, cremos que necessitamos da alteridade e dos referenciais culturais para identificarmos-nos, diferenciarmos-nos e elaboramos um sentimento de pertencimento identitário.

Ao dialogarmos com o meme 5, percebemos que este se encontra envolto em uma cultura de ensino de língua estrangeira fortemente enraizada numa linguística norteada em princípios de linguagem que buscava homogeneizar, unificar a língua.

Figura 9- Retomada do meme 5



Fonte: elaboração própria

Na linguagem do riso, aqui parece-nos ser uma resposta à cultura oficial de que para ser professor basta ser um falante nativo da língua e de que o inglês falado aqui no Brasil é inferior ao falado em outros países. O riso escrachado presente no meme e compartilhado por professores de LI, oferece aos sujeitos uma forma de combate às verdades passadas, as formas de poder pela língua, de libertação do preconceito linguístico que assombra, durante décadas, os professores de LI: de que eles não sabem falar inglês, ou até mesmo que seu inglês é inferior ao britânico/americano.

Nesse processo, o meme desnaturaliza as hierarquias de poder, ao colocar um palhaço, que por sua vez é também político, nativo da Língua Portuguesa, porém vítima de um processo que colocou em xeque sua alfabetização e domínio da mesma. É ou não é engraçado? Se, para ser considerado bom professor de LI, basta ser nativo, então, para se ensinar Português, basta também ser apenas um falante nativo da língua. Inclusive Tiririca, por ser um falante nativo da Língua Portuguesa, pode ser considerado um ótimo professor.

Na concepção bakhtiniana, quando um sujeito utiliza uma linguagem carnavalizada, não se limita a reproduzir os discursos impostos pela ideologia oficial. Pelo contrário, tem a capacidade de criar novos sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo que o cerca, o que implica a ideia de um sujeito ativo, histórico, inacabado e em constante processo de transformação. Por

essa perspectiva, podemos afirmar que uma linguagem carnavalizada contesta a ideia de uma identidade única, fixa, centrada, como também de que os enunciados têm um sentido unidirecional.

É notável a forma como os memes desta pesquisa nos implicam o riso. O ambiente do *Facebook*, apesar de possuir características próprias de interação, mediadas pela difusão de informações, de gostos e de preferências culturais, permite identificarmos facilmente, nas postagens replicadas, o humor e o riso. Ao dialogarmos com a visão do riso da Idade Média e do Renascimento exposta por Bakhtin (2013), o vislumbramos como a expressão de uma consciência livre, nova e crítica sobre o mundo.

Outro fato que merece destaque no meme 5 está relacionado a Tiririca estar fantasiado com um traje típico dos seus shows de humor. Nota-se que este meme se interrelaciona com o meme 3, onde encontramos, na visão da sociedade, o professor também vestindo uma fantasia, observações essas que nos direcionam, mais uma vez, à visão carnavalesca bakhtiniana: a fantasia como elemento obrigatório na festa popular demonstra a especificidade e o caráter dos folguedos carnavalescos. Ao despir-se da real identidade através da máscara, escancara-se a relativização do regime hierárquico, instaura-se a liberdade e elimina-se a distância entre as pessoas. Para Bakhtin (2013, p. 70),

[...] um dos elementos obrigatórios da festa popular era a fantasia, isto é, a renovação das vestimentas e da personagem social [...] o elemento da relatividade e de evolução foi enfatizado, em oposição a todas as pretensões de imutabilidade e atemporalidade do regime hierárquico medieval.

Todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados da força da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades do poder. A relativização da verdade e do poder dominantes constitui um dos sentidos profundos do riso carnavalesco nas suas múltiplas manifestações. Ao ridicularizar tudo o que se arroga de uma condição imutável, transcendente, definitiva, o carnaval celebra a mudança e a renovação do mundo.

Assim, também é o meme, através dele o professor de Língua Inglesa se impõe contra o preconceito linguístico, incorporado por nossa sociedade, de que falantes não nativos da LI não constituem falantes competentes de LI, ou até mesmo contra um pensamento que vê a língua como algo estático, imutável e morto, esquecendo, portanto, dos múltiplos dialetos, sotaques e variantes a ela incorporados.

Desse modo, o professor de LI encontra-se envolto em uma série de discursos que os posicionam em determinados modos de ser, agir e pensar. A linguagem atua decisivamente no processo de construção de sentidos sobre quem somos, sobre os outros com os quais interagimos e sobre o mundo que nos cerca (MOITA LOPES, 2002), pois os discursos são práticas sociais que têm o poder de criar os objetos sobre o qual “falam”, exercendo forte influência sobre o modo como percebemos a realidade.

Para construir seus enunciados nos memes expostos, os professores de LI realizam escolhas de estilo, estrutura composicional e temas, objetivando gerar os efeitos de sentidos pretendidos e constroem outros modos de ser professor além daqueles impostos pelas ideologias oficiais. Seus enunciados trazem marcas do momento histórico, das relações de poder e das posições que ocupam e querem ocupar na sociedade, direcionando-nos ao entendimento de que a maneira como utilizamos o *Facebook*, ao compartilharmos memes, implica selecionar certos caracteres da nossa própria identidade, tendo como critério como desejo ser visto, o que, de certa forma, pode estar relacionado a identidades almejadas e socialmente desejadas (ROSA; SANTOS, 2013).

5 ACESSO ILIMITADO

Na crise, gesta-se o novo

Geraldi, 2010

Novos tempos, o que é isso? Mudança? Transformação? Que pensamentos são esses que nos assolam e nos guiam, mas não dão conta de responder o que somos hoje?

Provocam-nos a sair de uma perspectiva estabelecida e predominante para a necessidade de novos e diferentes dizeres sobre o mundo: como devemos nos posicionar, relacionar e interagir.

Extrapolar um mundo em que “ser” professor de Língua Inglesa tornou-se um desafio ou uma incógnita maior, nos direciona ao pensamento de um sujeito singular, único, imerso em uma discussão de identidades culturais articuladas com práticas comunicacionais, em face de um mundo interconectado, onde o entendimento da identidade deste profissional deve estar intimamente atrelado à construção de uma nova identidade cultural, formada por diversas outras representações e experiências sociais.

No transcorrer da realização deste trabalho, no intuito de investigar as identidades culturais de professores de LI, construídas a partir de discursos que circulam nos memes compartilhados por esses no *Facebook*, e de pesquisar as relações dialógicas estabelecidas por essas identidades culturais, compreendemos que as vozes dos professores de LI, nos memes, delineiam a imagem de um profissional em processo de reconfiguração. Esse profissional está imerso em conflitos, cujos posicionamentos, procuram, sobretudo, subverter a realidade atual. O conflito está em equilibrar a construção de um *ethos* subalterno culturalmente ancorado em já-ditos depreciativos de que professor ganha pouco, é desatualizado, não tem reconhecimento social e não fala bem a LI, com a necessidade de se impor enquanto um profissional contemporâneo, apto e preparado para o ensino de LI. Ao renunciar essa voz depreciativa, revela-se no enunciado do professor de LI um tom incisivo que marca a certeza da diferença do que se fala e de como tudo é de fato.

Nesse sentido, devemos reconhecer que as identidades culturais dos professores de LI são socialmente construídas e, assim como ocorre fora do ambiente *online*, no *Facebook*, aquilo que é socialmente compartilhado e replicado passa a exercer grande força e ganha *status* de verdade. Daí a necessidade de evitarmos reforçar o desprestígio social, material e linguístico da profissão e exaltarmos sempre as experiências bem sucedidas, os resultados positivos e as

qualidades deste profissional para, paulatinamente, alterarmos o discurso vigente e estabelecermos um novo olhar cultural do “ser” professor de LI.

O professor, ao ser discursivizado no *Facebook* de forma depreciativa, evidencia que as peculiaridades da sociedade contemporânea manifestam-se também nesse espaço virtual: a organização social, a influência da economia de mercado na vida das pessoas, a constituição de grupos distintos e a existência de múltiplas formas de interação mediadas pela linguagem. Tudo isso alarga nossa percepção sobre como as identidades culturais do professor de LI vêm sendo construídas no interior do *Facebook*.

Com efeito, ao tornarem-se membros ativos de *fanpages* que versam sobre a identidade docente, esses sujeitos encontram incentivos e até mesmo acolhimento de *outros* que compartilham as mesmas experiências ou não, o que nos leva a compreender que é na relação dialógica que o sujeito se coloca como ser responsivo, se posiciona e reage aos *já-ditos* constituindo uma identidade docente firmada na alteridade e na singularidade.

Ao longo da investigação realizada, os professores de LI, ao se instituírem membros ativos das *fanpages* dentro do *Facebook*, promovem a difusão e o intercâmbio de referenciais socioculturais que transcendem as fronteiras geográficas e tornam-se acessíveis a pessoas oriundas de distintas localidades. Consequentemente, nesse contexto, divulgam-se opiniões, preferências culturais, ideologias, ideias e posicionamentos diversos que são transmitidos via interações entre os usuários e tendem a influenciar a forma como o professor de LI constrói sua identidade.

Com efeito, os dispositivos “curtir” e “compartilhar” permitem que cada usuário consinta, aprove repasse e publique postagens. Considerando que as postagens constituem uma maneira de expressar opiniões, ideias, pensamentos e desejos, inferimos que há uma espécie de comercialização destes na rede, a qual promove identificações recíprocas dentre os adeptos das *fanpages*. O compartilhamento ou o fato de curtir uma determinada postagem traz consigo a conotação de que o usuário está de acordo, se identifica com o que foi publicado. Nesse sentido, os professores pesquisados corroboraram o pensamento de identificação com o que foi exposto, mas também de que, por “curtir” ou “compartilhar” uma determinada postagem, o usuário passa a fazer parte de determinado grupo (de pessoas ou de formas de pensar) e, por conseguinte, das ideias vinculadas a ele.

As identidades, a nosso ver, são conjuntos negociáveis que adquirem sentidos para um indivíduo na medida em que o contato com a alteridade, com os referenciais socioculturais e consigo mesmo gera transformações na forma de ver e sentir a si mesmo, o mundo e os demais.

Assim, a análise dos enunciados revelou que, nesse processo de negociação de identidades culturais no *Facebook*, o professor de LI vem promovendo uma representação vinculada à identificação de um profissional cuja imagem foi “destronada” e “profanada” na sociedade atual: é um sujeito que ganha pouco em relação a outras profissões, não tem prestígio, é oprimido pela classe dominante e, por isso, é mal compreendido pelos alunos e pela sociedade. Dando contornos a essas representações culturais, não apenas construídas e partilhadas, mas principalmente nutrida e propagada com finalidades bastante ideológicas, talvez nos faça enxergar e nomear os reais interessados nessa propagação e desconfiar que eles enxerguem no professor a probabilidade de provocar mudanças de mentalidades e consequentemente de realidades.

Intercruzada com essa engenhosa e ideológica construção representacional acerca do professor de LI encontramos o perigo que se esconde por traz do ato de replicar estes memes e os posicionamentos descritos neles: a naturalização de tais posicionamentos. Ao naturalizar a ideia estamos de certa forma, propagando uma concepção simplista do ser professor e nos esquecendo de pensar nos processos históricos, nas relações políticas e ideológicas materializadas nas contingências da profissão como salários baixos, condições de trabalho indignas, opressão por parte das classes dominantes e cerceamento da voz do professor. Quem sabe esse não seria um bom tema para ser refletido em futuras pesquisas: quais as origens culturais destes discursos estereotipados sobre o docente?

Por ora, destacamos que em um mundo construído, essencialmente, de representações, as identidades se nutrem dessas imagens, movimentando-se para a necessidade de se operar mudanças significativas nas maneiras de se referir a esse profissional, reestabelecendo ou estabelecendo um novo lugar para o professor de LI. É imprescindível que encontremos, no meio da crise, algo que nos possibilite lançar outro olhar para este profissional – que não o diminua, que não o deprecie, não o desqualifique, não avilte a sua posição e que não o culpe por todas as mazelas da educação. Mas, que possibilite o gestar de um profissional que, mesmo trilhando caminhos incertos, saiba que o exercício de sua profissão é, sobretudo, um propulsor de transformação, que seu posicionamento é de resistência e de força num mundo repleto de incertezas, de identidades múltiplas e de acessos ilimitados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. L. **Mídia, educação e cidadania na aldeia global**: para que mundo estamos educando? UNirevista, vol IV, n 3, jul/2006.
- AMANTE, Lucia. *Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação*. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmeia (orgs). **Facebook e Educação**: publicar, curtir e compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa editora, 2004.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chave/Beth Brait. (org.). São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.
- ANDRAUS, Gazy. **O Meme nas Histórias em Quadrinhos**. Trabalho apresentado no NP16 - Histórias em Quadrinhos durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05-09, setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1279-1.pdf>>
- ARAÚJO, Raquel Amarante de. **Comunicação de marketing em websites de redes sociais**. Aveiro, Portugal, 2013, 94f. Dissertação (Mestrado em Marketing) –Instituto Superior de Contabilidade e Administração, Universidade de Aveiro. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. Disponível em: <<http://ria.ua.pt/handle/10773/12130>>. Acesso em: 17 abr. 2014.
- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Orgs.).**Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1997.
- BARTON, David, and Carmen LEE. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução Milton Camargo Mota 1 (2015).
- BAKHTIN, M. Forms of time and of the chronotope in the novel. In: BAKHTIN, M..**The dialogic imagination**: four essays. Trad. Caryl Emerson, Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, [1975] 1987, p. 84 a 258.
- _____. O discurso no romance. In.: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance (1934-1935). Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. p.71-210.
- _____. **Para um Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010b.
- _____. **Estética da criação verbal** . 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Tradução de Paulo Bezerra.
- _____.**A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. **Teoria do romance I- A estilística.** Tradução de Paulo Bezerra. 1ª ed..São Paulo: Editora 34, 2015a.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2015b..

_____. **Os Gêneros do Discurso.** Tradução de Paulo Bezerra. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Notas sobre a literatura, cultura e ciências humanas.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.,2004.

_____. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAITELLO JR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma.** São Paulo: Paulus, 2010.

BEIJARD, D.; MEIJER, P.C.; VERLOOP, N. Reconsiderando a pesquisa sobre identidade profissional de professores. Tradução de Lautenai A. Bartholamei Jr., Simone Reis e Lincoln P. Fernandes. In: n: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENES, T.(Orgs.). **Identidades de professores de línguas.** Londrina: EDUEL, 2011. p.1-45.

BEIJAARD, D.; MEIJER, P. C.; VERLOOP, N. **Reconsidering research on teachers'professional identify.** Teaching and Teacher Education, 20. 2004. p. 107-128. Disponível em: <WWW.elsevier.com/located/tate>Acesso em: 01 set. 2016.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine.** Oxford University Press, 1999.

_____. The power of memes. In: **Scientific American**, 283(4), 2000.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSTAD, F. Dialogue in Eletronic Public Spaces: the Semiotics of Time, Space and the Internet. In: **Bakhtinian Perspectives on Language and Culture.** Meaning in Language, Art and New Media. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004, pp. 167-184.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto, 1994.

BOYD, d. & ELLISON, N. **Social network sites:** Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em 02/06/2017.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia** . Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAIT, Beth; MELO, R. de. Enunciado/enunciando concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org). Bakhtin: conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.p. 61-78.

BRUN, M. (Re)Construção identitária no contexto da aprendizagem de línguas estrangeiras. In MOTA, K. e SCHEYERL, D. (Orgs.). **Recortes Interculturais na sala de línguas estrangeiras**. Salvador: Editora UFBA, 2004. p.73-103.

CASADO ALVES, Maria da Penha. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. In: **Revista Signótica**, v. 24, n. 2 (2012). Disponível: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/19172>>. Acesso em: 10 out 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARDON, Dominique. **A democracia internet**: promessas e limites. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CARVALHO, J. R. **Riso e as relações de poder nos textos de humor**. Revista Fórum Identidades. Ano 3, Vol.5 Jan-Jun de 2009. Disponível: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/1757/1546>>. Acesso: 10 de Jun de 2017.

CELANI, Maria Antonieta Alba; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. (orgs.) **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. p. 319-329.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Larissa et al. (Coord.). **Redes**: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009

FARIA, Marília Varella Bezerra de. **A construção poética das identidades da cidade de Natal**: um olhar bakhtiniano. 2007. 190f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

FRANCHINELLI, A.C.; MARCON, C.; MOINET, N. **A prática da gestão de redes**: uma necessidade estratégica da sociedade da informação. 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/socinfo/info14.htm>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários á Prática Educativa. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2006.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1997

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (2a ed., M. B. de M. L. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.1978

GOFFMAN, E. (2009). **A representação do eu na vida cotidiana** (17a ed., M. C. S. Raposo, Trad.). Petrópolis: Vozes. 2009

GONÇALVES, Elisabeth Maria.; SILVA, Marcelo. A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção.In: GOULARD, E. E.(org).**Mídias sociais** : uma contribuição de análise. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

GUNDERS, Jonh.; BROWN, Damon. **The Complete Idiot's Guide to Memes**. New York: Alpha, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro:DP&A, 2015.

_____.Quem precisa de identidade?. In: SILVA. T. T. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARVEY, D. **Condições Pós –modernas**. São Paulo. Loyola, 1989

HINE, C. (org). Virtual Methods:issues in social research on the Internet. New York: Berg Publishers, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

JOINSON, A.N. **Looking at, looking up or keeping up with people?:Motives and uses of Facebook**. 2008. Diponível em: <http://people.bath.ac.uk/aj266/pubs_pdf/1149-joinson.pdf> Acesso em: 10 Jan. 2017.

KEEN, A. **O culto do amador**. Rio de janeiro: Zahar, 2009.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**: Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LE MOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus. 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do Vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: relógio d'água. 1983

MACHADO, Irene. **Gêneros discursivos**. In: Bakhtin Conceitos Chave, 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: DE PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa. **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. P. 203-234.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S.(Orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagem, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MELO, R. de; AZZARI, E. F. **Olhares sobre as construções do português em redes sociais e suas interfaces com a educação crítica e pluralista**. 2016, no prelo.

MEDVIÉDEV, P. N. ***O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica***. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2015.

MOITA LOPES, L. P. da. Afinal, o que é lingüística aplicada. In: Moita Lopes, L. P da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. Discurso de identidade em sala de aula de leitura: a conversação da diferença. In: **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006

_____. (Org.). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo, SP: Parábola, 2006.

SILVERMAN, David. In: **Interpretação de Dados Qualitativos**. Métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo: 2008. Tradução de Antonio de Pádua Danesi.

NAYAR, P. **An introduction to new media and cybercultures**. Londres: Wiley-Blackwell, 2010.

NOBREGA, Livia de Padua. **A construção de identidades nas redes sociais**. In: FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Alteridade e construção de indentidades pedagógicas: (re)visitando teorias dialógicas. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M. e CORACINI, M. J. (Org.) **Práticas Identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 27-44.

_____. Linguística aplicada, o círculo de Bakhtin e ato de conhecer: afinidades eletivas possíveis?. In: RODRIGUES, R. H; PEREIRA, R. A (orgs). Estudos dialógicos da Linguagem e pesquisa em linguística aplicada. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

_____. Cultura e alteridade em diálogo no Círculo de Bakhtin e nos Estudos Culturais. In: _____ **II encontro de estudos bakhtinianos. vida, cultura, alteridade**. A Vida e as Esferas Culturais. Caderno 3. Vitória Pedro & João. 2013. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/260145627>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

PEREIRA, Marcelo Cardoso. **Direito à intimidade na internet**. Curitiba: Juruá, 2011

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, USP, v. 1. n. 1, p.72-89, jul/dez.1996.

RAJAGOPOLAN, Kanavillil. **O conceito de identidade em liguística: é chegada a hora pra uma reconsideração radical?** Tradução de Almiro Pisetta. In: SIGNORI, I. (Org). **Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

_____. Classroom as na arena for identity clashes. In: GARMAGNANI, A.M.G. e GRIGOLETTO, M. **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas textualidade**. São Paulo: USP, Humanitas, 2001. p. 70-90.

_____. **Por uma linguística crítica-Linguagem, Identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulivan, 2009.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**, 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RYAN, J. **A History of the Internet and the Digital Future**. London: Reaktion Books, 2010.

ROSA, Gabriel Artur Marra e.; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **O Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

_____. **A Discussão do conceito de identidade nos estudos culturais.**[201?] Disponível em : <<https://slidex.tips/download/a-discussao-do-conceito-de-identidade-nos-estudos-culturais>>. Acesso em: 20 de set. 2017.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013

SIBILA, P. Clique aqui para apagar más lembranças- A digitalização do cérebro em busca da felicidade. In: COUTINHO, E. G. ; FREIRE FILHO, J. e PAIVA, R. (orgs). **Mídia e poder.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos de subjetividade. *In: **Lingua(gem) e identidade.*** SIGNORINI, Inês (org.).Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Tomais Tadeu da.; HALL, Stuart.; WOODWARD, Kathryn. A produção Social da identidade e da diferença. *In: SILVA. T. T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.*** Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVERMAN, David. Interpretação de Dados Qualitativos. Métodos para análise de entrevistas, textos e interações. In: MOITA, Lopes.(Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo, SP: Parábola, 2006. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SHIFMAN, L. **The cultural logic of photo-based meme genres.** Journal of Visual Culture,v.13, n.3, p. 340-358, 2014.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Metodologia da Teoria Fundamentada.** 1997. Traduzido por Frederico José Andries Lopes. Disponível em: STRAUSS, A.; CORBIN, J. Metodologia da Teoria Fundamentada; acesso em 28 de outubro de 2011.

TANZI NETO, Adolfo; MELO, Rosineide de. **Cronotopo, remediação e os gêneros digitais no ambiente virtual de aprendizagem,** no prelo.

TAVARES, E. ; MARCHETTI, E.; BAMBIRRA, R.. **L: percursos e percalços.** In: ICCALB- International Congress of Critical Applied Linguistics Brasília, Brasil – 19-21 Outubro 2015.

TYLER,T.Onmemetics.Disponívelem:<<http://onmemetics.blogspot.com.br/2013/07/internalismexternalisminformationalism.html>>Acesso em: 02 fev. 2017.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. **Das Redes Sociais à inovação.** Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen:** identity in the age of the internet. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1995.

WOODWARD. K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA. T. T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.*** Petrópolis: Vozes, 2014.

VILCHES, L. **A migração digital.** São Paulo: Loyola, 2003.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. (trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Americo). São Paulo: Editora 34, 2017.